

UMA INTRODUÇÃO  
À  
FILOSOFIA  
DE  
SRI AUROBINDO

Joan Price

2. edição: 1982

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
1. VIDA E OBRA .....	3
2. REALIDADE ONIPRESENTE.....	11
3. MAYA SUPERIOR E MAYA INFERIOR.....	15
4. SUPRAMENTE.....	22
5. INVOLUÇÃO E IGNORÂNCIA.....	30
6. EVOLUÇÃO .....	35
7. RENASCIMENTO E KARMA.....	41
8. TRANSFORMAÇÃO.....	47
9. O SER GNÓSTICO .....	54
10. A VIDA DIVINA NA TERRA .....	59
REFERÊNCIAS.....	65

Dr. Joan Price Ockham 1977

Sri Aurobindo Ashram Press

Pondicherry 605002, India

## INTRODUÇÃO

Sri Aurobindo Ghose, posteriormente conhecido como Sri Aurobindo, 1872 - 1950, tem sido considerado um dos gênios criativos do século vinte. Sua filosofia é resultado de suas próprias experiências interiores; se tentarmos rotulá-las como idealismo, pragmatismo, misticismo ou qualquer outro "ismo", nos deparamos imediatamente com um oprimente senso de futilidade. Sri Aurobindo denominou "integral" sua própria filosofia. Esse termo descreve melhor a riqueza de complexidades que ele foi capaz de interrelacionar em um harmonioso sistema - nenhuma linha deixada sem conexões.

Sri Aurobindo aborda os problemas tradicionais da relação entre o mundo Transcendente e o fenomenal, o mundo fenomenal como realidade e ilusão, o processo evolucionário e o destino da humanidade. Sua filosofia não é limitada aos sistemas antigos; ele é contemporâneo em seu ponto de vista, que enfoca questões e soluções no mundo de hoje e conduz em direção às potencialidades expansivas da evolução futura. No decorrer de sua vida, Sri Aurobindo investigou a unidade Transcendental, o cosmos universal e o mundo de multiplicidade e encontrou o Divino presente em todos.

Desde o princípio da filosofia, filósofos têm procurado por uma visão profunda da relação entre a Realidade Una e o mundo múltiplo confrontando-nos. Como pode o Uno tornar-se o múltiplo e o múltiplo permanecer o múltiplo sem diminuir a unidade do Uno? Filósofos têm encontrado diferentes soluções, isto é, alguns postulam uma energia material como a substância do universo; outros tem argüido que unicamente a mente universal é real, portanto o mundo fenomenal de aparente multiplicidade é uma ilusão; outros ainda acreditam que a realidade reside na vontade e/ou força vital. Sri Aurobindo vê a essência da realidade em um Ser supremo onipresente que transcende o universo manifestado e nosso mundo, e ainda envolve a si próprio no universo e em toda multiplicidade. A Realidade Divina tem dois aspectos: 1) é estável e sem movimento, e 2) é dinâmica e em movimento. Ele afirma que Realidade é uma integração de Ser (Existência, Consciência e Deleite) e Vir-a-Ser (Mente, Vida e Matéria). Supramente, o princípio diretivo do conhecimento, interliga os dois reinos por sua atuação como a agência criativa na formação do mundo fenomenal. Ela própria uma unidade, a Supramente (Consciência-Verdade) contém toda multiplicidade potencialmente. É conhecimento e vontade, e nosso mundo é sua auto-manifestação. Sri Aurobindo distingue, em ordem ascendente, os planos de Matéria, Vida, Mente, Supramente, Deleite, Força-Consciência e Existência. Cada plano é qualitativamente diferente dos demais, e os seres humanos contém dentro de si próprios o poder, manifestado ou secreto, de cada um desses planos.

Essa manifestação da Unidade Divina no mundo confere a realidade do mundo; embora o Divino limite a si próprio no Inconsciente, ele não é reduzido em sua plenitude. Como todos os planos mais altos "involuem" a si próprios no Inconsciente, eles subseqüentemente "evoluem" para fora dele: o Inconsciente desenvolve no processo da evolução aquilo que existe em potencial nele. Grau após grau emerge, e ao mesmo tempo os poderes correspondentes dos planos livres mais altos, ainda não desenvolvidos, descem, auxiliando os planos mais baixos a pressionar em direção ao alto. O que primeiramente desce ou emerge é o plano mais próximo ao Inconsciente, então o próximo e assim por diante. O processo tem ocorrido inconscientemente na natureza desde o início deste ciclo de manifestação, mas com o surgimento dos seres humanos emerge uma vontade e escolha conscientes. O processo foi tornado auto-consciente e nossa cooperação consciente com a natureza para realizar o propósito Divino na evolução é agora possível.

O obstáculo que Sri Aurobindo vê é nossa ignorância. Por agirmos por intermédio da conscienciamente encarnada, e mente é o princípio da divisão, nós tendemos a identificar-nos com nosso próprio ego separado. Esta separação é necessária no curso da evolução para estabelecer a individualidade; porém, ela obscurece nosso conhecimento da unidade fundamental. No próximo estágio de nossa evolução nós penetraremos na consciência supramental onde experienciaremos a verdadeira unidade divina, com o princípio de separação incluído mas não separado dela.

A Supramente está além da mente e dos limites da razão lógica. Nós temos grande fé na razão porque pensamos que ela irá nos tornar capazes de dominar a nós mesmos e à nossa natureza. Mas a razão não possui e não pode chegar a nenhuma verdade final desde que ela não pode nem chegar à raiz das coisas nem conhecer o infinito. Por outro lado, conforme despertamos para a realidade interior de nosso ser, para uma alma, espírito, si, que é mais que mente, nós podemos nos unir com a Realidade suprema que permeia o universo e reside em cada um de nós. Esta união pode ser alcançada quando superarmos nosso senso de separação, especialmente a ego-identificação com a mente, vida e corpo. Sri Aurobindo insiste que o abismo entre mente e Supramente tem que ser superado, e isto pode ser feito somente pela transformação tripla. Deve primeiro ocorrer a mudança psíquica, onde a alma divina mais íntima transforma a egoística alma-desejo de modo que o indivíduo é capaz de sentir a Presença Divina dentro e fora de si e perceber o mundo como um jogo de puro deleite em uma multidão de centros interrelacionados. Juntamente com a mudança psíquica deve ocorrer a mudança espiritual na qual a consciência recebe a descida dos poderes mais altos, experiencia o Si universal único, realiza a unidade do transcendente, cósmico e individual. Por último, deve sobrevir a transmutação supramental - aí a Supramente desce integralmente para dentro de todas as regiões de nosso ser transformando-as em instrumentos perfeitos para a expressão divina. Neste nível nós temos o ser gnóstico vivendo a vida divina sobre a terra:

"A evolução no Conhecimento poderá ser a mais bela e gloriosa manifestação com mais vistas sempre desenvolvendo a si próprias e, em todos os modos, mais intensiva que qualquer evolução na ignorância poderia ser. O deleite do Espírito é sempre novo, as formas de beleza que este toma é inumerável, suas divindades sempre jovens e o sabor do deleite, rasa, do eterno Infinito inexaurível. A manifestação gnóstica da vida poderia ser mais plena e frutífera e seus interesses mais vívidos que os interesses criativos da Ignorância; poderia ser um maior e mais feliz constante milagre." (1)

Em sua obra magna, A Vida Divina, Sri Aurobindo nos deu a visão supramental da verdade além de dogmas religiosos e ideologias conflitantes, além de distinções culturais de Leste e Oeste, raça, cor ou credo. É propósito deste pequeno volume introduzir o leitor à vida e pensamento de Sri Aurobindo com um curto resumo biográfico de algumas de suas experiências interiores relatadas e os elementos essenciais da magnificente filosofia que resultou dessas experiências.

## Capítulo 1

### VIDA E OBRA

Sri Aurobindo nasceu em Calcutá, Índia, a 15 de agosto de 1872, em uma família de quatro irmãos e uma irmã. Seu pai, Dr. K. D. Ghose, recebeu sua formação em medicina na Inglaterra e insistiu que Sri Aurobindo e dois de seus irmãos fossem educados lá. Mesmo antes dos sete anos, quando foi mandado à Inglaterra, seu pai contratou uma governanta inglesa em Calcutá para que sua criança pudesse crescer ignorando a língua, cultura e religião indianas. A convicção anti-religiosa de seu pai foi lembrada por Sri Aurobindo anos mais tarde:

"Todo mundo considera os pais de um grande homem muito religiosos, piedosos, etc. Isto não é verdade em meu caso, em nenhuma medida. Meu pai era um tremendo ateu." (1)

Um jovem precoce, Sri Aurobindo aprendeu a ler e escrever latim, francês, e escreveu poesias em inglês. Aos doze anos de idade, ingressou na St. Paul's High School, em Londres, e, mais tarde, cursou o King's College, em Cambridge. Estudou os filósofos, poetas e dramaturgos em grego original e então foi dominar os idiomas alemão e italiano. Recebeu prêmios por excelentes composições sobre os clássicos, literatura e história. Embora os anos de "High School" fossem muito frutíferos academicamente, os fundos enviados por seu pai cessaram quase inteiramente e Sri Aurobindo viu-se forçado a dormir em um apartamento londrino sem aquecimento, ir à escola sem casacos pesados e alimentar-se com apenas metade do que lhe seria necessário. Contudo, graduou-se com honra na St. Paul's e formação plena em Cambridge.

No colégio, seus interesses voltaram-se para a libertação da Índia do domínio Britânico, e ingressou em uma sociedade secreta denominada "Lotus and Dagger" (lótus e punhal). Breve como foi a sociedade, Sri Aurobindo ficou com uma forte impressão de que um período de distúrbios violentos e transformações revolucionárias no mundo estava vindo e que ele estava destinado a ser parte disso. Prosseguiu seus estudos dos clássicos, poesia e línguas, ganhando honras em todos. Em Cambridge, conforme pedido de seu pai, estava sendo preparado para o Serviço Civil Indiano, conhecido na época como o "serviço celeste". Ele atingiu recordes em pontos no exame de grego e latim do Serviço Civil Indiano, mas não desejando trabalhar para o governo Britânico, não compareceu ao teste departamental de equitação e foi desclassificado. Antes da colação de grau em Cambridge, Sri Aurobindo trocou a Inglaterra por seu lar, que não viu por quatorze anos. Desembarcou na Índia somente para saber da morte de seu pai e encontrar sua mãe mentalmente muito doente para reconhecê-lo. Mas outro evento ocorreu a ele no momento em que tocou o solo indiano; a escuridão que, disse ele, o envolveu durante todos os seus anos na Inglaterra se dissipou:

"Desde que toquei meus pés em solo indiano, no cais Apolo, em Bombaim, comecei a ter experiências espirituais, mas estas não eram divorciadas deste mundo, tinham uma relação íntima e infinita com ele, tal como um sentimento de o Infinito permeando o espaço material e o Imanente residindo em objetos e corpos materiais." (2)

Seu primeiro trabalho na Índia foi como professor de francês e inglês no Colégio Estadual de Baroda. Seu primeiro amor foi a própria Índia. Escreveu uma série de fortes artigos atacando a política moderada do Congresso Nacional Indiano e a Rainha-Imperatriz da Índia, a quem se referiu como "uma velha senhora assim chamada por cortesia". A respeito de seus próprios compatriotas, ele escreveu, "Nosso verdadeiro inimigo não é nenhuma força exterior a nós mesmos, mas nossa própria lamentada fraqueza, nossa covardia, nosso míope sentimentalismo" (3).

Em seu ímpeto para levantar e libertar as massas de seu povo, ele decidiu praticar Yoga, não apenas como um trabalho espiritual, mas para obter uma força interior para uso nos bastidores da cena política. Ao mesmo tempo, estudou diversas línguas indianas. Evidentemente, os estudantes ficaram impressionados com os discursos de Sri Aurobindo; em uma ocasião, após uma sessão no Congresso, eles desatrelaram os cavalos de sua carruagem e puxaram-na até sua casa.

Em 1906 ele renunciou ao Colégio Estadual de Baroda para aceitar a presidência do novo Colégio Nacional, que havia sido fundado de acordo com seus princípios. Então passou a manifestar abertamente seus ideais políticos e logo foi reconhecido como um líder nacional para a libertação da Índia. Em seus editoriais para um jornal diário, ele conclamou a nação a um programa de boicote, educação nacional, resistência passiva e completa independência. Quando o governo Britânico procedeu à investigação no jornal, Sri Aurobindo foi acusado, mas absolvido.

Neste momento de sua carreira, Rabindranath Tagore, o Prêmio Nobel, escreveu sua "Homenagem a Sri Aurobindo":

### SAUDAÇÃO

Rabindranath, O Aurobindo, bows to thee!  
 O friend, my country's friend, O voice incarnate free,  
 Of India's soul! No soft renown doth crown thy lot,  
 Nor pelf or careless comfort is for thee; thou'st sought  
 No petty bounty, petty dole; the beggar's bowl  
 Thou ne'er hast held aloft. In watchfulness thy soul  
 Hast thou e'er held for bondless full perfection's birth  
 For which, all night and day, the god in man on earth  
 Doth strive and strain austerely; which in solemn voice  
 The poet sings in thund'rous poems; for which rejoice  
 Stout hearts to march on perilous paths; before whose flame  
 Refulgent, ease bows down its head in humbled shame

...

The fiery messenger that with the lamp of God  
 Hath come - where is the king who can with chain or rod  
 Chastise him? Chains that were to bind salute his feet,  
 And prisons greet him as their guest with welcome sweet,

...

When I behold thy face, 'mid bondage, pain and wrong  
 And black indignities, I hear the soul's great song  
 Of rapture unconfined, the chant the pilgrim sings  
 In which exultant hope's immortal splendour rings,  
 Solemn voice and calm, and heart-consoling, grand  
 Of imperturbable death, the spirit of Bharat-land,  
 O poet, hath placed upon thy face her eyes afire  
 With love, and struck vast chords upon her vibrant lyre,-  
 Wherein there is no note of sorrow, shame or fear...

Sri Aurobindo continuou a praticar Yoga almejando elevar a atmosfera política a um nível espiritual. E o fez em meio a envolvimento revolucionário, escritos, administração do colégio e estudos. Não havia dúvidas quanto a seu progresso no Yoga; então sentiu que tinha chegado a hora de consultar uma autoridade no assunto e, em 30 de dezembro de 1907, foi ao Yogi Vishnu Bhaskar Lele. "Quero fazer Yoga", disse Sri Aurobindo, "mas para o trabalho, para ação, não para sannyasa

(renunciando ao mundo) e o Nirvana". "Para você", respondeu Lele, "será fácil, pois você é um poeta" (4).

Durante três dias os dois permaneceram em uma sala isolada. Sri Aurobindo relata as instruções de Lele e nos diz o que aconteceu:

"Sente-se em meditação, mas não pense, olhe apenas para sua mente; você verá pensamentos vindo para dentro dela; antes que eles possam entrar, lance-os para longe de sua mente até que ela seja capaz de silêncio completo...(5). Nos sentamos juntos e eu segui com absoluta fidelidade o que ele instruiu-me a fazer; nem eu mesmo tinha a menor idéia de para onde ele estava me conduzindo ou eu mesmo estava indo. O primeiro resultado foi uma série de experiências tremendamente fortes e uma radical transformação de consciência que ele (Lele) nunca havia pretendido - pois elas eram 'Adváiticas' e 'Vedânticas' e ele era contrário ao Advaita Vedanta (6), - e que eram até contrárias às minhas próprias idéias, pois elas fizeram-me enxergar, com uma intensidade estupenda, o mundo como um jogo cinematográfico de formas vazias na universalidade impessoal do Brahman absoluto." (7)

"Isto (o nirvana) lançou-me repentinamente em uma condição acima e sem pensamentos, não sustentada por qualquer movimento vital ou mental; não havia ego, nenhum mundo real - somente quando se olhava através dos sentidos imóveis, algo era percebido ou penetrava em seu puro silêncio como um mundo de formas vazias, sombras materializadas sem verdadeira substância. Não havia nenhum Uno ou mesmo múltiplos, somente apenas absolutamente Aquilo, sem aspectos, sem relações, puro, indescritível, inconcebível, absoluto, ainda supremamente real e unicamente real. Isto não era nenhuma realização mental nem algo vislumbrado em algum lugar acima, - nenhuma abstração -, era positivo, a única realidade positiva - embora não fosse um mundo físico espacial, ocupava ou mesmo preenchia e inundava com seu semblante o mundo físico, não deixando lugar ou espaço a nenhuma outra realidade além de si própria, não permitindo nada mais parecer atual, positivo ou substancial... O que isto trouxe foi uma paz inexprimível, um silêncio estupendo, uma soltura e liberdade infinitos." (8)

Tal experiência do transcendente impessoal é frequentemente considerada como o final culminante da liberação, mas para Sri Aurobindo isto foi o início, o primeiro passo em direção à descida da Supramente, não um fim afinal.

Logo após esta tremenda experiência espiritual, um estranho incidente ocorreu. Um dos revolucionários lançou uma bomba caseira na carruagem do magistrado de Calcutá (ele tinha chicoteado um jovem revolucionário de 15 anos de idade até este cair inconsciente), mas ocorreu que, em lugar do magistrado, duas senhoras estavam na carruagem e ambas foram mortas. Como resultado desse incidente, Sri Aurobindo foi detido na manhã de 4 de maio de 1908 pela polícia Britânica. Mais tarde ele lembrou:

"Quando fui detido e levado à estação de Lal Bazar, fiquei abalado em minha fé por um momento, pois não pude olhar para dentro de Sua intenção. Vacilei, portanto, por um momento e em meu coração clamei por Ele - 'O que é isto que aconteceu a mim? Eu acreditava que tinha uma missão de trabalhar pelo povo de meu país e até que o trabalho estivesse feito, eu deveria ter Tua proteção?' - Um dia passou, e um segundo dia, e um terceiro, quando uma voz veio de dentro para mim - 'Espere e veja' - . Então tornei-me calmo e esperei, fui levado de Lal Bazar para Alipore e posto por um mês em uma cela solitária, longe dos homens. Lá esperei dia e noite pela voz de Deus dentro de mim, para saber o que ele tinha a dizer para mim, para aprender o que eu tinha que fazer... Lembrei então que um mês ou mais antes de minha prisão, um chamado tinha vindo a mim para deixar de lado toda atividade, para entrar em retiro e olhar dentro de mim mesmo, de modo que pudesse entrar em comunhão mais íntima com Ele. Eu fui fraco e não pude aceitar o chamado. Meu trabalho [a

libertação da Índia] era muito caro para mim e no orgulho de meu coração pensei que a menos que eu estivesse lá, este poderia sofrer ou mesmo falhar e cessar; portanto não deveria deixá-lo. Pareceu-me que Ele falou novamente a mim e disse - 'As amarras que você não teve a força de quebrar, Eu as quebrei para você, porque não é minha vontade nem nunca foi minha intenção que aquilo deveria continuar. Eu tenho outra coisa para você fazer e é para aquilo que Eu o trouxe aqui, para ensinar o que você não poderia aprender por si próprio e treiná-lo para Meu trabalho' -. " (9)

Durante seu ano na prisão, Sri Aurobindo renunciou à presidência do Colégio Nacional "para evitar embaraços ao conselho e possibilitá-los a dar continuidade à instituição" (10).

Enquanto estava na prisão, Sri Aurobindo recebeu a segunda grande experiência espiritual em sua vida:

"Eu olhava para a prisão que me apartava dos homens e não era mais por suas altas paredes que eu era aprisionado; não, era Vasudeva quem me cercava. Eu caminhava sob os ramos das árvores defronte minha cela, mas esta não era mais a árvore, eu sabia que ela era Vasudeva, era Krishna quem eu via ali parado, sustentando sobre mim sua sombra. Eu olhava para as barras de minha cela, mesmo a grade que servia de porta, e novamente eu via Vasudeva. Era Narayana quem estava como guarda e permanecia de sentinela para mim. Quando deitei sobre a manta grosseira que me foi dada como cama, senti os braços de Sri Krishna ao meu redor, os braços de meu Amigo e Amante. Este foi o primeiro uso da visão profunda que Ele me deu. Olhei para os prisioneiros da prisão, os ladrões, assassinos, estelionatários, e quando os via, via Vasudeva, era Narayana quem eu encontrava naquelas almas enegrecidas e corpos mal-usados... não era o magistrado... nem o conselho de investigação quem eu via; era Sri Krishna... 'Agora você teme?' disse ele, 'Eu estou em todos os homens e governo suas ações e suas palavras'." (11)

O Divino, na experiência de Sri Aurobindo não era mais o Inexprimível, o infinito sem tempo e sem espaço de sua primeira experiência. O Divino tinha agora se tornado o conhecimento e a ignorância, a dura realidade das coisas no mundo:

"Nós temos que olhar a existência de frente se nossa meta é chegar à solução certa, o que quer que essa solução possa ser. E olhar a existência de frente é olhar a face de Deus; pois os dois não podem ser separados... Este mundo de nosso labor e batalha é um mundo feroz, perigoso, destrutivo e devorador no qual a vida existe precariamente e a alma e o corpo do homem movem-se entre enormes perigos, um mundo no qual para cada passo a frente, quer queiramos ou não, algo é golpeado e quebrado, no qual toda respiração da vida é também uma respiração da morte. Jogar a responsabilidade de tudo aquilo que parece a nós mal ou terrível sobre os ombros de um semi-onipotente Demônio, ou deixá-la de lado, como um papel da natureza, criando uma oposição irreconciliável entre a Natureza-Mundo e a Natureza-Deus, como se Natureza fosse independente de Deus, ou jogar a responsabilidade no homem e seus pecados, como se ele tivesse uma voz preponderante no fazer deste mundo, ou pudesse criar qualquer coisa contra a vontade de Deus, são artifícios grosseiramente confortáveis." (12)

Um ano depois, ao término de um longo processo, ele foi novamente absolvido e juntou-se aos líderes revolucionários para combater o domínio Britânico. Fez conferências e fundou dois jornais semanais: o Dharma e o Karmayogin. Em uma noite de fevereiro de 1910, um membro do conselho precipitou-se para dentro do escritório do Karmayogin com uma mensagem de que a polícia estava vindo para proceder a uma busca no escritório e prender Sri Aurobindo. O conselho reuniu-se rapidamente para discutir quais providências tomar quando, no meio da confusão, uma voz veio a Sri Aurobindo, "Não, vá a Chandernagore". Poucos minutos mais tarde, ele estava a caminho de Chandernagore.

Depois de seis semanas em Chandernagore, a voz veio a Sri Aurobindo novamente: "Vá para Pondicherry".

"Eu não deixei a política por sentir que não poderia fazer nada mais aí; tal idéia estava bem longe de mim. Eu saí dela porque não queria que nada interferisse com meu Yoga e porque tive um Adesh (comando) muito distinto neste caso. Eu cortei inteiramente conexão com política, mas antes de fazê-lo, eu soube de dentro que o trabalho que eu havia iniciado lá, estava destinado a ser levado em frente, nas linhas que eu tinha previsto, por outros, e que o triunfo final do movimento que eu havia iniciado era certo sem minha presença ou ação pessoal. Não havia o menor motivo de desespero ou senso de futilidade por detrás de minha retirada." (13)

No começo de sua permanência em Pondicherry, Sri Aurobindo experienciou uma terceira maior descoberta em sua vida espiritual. Essa realização foi uma visão da Realidade suprema como o Uno e o múltiplo, "simultaneamente estática e dinâmica, caracterizada por silêncio e expressão, vacuidade e criatividade, infinita e ainda composta de múltiplas formas" (14). Quando a experiência ocorreu, Sri Aurobindo tinha estado sondando o escuro subconsciente físico e encontrado alguma forte resistência. Repentinamente ele irrompeu para dentro de um outro tempo e espaço. No centro da matéria mais escura, onde ele tinha estado sondando "em meio a um horror de imundície e lodo" encontrou a Luz suprema, a Supramente e com esta reversão de escuridão em luz "todos os valores de mundo mudaram" (15). "O alto encontra o baixo, tudo em um único plano" (16).

Em 1914, Paul Richard, um escritor francês, veio com sua esposa Mira a Pondicherry, onde ele e Sri Aurobindo fundaram uma revista filosófica bilíngüe, o *Aria* (a Revista da Grande Síntese); sua meta era oferecer ao leitor:

"1- Um estudo sistemático dos mais elevados problemas da existência;  
2- A formação de uma vasta síntese de conhecimento, harmonizando as diversas tradições religiosas da humanidade, tanto ocidental como oriental. Seu método será aquele do realismo, ao mesmo tempo racional e transcendental, um realismo consistindo na unificação de disciplinas intelectuais e científicas com aquelas de experiência intuitiva." (17)

Mas pouco tempo depois do início de seu trabalho conjunto, a guerra estourou e Richard e sua esposa retornaram à França. Sri Aurobindo prosseguiu com o jornal, publicando os resultados de suas meditações, pensamentos e experiências. Nos seis anos seguintes, ele publicou perto de cinco mil páginas. Incluídos estavam oito de seus maiores trabalhos escritos: *A Vida Divina*, *A Síntese do Yoga*, *O Ideal da Unidade Humana*, *O Ciclo Humano* (originalmente chamado *A Psicologia do Desenvolvimento Social*), *A Poesia Futura*, *Ensaio Sobre o Gita*, *O Segredo do Veda*, e interpretações originais dos *Upanishads*. A respeito de seus trabalhos escritos, Sri Aurobindo disse, "Eu não tenho feito nenhum esforço extenuante em escrever, tenho simplesmente deixado o Poder maior trabalhar" (18).

Em 1920, Mira Richard, conhecida por seus discípulos no mundo todo como a Mãe, retornou da França para unir-se a Sri Aurobindo no trabalho espiritual que ela havia pressentido como necessário para a terra. Ele tinha progredido em si mesmo, mas não podia fazer muito em relação a ajudar outros. Com o auxílio da Mãe, ele encontrou o "método necessário". A Mãe nasceu em Paris, França, em 21 de fevereiro de 1878. Seu primeiro encontro com Sri Aurobindo em 1914 convenceu-a de que era ele "quem tinha vindo para fazer o trabalho na terra e era com ele que eu tinha que trabalhar" (19). Ela também teve a visão supramental do futuro. "A consciência da Mãe", disse Sri Aurobindo, "e a minha são a mesma" (20).

"No mundo como nós o enxergamos, para nossa consciência mental em suas mais elevadas altitudes, nós achamos que para cada positivo existe um negativo. Mas o negativo não é um zero,-

na verdade aquilo que nos parece um zero é preenchido com força, prene com a força da existência... Nem a existência do negativo faz seu correspondente positivo não-existência ou uma irrealidade; ela apenas faz o positivo uma incompleta afirmação da verdade das coisas e mesmo, nós poderíamos dizer, da própria verdade do positivo. Pois o positivo e o negativo existem não apenas lado a lado, mas em relação um com o outro e um para o outro; eles se completam e poderiam, para a todo-visão, que uma mente limitada não pode alcançar, explicar um ao outro. Cada um por si próprio não é realmente conhecido; nós apenas começamos a conhecer em sua verdade mais profunda quando podemos ler dentro dele as sugestões de seu aparente oposto." (21)

Com a Mãe encarregada do Ashram que se desenvolveu em volta deles, Sri Aurobindo pode se retirar a um aposento no Ashram durante os últimos vinte e quatro anos de sua vida. Retiro não significou para ele uma fuga das atividades mundanas, significou uma atmosfera apropriada para a total dedicação que ele necessitava para cumprir sua missão - preparar o plano físico da terra para a nova idade supramental, o reino dos céus sobre a terra. Ele continuou a escrever milhares de cartas a seus seguidores e completou o poema épico Savitri (23.806 linhas de inspirada poesia).

Um quarto marco espiritual foi experienciado por Sri Aurobindo em 24 de novembro de 1926. Nessa data, conhecida como o "Dia do Siddhi" (Dia da Vitória), a consciência da Sobremente desceu para dentro do físico:

"Importantes extensões de consciência têm lugar em todos os níveis acima da mente, mas a ascensão à Sobremente requer a introdução de uma nova dimensão: o sentido de ego individual centralizador deve ser substituído por um sentido cósmico totalizador. Experiências interiores, primeiramente percebidas como originadas do ego são agora vistas como vindas do conhecimento universal. O sentido de o ego separado operando no conhecimento está perdido; tornou-se um 'ponto de vista especializado' dentro da consciência cósmica. Na Sobremente pode-se conhecer através de qualquer 'ponto de vista' tão prontamente quanto através de qualquer outro, e o envolvimento é semelhante tanto para qualquer outro ser, quanto para si próprio. O sentido do si é ele próprio expandido; a pessoa se 'identifica' com todos os outros seres." (22)

Nesse plano de consciência não há descontinuidade ou separação - tudo é percebido como uma única substância. Há uma sensação de estar alerta, quieto, em harmonia com o universo, os poderes intelectuais são intensificados. A descida da Sobremente para dentro do físico prepara o caminho para a futura descida do próximo plano de consciência mais alto - a Supramente.

De acordo com Sri Aurobindo, a consciência da Sobremente conhece a unidade de todas as coisas no universo, mas não possui o poder de transformação, que é a chave para o avanço de toda evolução. A consciência supramental é o único poder que pode transformar efetivamente a natureza inferior e mudá-la em Natureza Divina. Qualquer outra coisa seria insuficiente para a consciência-terra dar o passo definitivo que ela deve dar. Somente é possível para a mente ser inteiramente transformada após a vida ter sido transformada, e a transformação do físico deve acontecer antes que a transformação plena da força-vida seja possível. Cada elemento mais alto depende do mais baixo para sua própria transformação e o mais baixo apenas pode ser transformado quando é pressionado pelo mais alto.

Um discípulo céptico, certa vez, insistiu que essa transformação para trazer para baixo a Supramente era uma invenção impossível. Sri Aurobindo respondeu humoradamente:

"Que argumento maravilhoso! Desde que isto nunca foi feito, não pode ser feito! Dessa maneira toda a história da terra deveria ter parado muito antes do protoplasma. Quando era uma massa de gases, nenhuma vida havia existido, então, vida não pode existir - quando a vida estava lá, a mente não havia surgido, então mente não pode surgir. Desde que a mente está lá mas nada há além, como

não há nenhuma Supramente manifestada em ninguém, portanto Supramente não poderá nunca existir. Sobhanallah! Glória, Glória, Glória à razão humana! Afortunadamente o Espírito Cósmico ou Divino ou o que quer que seja que está lá não se importa com a razão humana. Ele ou Ela ou Isto realiza aquilo que Ele, Ela ou Isto deve realizar, mesmo se isto pode ou não ser feito." (23)

E novamente:

"Eu acredito que a descida dessa Verdade [Supramente] abrindo o caminho para o desenvolvimento de uma consciência divina aqui, seja o sentido final da evolução da terra. Se homens maiores que eu mesmo não tiveram esta visão e este ideal diante de si, isto não é razão para que eu não siga meu senso-verdade e visão-verdade. Se a razão humana considera-me um tolo por tentar fazer o que Krishna não tentou, isso não me preocupa... Deixe todos os homens zombarem de mim se eles quiserem, ou que todo inferno caia sobre mim se isso for por presunção minha, - Eu irei em frente até que conquiste ou pereça. Este é o espírito no qual procuro a Supramente, nenhuma busca de grandeza para mim ou para outros." (24)

Sri Aurobindo aspirava pela transformação da mente, vida e mundo material em uma perfeita forma de expressão do Espírito Divino. Um dos aspectos únicos de sua filosofia quando comparada a outros sistemas é a importância que ele atribui à matéria, vida e mente. Sua genialidade repousa em sua visão inédita e no método integral de que ele se utiliza para trazer a consciência supramental para dentro da natureza-terra. Ele via a humanidade como seres transicionais, evoluindo para a Supramente a partir da mente ordinária e percebeu que essa evolução deve ser consciente de modo a transformar o mundo e tudo o que estiver nele. Após retirar-se em reclusão, Sri Aurobindo viu-se frente a acusações de escapar do duro mundo de realidade e sofrimento para uma agradável, sem dor e não abrasiva reclusão. Ele respondeu a estas:

"Mas que idéias estranhas novamente! - que eu nasci com um temperamento supramental e não tenho conhecido nada sobre duras realidades! Bom Deus! Toda minha vida tem sido uma batalha com as duras realidades, desde opressões, passar fome na Inglaterra, dificuldades constantes e violências perigosas até dificuldades muito maiores continuamente irrompendo aqui em Pondicherry, exteriormente e interiormente. Minha vida tem sido uma batalha desde seus primeiros anos e é ainda uma batalha: o fato de eu enfrentá-la agora de uma sala escada acima e por meios espirituais tanto quanto outros que são externos não faz nenhuma diferença ao seu caráter. Mas, naturalmente, como nós não temos exaltado essas coisas é natural, eu suponho, que outros pensem que estou vivendo em uma augusta, glamorosa terra de sonhos de comedores de lótus onde duros fatos da vida ou Natureza não se apresentam. Mas que ilusão!" (25)

Durante a permanência de Sri Aurobindo em Pondicherry, Tagore visitou-o e posteriormente escreveu:

"Desde o primeiro momento pude perceber que ele havia estado procurando pela alma e tinha encontrado-a, e por intermédio desse longo processo de realização, havia acumulado dentro dele um poder silencioso de inspiração. Sua face era radiante com uma luz interior, e sua presença serena evidenciou para mim que sua alma não estava aleijada e estancada por alguma doutrina tirânica, que tem prazer em impor penitências sobre a vida... Eu senti que a eloquência dos antigos sábios (Rishi) hindus falava, por intermédio dele, daquela equanimidade que dá à alma humana sua liberdade da imersão no Todo. Eu disse a ele, - Você tem a palavra e nós estamos esperando para aceitá-la de você. A Índia irá falar por meio de sua voz para o mundo, - Ouça o que digo -." (26)

No dia do septuagésimo sexto aniversário de Sri Aurobindo, a Índia alcançou a liberdade. Nessa ocasião ele enviou uma mensagem ao mundo:

"15 de agosto de 1947 é o dia do nascimento da Índia livre. Este dia assinala para ela o fim de uma era antiga, o começo de um novo tempo... Na realidade, neste dia eu posso ver quase todos os movimentos do mundo que esperava ver em minha vida, embora então eles parecessem sonhos impraticáveis, chegando ao seu preenchimento ou a caminho para alcançá-lo...

O primeiro desses sonhos era um movimento revolucionário que pudesse criar uma Índia livre e unida. A Índia hoje é livre, mas não alcançou a unidade...

Outro sonho era pela reabilitação e a libertação da população da Ásia e o seu retorno ao grande papel no progresso da civilização...

O terceiro sonho era uma união mundial formando a base exterior de uma mais nobre, mais brilhante e mais bela vida para toda humanidade... O momento está aí... Um novo espírito de unidade irá dominar a raça humana.

Outro sonho, a dádiva espiritual da Índia para o mundo já começou... Em meio às catástrofes do período, mais e mais olhos estão se voltando para ela com esperança e há mesmo uma crescente afluência não apenas aos seus ensinamentos, mas às suas práticas psíquicas e espirituais.

O sonho final era um passo na evolução, que poderia elevar o homem a uma mais alta e mais ampla consciência e começar a solução dos problemas que o tem deixado perplexo e inquieto desde que ele primeiramente começou a pensar e sonhar com perfeição individual e sociedade perfeita. Esta é ainda uma idéia e esperança pessoais, um ideal que começou a tomar forma na Índia e no Oeste, em mentes direcionadas para o futuro. As dificuldades no caminho são mais formidáveis que em qualquer outro campo de trabalho, mas dificuldades foram feitas para serem superadas..." (27)

Três anos mais tarde, em 5 de dezembro de 1950, Sri Aurobindo deixou o corpo físico. A hora marcada para o enterro foi adiada. A Mãe anunciou:

"O funeral de Sri Aurobindo não ocorreu hoje. Seu corpo está carregado com tal concentração de luz supramental que não há sinal de decomposição, e o corpo será mantido repousando em seu leito enquanto se mantiver intacto." (28)

Registros médicos confirmam que por mais de quatro dias seu corpo não mostrou nenhum sinal de decomposição. Em 9 de dezembro a luz supramental havia começado a partir e o enterro foi realizado.

Seis anos mais tarde, em 24 de abril, a Mãe deu ao mundo a seguinte mensagem:

"A manifestação do Supramental sobre a terra não é mais uma promessa, mas um fato vivo, uma realidade. Ela está trabalhando aqui, e virá o dia em que o mais cego, o mais inconsciente, mesmo o mais descrente será obrigado a reconhecer isto." (29)

## Capítulo 2

### REALIDADE ONIPRESENTE

A base fundamental sobre a qual repousa a estrutura da metafísica de Sri Aurobindo é que tanto a matéria como o espírito são reais. Nem o espírito nem a matéria devem ser rejeitados como uma ilusão. A filosofia idealista que nega a matéria tem visão tão limitada quanto a filosofia materialista que nega o espírito. Ambas, se levadas às suas conclusões extremas, conduzem a uma desvalorização da existência cósmica e da vida humana individual. Permanecendo à parte como filosofias separadas, nem o materialismo nem o idealismo podem apresentar qualquer motivo satisfatório para o esforço de aperfeiçoar o mundo ou a nós mesmos no mundo.

Partindo de um ponto de vista idealista absoluto, o mundo fenomenal é uma ilusão, uma miragem, ou, no máximo, uma aparência da realidade última que é Espírito ou Idéia Arquetípica, e apenas existe como alguma forma de realidade para a mente ignorante ou não iluminada, isto é, quando nós alcançamos o conhecimento e iluminação, o mundo fenomenal será percebido como ilusório. O materialista, por outro lado, não aceita a realidade do Espírito ou Idéia Arquetípica e refere-se a toda experiência mental ou espiritual como um mero fenômeno secundário, incapaz de produzir resultados. O materialista argumenta que existe apenas uma substância ou energia mecânica não inteligível chamada natureza que irá sobreviver ao nosso momento particular da história humana. Ao propor um monismo mecânico de energia, o materialista fica limitado na busca da verdade metafísica e deve necessariamente levar a busca à transcendência, imortalidade e liberdade.

Sri Aurobindo afirma que nessas contradições, a mente humana não pode chegar a uma conclusão satisfatória, pois a mente procura reconciliar e:

"Para alcançar aquela reconciliação, deve-se ultrapassar os graus que nossa consciência interior impõe sobre nós e, seja por método objetivo de análise aplicado à Vida e Mente e Matéria, seja por síntese subjetiva e iluminação, chegar ao ponto onde repousa a unidade última sem negar a energia da multiplicidade expressiva." (1)

Longe disso, contudo, a humanidade tem necessitado testar separadamente, a seus extremos limites, cada uma dessas oposições. Por exemplo, o argumento materialista falha porque pode ser demonstrado que mesmo o conhecimento sensorial transcende os sentidos; ele é uma reconstrução das sensações pelos poderes mais altos da mente. Nós sabemos que para os sentidos o sol gira em torno da terra. Por outro lado, o materialismo tem servido a um propósito filosófico favorável orientando a mente das pessoas em direção ao mundo objetivo e admitindo um desconhecido por detrás de toda manifestação. Sri Aurobindo considera que um saudável agnosticismo é a chave para o conhecimento, pois o universo sempre se apresenta como um mero símbolo de uma realidade desconhecida "que se traduz aqui em diferentes sistemas de valores" (2).

O idealista também tem prestado um serviço filosófico auxiliando a orientar a mente das pessoas em direção à procura de uma união mais alta com Deus. A verdade das percepções e concepções dos idealistas sobre a divindade transcendente é inegável e tem uma maior realidade que o físico desde que é livre de todas aparências de relações.

O conceito maior de Sri Aurobindo é que cada escola de pensamento limita a si própria a suas próprias experiências ao recusar a validade das outras. A diferença entre o materialista e o idealista pode parecer meramente metafísica, mas tem uma importância extremamente prática; ela determina nossa inteira visão sobre a existência e "levanta a questão do valor da vida humana" (3). Em outras palavras, se nós somos meramente indivíduos transitórios, então metas éticas, esforços mentais,

aspirações e mesmo a própria vida podem ser apenas uma breve ilusão. Idealismo absoluto e materialismo absoluto, ambos chegam a um mundo que é e não é ao mesmo tempo, -"é, porque é presente e compelidor, e não é, porque é fenomenal e transitório..." (4).

Era experiência de Sri Aurobindo que ambas escolas de pensamento são parte da verdade e uma não precisa comprometer ou contradizer a outra. A verdadeira reconciliação surge quando nós "admitimos tanto o clamor do Espírito Puro para manifestar em nós sua liberdade absoluta como o clamor da matéria universal, para ser o molde e a condição de nossa manifestação" (5).

Se a noção idealista de Espírito Puro e o conceito materialista de Matéria são dois lados da verdade, a questão do Uno (espírito) e o múltiplo (matéria) se levanta. Como pode o Uno tornar-se o múltiplo e o múltiplo permanecer o múltiplo sem diminuir a unidade do Uno? A resposta de Sri Aurobindo repousa na sua afirmação do Uno absoluto como a Realidade Onipresente: "Um sem um segundo... Tudo isso (tanto espírito como matéria) é o Brahman" (6). Nesse sentido, Brahman (a Divindade) é ao mesmo tempo imanente e transcendente. Sri Aurobindo fala de seus três aspectos como transcendente, cósmico e individual:

"Brahman é o absoluto, o Transcendente e incomunicável, a Existência Supracósmica que sustenta o cosmos, o Si Cósmico que mantém todos os seres, mas é também o si de cada indivíduo: a alma, ou a entidade psíquica é uma porção eterna do Ishvara (7); é sua Natureza suprema ou Consciência-Força que se tornou o ser vivente em um mundo de seres vivos. O Brahman sozinho é, e por causa dele todos são, pois tudo é Brahman; esta Realidade é a realidade de tudo o que nós vemos no Si e na Natureza... O Senhor dos Seres é aquele que é consciente no ser consciente, mas ele também é o Consciente em coisas inconscientes, o uno que é mestre e controla o múltiplo que está passivo nas mãos da Força-Natureza. Ele é o Atemporal e o Tempo; Ele é o Espaço e tudo o que está no Espaço; Ele é Causalidade e a causa e o efeito: Ele é o pensador e seu pensamento, o guerreiro e sua coragem, o jogador e seus dados lançados. Todas realidades e todos aspectos e todos semblantes são Brahman." (8)

Esses três, o transcendente, o cósmico e o individual, têm realidade, mas a primazia permanece com o transcendente. O mundo existe pelo transcendente, o transcendente não existe pelo mundo.

A realidade onipresente, como Sri Aurobindo a concebe, é o princípio Sachchidananda (9) (Sat: Existência, Chit: Consciência-Força, Ananda: Deleite ou Bem-Aventura). Esses três atributos são um e inseparáveis; isto é, Sat é Chit e também Ananda. Existência é Consciência-Força que é também Deleite. O Absoluto Transcendente Uno é a realidade básica. Desde que Brahman é não apenas transcendente, mas também imanente, a atividade cósmica e a individual como manifestação do "Aquilo" são igualmente reais. Aí repousa a verdadeira reconciliação de espírito e matéria.

O Brahman silencioso (transcendente) e o Brahman ativo (imanente) não são opostos irreconciliáveis, eles são dois atributos de Brahman - positivo e negativo, cada um sendo necessário ao outro. "É para fora desse Silêncio que a palavra que criou os mundos para sempre se origina..." (10). Em outras palavras, do Silêncio emana energias ativas para dentro do universo. O silêncio transcendente pode ser chamado não-ser que está além de toda existência cósmica. Mas isso não nega o cósmico e o individual como expressão de Si próprio. "No princípio", diz Sri Aurobindo, "tudo isso era o Não-Ser. Foi então que o Ser nasceu" (11). Existência é uma expressão do não-ser, mas é chamado não-ser para indicar sua liberdade de qualquer necessidade ou atividade que seja" (12).

O segundo aspecto da triplicidade, Chit (consciência) é também referida como "Chit-Shakti" ou Consciência-Força. Sri Aurobindo chama essa força de Força-Mãe (princípio feminino). Ela é uma força consciente inerente em Sat, e aí pode estar em movimento ou em repouso, mas, seja qual for o

modo, a força existe; é a natureza de Chit ter "três diferentes estados de sua consciência em relação a sua própria eternidade" (13). O primeiro estado é aquele de repouso, auto-absorvida ou auto-consciente, sem desenvolvimento de consciência em movimento. Este é denominado por Sri Aurobindo sua "Eternidade sem tempo". O segundo é a "Todo-Consciência" das relações de tudo pertencente a uma potencial manifestação ou manifestação já em processo. Aqui, passado, presente e futuro são unidos em um. O terceiro estado é aquele de um movimento em processo da Consciência-Força: o movimento "Tempo". Há ao mesmo tempo esta simultânea multiplicidade da Realidade una que, diz Sri Aurobindo, co-existe com um eterno atemporal e uma eternidade do tempo. Desde que Chit é o princípio operativo do universo, "pode ver o Atemporal desenvolver o movimento-do-Tempo sem cessar de ser o Atemporal" (14). Nessas três formas, Chit:

"permanece acima dos mundos e interliga a criação ao sempre não manifesto... [e] cria todos esses seres e contém, penetra, suporta e conduz todos esses milhões de processos e forças... incorpora o poder deles... os faz vivos e próximos a nós". (15)

Por essa asserção de Consciência com Força, Sri Aurobindo evita o idealismo absoluto.

Talvez um dos mais proeminentes aspectos da filosofia de Sri Aurobindo seja a importância que ele atribui a Chit-Shakti, a Mãe divina da filosofia Tântrica (16) original. Ela é o ser e o vir-a-ser:

"Tudo é ela, pois tudo é parcela e porção da Consciência-Força divina. Nada pode ocorrer aqui ou em qualquer outro lugar além do que ela decidir e o Supremo sancionar; nada pode tomar forma exceto o que ela, movida pelo Supremo, percebe e forma após lançar este em semente em sua Ananda criadora." (17)

A natureza da Ananda (Deleite, Bem-Aventura) de Sachchidananda é manifestada como a multiplicidade de seres finitos e dos processos-de-mundo. Aqui, Brahman torna-se forma em substância material para desfrutar "auto-manifestação" na consciência relativa e fenomenal:

"Brahman está nesse mundo para representar a si próprio nos valores da Vida. A Vida existe em Brahman para descobrir Brahman em si própria. Portanto a importância do homem no mundo é que ele dá ao mundo aquele desenvolvimento de consciência no qual sua transfiguração por uma perfeita auto-descoberta torna-se possível. Cumprir Deus na vida é a humanidade do homem. Ele parte da vitalidade animal e suas atividades, mas uma existência divina é seu objetivo." (18)

A Consciência-Força está em tudo que existe e tudo existe em virtude dessa Consciência-Força; também, em tudo que é, reside Ananda, o deleite da existência, e as coisas são o que elas são por causa desse deleite. Mas para nossa mente existem duas contradições significativas, a consciência emocional e sensitiva da dor e o problema ético do mal. Como é possível explicar a presença universal da dor e sofrimento se supõe-se que o mundo é o deleite da existência?

Se Brahman fosse um Deus pessoal e extra-cósmico sobre e acima do universo, e não afetado pela existência, dor e sofrimento não poderiam ser explicados. Mas se é verdade que "Sachchidananda... é uma existência sem um segundo; tudo o que é, é Ele" (19), então dor e sofrimento e mal são mais manifestações de Deleite que negações de Deleite. As noções ordinárias de bem e amor que nós julgamos Deleite e Bem-Aventura vem de nossa equivocada concepção dualística das coisas. Dessa base de referência dualística nós construímos um padrão de ética a respeito de o que é bom e o que é ruim, mas é o mundo em que vivemos um mundo ético?

"A tentativa do pensamento humano em forçar um significado ético na totalidade da Natureza é um daqueles atos de deliberada e obstinada auto-confusão, uma daquelas patéticas tentativas do ser humano de ler a si próprio, seu habitual limitado si humano, em todas as coisas e julgá-los do ponto

de vista que ele desenvolveu pessoalmente, que mais efetivamente impede-o de chegar a um real conhecimento e completa visão." (20)

Ética é apenas um estágio na evolução e nela repousa o impulso para a auto-expressão. O mundo possui três estágios: infra-ético, ético e supra-ético. Comum a eles está a Consciência-Força desenvolvendo-se em formas para encontrar seu deleite. Moralidade, portanto, não deve ser tratada como um padrão último de realidade.

A maioria de nós tende a julgar prazer e dor pela consciência mental e emocional ordinária, que é limitada e depende quase inteiramente de hábito. Mas :

"Quando o deleite de ser busca realizar a si próprio como deleite do vir-a-ser, entra no movimento de forças e toma diferentes formas de movimento do qual prazer e dor são correntes positivas e negativas." (21)

No estágio ético, o deleite é caracterizado por dualidades de certo e errado, bom e mal, prazer e dor. Conforme nosso próprio estado de consciência se move em direção a uma consciência mais cósmica e além de nossas visões limitadas, nós experienciaremos o verdadeiro deleite universal dentro de nós.

A natureza da Realidade Onipresente é então o Absoluto transcendente manifestando a Si próprio como uma Consciência-Força universal e criando multiplicidades individuais para fora do auto-deleite. E esta é a realidade que a humanidade é - a causa e a meta do crescimento e criatividade:

"Como o poeta, artista ou músico quando cria não faz realmente nada, mas apenas desenvolve alguma potencialidade de seu Si não manifestado em uma forma de manifestação e como o pensador, estadista, mecanicista apenas dão forma a coisas que jaziam escondidas neles próprios quando sua criação é posta em forma, assim ocorre com o mundo e o eterno." (22)

Toda criação ou vir-a-ser é esta auto-manifestação. "Para fora da semente evolui aquilo que já está na semente..." (23). E se há uma meta na manifestação da auto-existência, diz Sri Aurobindo, ela apenas pode ser uma complementação ou perfeição do indivíduo. Mas se, como algumas escolas de pensamento colocam, a consciência individual está concentrada dentro dos limites das formas finitas, uma completude é impossível. A meta final é a "emergência da consciência infinita no individual" (24). A única maneira de podermos recobrar a verdade de quem somos nós é por auto-conhecimento, que é a verdade do Infinito em consciência, ser e deleite. O finito é meramente um instrumento para essa expressão infinita.

"Então, pela verdadeira natureza do jogo-de-mundo como tem sido realizado por Sachchidananda na vastidão de Sua existência estendida como Espaço e Tempo, nós temos que conceber primeiro uma involução e uma auto-absorção do ser consciente para dentro da densidade e divisibilidade infinita da substância, pois de outra maneira não poderia haver variação infinita; depois, uma emergência da força auto-aprisionada para ser formal, ser vivo, ser pensante; e finalmente uma liberação do ser pensante formado em uma livre realização de si próprio como o Uno e o Infinito em ação no mundo e pela liberação, sua recuperação da Existência-Consciência-Deleite sem limites que mesmo agora é secretamente, realmente e eternamente. Esse triplo movimento é a chave integral do enigma-do-mundo." (25)

## Capítulo 3

**MAYA SUPERIOR E MAYA INFERIOR**

O movimento triplo de Sachchidananda tem fornecido a chave para a compreensão da integração entre idealismo e materialismo; mas ainda não sabemos o processo pelo qual aquela Realidade tem transformado a si própria nesse fenômeno:

"Nós temos a chave desse enigma, temos ainda que encontrar a fechadura em que ela irá girar. Pois essa Existência, Consciência-Força, Deleite não atua diretamente ou com uma soberana irresponsabilidade como um mágico erigindo mundos e universos pelo mero 'fiat' de suas palavras. Nós percebemos um processo, nós estamos conscientes de uma lei." (1)

A Bíblia nos diz, "Deus disse, faça-se a Luz, e fez-se a luz". Quando dizemos "faça-se a Luz", nós postulamos um ato de poder consciente que pode trazer luz para fora daquilo que não era luz. Quando lemos "E fez-se a Luz", presumimos um ativo poder de consciência que produz o resultado. Sri Aurobindo refere-se a esse poder (como o fizeram os antigos sábios védicos) como Maya (2).

Sri Aurobindo fala de duas mayas, a inferior (mental) e a superior (divina). Tradicionalmente, maya era empregado como um termo abrangente referindo-se ao mundo como uma aparência sobreposta a Brahman, portanto ilusório e enganador. Sri Aurobindo sustenta que a maya superior não é um engano, é um poder criativo ou mediador entre o Uno Absoluto e o mundo de multiplicidade. Um mediador é necessário entre os dois porque um ser infinito pode apenas produzir um mundo infinito.

O atributo transcendente do absoluto está além das palavras e é indescritível. No momento em que atribuímos qualidades ou predicados a ele, nós impomos limitações. Contudo a maya superior pode ser caracterizada pelos mais altos e menos limitantes atributos que conhecemos. Sri Aurobindo a denomina o Puro Existente que é "a afirmação, pelo Incognoscível, de si mesmo como a base livre de toda existência cósmica" (3). "Quando o Puro Existente é conhecido, então tudo é conhecido", porque o Puro Existente é um e indivisível. Atrás de todo fenômeno está o Puro Existente, infinito e indefinível. "Se todas as formas, quantidades, qualidades desaparecessem, este deveria permanecer" (4).

Sri Aurobindo, fiel à sua desafeição por argumentos provindos da razão pura somente, diz, "nós devemos julgar a existência não por aquilo que concebemos mentalmente, mas por aquilo que vemos que existe" (5).

"Como a intuição fixa a si própria sobre somente aquilo que nós nos tornamos, nós vemos a nós próprios como uma progressão contínua de movimento e transformação na consciência na eterna sucessão do tempo... Mas há uma experiência suprema e uma suprema intuição pelas quais nos retiramos para trás de nosso si superficial e percebemos que esse vir-a-ser, essa transformação, sucessão, são apenas um modo de nosso ser e que há aquilo em nós que não está de maneira nenhuma envolvido no vir-a-ser. Nós não apenas podemos ter a intuição disso que é estável e eterno em nós, não apenas ter um vislumbre disso na experiência por detrás do véu do contínuo e impermanente vir-a-ser, mas podemos nos retirar para dentro disso e viver nisso inteiramente, efetuando assim uma mudança total em nossa vida exterior e em nossa atitude e em nossa ação sobre os movimentos do mundo. E essa estabilidade na qual podemos assim viver é precisamente aquela que a Razão pura já nos deu, embora possa ser alcançada sem argumentações, sem conhecer previamente o que é ela - ela é existência pura, eterna, infinita, indefinível, não afetada pela sucessão do Tempo, não envolvida na extensão de Espaço, além da forma, quantidade, qualidade, - Si unicamente e absoluto." (6)

Existem, então, dois fatos de existência pura; um fato de Ser e um fato de Vir-a-Ser (tornar-se). Negar um ou outro, diz Sri Aurobindo, é fácil; reconhecer a realidade de ambos e estudar as relações entre eles é sabedoria. "Estabilidade e movimento... são apenas nossa representação psicológica do Absoluto, como também são unidade e multiplicidade" (7).

A questão agora surge; é o vir-a-ser simplesmente uma ininteligível energia de movimento ou é uma força consciente? Essa é uma questão de importância, pois de sua resposta depende a validade da colocação de Sri Aurobindo que as pessoas, como seres transitivos, têm um objetivo de viver no mundo uma vida divina. Isso significa que o mundo e tudo nele têm um propósito divino.

Se, como diz o materialista, a existência não é consciente e a consciência é apenas um desenvolvimento da energia material, como é possível derivar um ser consciente de uma força inconsciente? Os materialistas dizem que tudo o que nós podemos pesquisar é a maneira e o processo da manifestação e seu movimento.

"Sendo Existência e Força, ambas inertes, - status inerte e impulsão inerte, - ambas inconscientes e não inteligentes, não pode haver qualquer propósito ou meta final na evolução, ou qualquer causa ou intenção original." (3)

Investigação e experimentação progressivas apontam para além da posição do materialismo ortodoxo e mostram que a capacidade de nossa consciência excede de longe a capacidade de nosso organismo físico, porque "a consciência usa o cérebro que nossos esforços em direção ao alto têm produzido, o cérebro não tem produzido a consciência nem usa a consciência" (9). Contudo, o materialismo é correto, como também o é o idealismo, na medida em que propõe que "o princípio das coisas é um movimento formativo de energias" (10), pois, "este é o mundo como nós o experienciamos e dessa experiência devemos sempre partir" (11).

"A análise física da Matéria pela ciência moderna tem chegado à mesma conclusão geral, mesmo se umas poucas últimas dúvidas ainda persistem. Intuição e experiência confirmam essa concordância de Ciência e Filosofia. A razão pura encontra aí a satisfação de suas próprias concepções essenciais. Pois mesmo na visão do mundo como essencialmente um ato de consciência, um ato é implícito e, no ato, o movimento de Força, jogo de Energia. Isso, também, quando examinamos de dentro de nossa própria experiência, prova-se ser a natureza fundamental do mundo. Todas nossas atividades são o jogo da força tripla das antigas filosofias, força-conhecimento, força-desejo, força-ação, e todas elas provam-se ser realmente três correntes de um poder idêntico e original..." (12)

Aqui, Sri Aurobindo levanta duas questões: "como esse movimento veio a acontecer afinal" (13), e porquê? O idealista absoluto coloca que o fenômeno empírico, desde que aparenta ser diferente do uno Absoluto, não possui realidade e é, portanto, ilusório (maya). Desde que o uno Absoluto é a única realidade, identificação com as coisas do mundo fenomenal é um engano, e assim procedendo, nós sobrepomos à Realidade Absoluta, características que ela não possui. Como ordinariamente percebido, o mundo todo é uma aparência do absoluto - nada mais. Quando nós experienciarmos a verdadeira Realidade, seremos liberados da falsa identificação com o mundo fenomenal e o compreenderemos como um movimento de energia projetado.

Sri Aurobindo responde que é a natureza da força inerente na existência ter ambas as potencialidades de repouso e movimento. Não é nunca separada da existência infinita. Mas porque não poderia a força permanecer sempre em repouso, livre de formação? Se não há consciência na força ou na existência, então a questão não pode surgir. Por outro lado, se a existência é consciente, mas a força, inconsciente, então a manifestação seria caótica, pois a força imporá a si própria à existência e um Brahman compelido pela natureza não poderia ser Brahman, "mas um Infinito

inerte com um conteúdo ativo em si, mais poderoso que o continente" (14). Uma absoluta existência consciente deve ser livre para manifestar ou não manifestar e isso é análogo a dizer que a força em movimento é consciente e inteligente.

Antes de estudar o relacionamento entre força e consciência, Sri Aurobindo diz-nos que ele não se refere à nossa ordinária consciência mental do estado desperto, tal qual estamos conscientes durante a maior parte de nossa existência corpórea. Essa "idéia vulgar da natureza da consciência deve desaparecer de nosso pensamento filosófico" (15). Nós sabemos que há algo consciente em nós quando estamos dormindo, drogados ou inconscientes. "Mesmo em nosso estado desperto, o que denominamos então nossa consciência é apenas uma pequena seleção de nosso ser consciente inteiro" (16).

"Atrás dele, muito mais vasto que ele, há uma mente subliminal ou subconsciente que é a maior parte de nós mesmos e contém alturas e profundidades que nenhum homem ainda tem sondado ou avaliado. Este conhecimento dá-nos um ponto de partida para a verdadeira ciência da Força e seus trabalhos; isto liberta-nos definitivamente da circunscrição pelo material e da ilusão do óbvio." (17)

Desde que há associado ao sistema nervoso completo muitos níveis ou graus de consciência, do subconsciente ao superconsciente, não é impossível "que mesmo em objetos materiais, uma mente universal subconsciente esteja presente, embora incapaz de agir ou comunicar-se com suas superfícies por falta de órgãos" (18). O estado material, em vez de ser um vazio de consciência, pode ser consciência que está adormecida.

"Não há em nós, ou no mundo, formas de consciência que são sub-mentais, para as quais nós podemos dar o nome de consciência física ou vital? Se assim é, nós devemos supor na planta e no metal também uma força para a qual podemos dar o nome de consciência, embora não seja a mentalidade humana ou animal para as quais temos até agora preservado o monopólio daquela descrição. Não somente é isso provável, mas, se considerarmos as coisas desapaixonadamente, isso é certo." (19)

Sri Aurobindo argumenta que nós temos o direito de supor que essa consciência universal tenha um propósito universal. No animal nós vemos perfeitas e propositadas operações do instinto que freqüentemente excedem a mentalidade animal. E nas operações da natureza inanimada, nós podemos discernir a mesma característica de uma "inteligência oculta", "o certamente eventual ou imediato chegando à meta buscada" (20). Ele coloca que o único argumento contrário a uma fonte consciente e inteligente na natureza é o desperdício que nós observamos:

"Mas obviamente esta é uma objeção baseada nas limitações de nosso intelecto humano, que procura impor sua própria racionalidade particular, boa o suficiente para fins humanos limitados, nas operações gerais da Força-Mundo." (21)

Força, então, implica uma inteligência e propósito e é essa força que cria os mundos. Essa energia-consciente, conhecida como Chit, Sri Aurobindo refere-se a ela como a Mãe Divina:

"A Mãe é a Força Consciente divina que domina toda existência, una e ao mesmo tempo com tantas faces que seguir seus movimentos é impossível mesmo para a mente mais rápida e para a mais livre e mais vasta inteligência. A Mãe é a consciência e a força do Supremo... Transcendente, a suprema Shakti original, ela permanece acima dos mundos e interliga a criação ao sempre não manifesto mistério do Supremo. Universal, a Mahashakti cósmica, ela cria todos esses seres e contém e penetra, suporta e conduz todos esses milhões de processos e forças. Individual, ela incorpora o poder desses dois mais vastos modos de sua existência, os faz vivos e próximos a nós e intermedia entre a personalidade humana e a Natureza divina." (22)

Mas, mesmo se nós aceitamos Sat e Chit, Sri Aurobindo pergunta, "Porque Brahman, perfeito, absoluto, infinito, não necessitando de nada, não desejando nada, lançou de si forças de consciência para criar em si próprio esses mundos de formas?". "Só pode ser por uma razão, por deleite" (23).

Exatamente como o finito resulta do infinito e o mutável do imutável, assim todas as coisas variáveis são expressões do uno invariável deleite da existência.

"Aquilo que tem lançado a si próprio em formas é a trindade Existência-Consciência-Deleite, Sachchidananda, cuja consciência é em sua natureza uma força criativa ou ainda auto-expressiva, capaz de variação infinita em fenômeno e forma de seu ser auto-consciente e infindável desfrutar do deleite daquela variação." (24)

Nosso engano parece repousar em nossa maneira ordinária de olhar o problema. Nosso ponto de vista de que o mundo é tanto um mundo de sofrimento quanto um mundo de deleite é um exagero, "um erro de perspectiva" (25). Realmente, se pudermos olhar o mundo impessoalmente, descobriremos que o prazer em muito excede a dor. Nós tomamos o prazer já como dado e dificilmente o notamos. A dor nos afeta mais profundamente por que é anormal ao nosso ser. O problema torna-se mais confuso ainda pela noção de um Deus pessoal extra-cósmico que envolve a questão ética. Se um tal Deus extra-cósmico é pressuposto, então não há como explicar dor, sofrimento e mal. Nesse contexto, se Deus é Deus-de-Tudo, quem criou o sofrimento? E se nós dizemos que sofrimento é uma provação que devemos atravessar, então somos deixados com um problema moral, pois temos projetado um Deus imoral ou não-moral. Aqui, a questão poderia surgir: "Quem criou ou porquê ou de onde foi criado aquele mal moral que lega a punição de dor e sofrimento?" (26). E se nós dizemos que mal moral é meramente uma forma de ignorância, quem criou a lei que pune um ato de ignorância? Porque, se o absoluto é livre e Deus de tudo, o mal não é impedido de existir? Sri Aurobindo responde que essa questão é falsa porque nossas idéias ordinárias de bem derivam de uma concepção dualística das coisas, baseadas em nosso ponto de vista relativo. Isso é atacar o problema partindo de um ponto de vista das coisas errado. Ele deseja resolver o problema "em sua pureza original, em bases de unidade na diferença" (27).

Primeiro, diz Sri Aurobindo, se nós nos elevarmos acima do ponto de vista humano ordinário, podemos ver que "não vivemos em um mundo ético" (28). Quando tentamos forçar um significado ético na totalidade da natureza, nos impedimos de chegar ao conhecimento de uma visão mais compreensiva. Aquilo que está abaixo da humanidade é não ético e sempre existe um distanciamento daquilo que causa mal e uma atração por aquilo que beneficia. "Este distanciamento é a origem primária da ética, mas não é em si ético" (29).

Culpa e condenação são o início da ética, seja culpando a nós mesmos ou a outros. As pessoas desejam auto-expressão e auto-satisfação; tudo que ameça essa expressão é considerado mal, tudo que auxilia é bem. Então, conforme a compreensão e auto-desenvolvimento se eleva acima do ego, isto se estende a outras pessoas e ao universo.

Ética é apenas um estágio temporário na evolução. Abaixo da humanidade existe o estágio infra-ético, e acima, o estágio supra-ético. Nós não podemos aplicar ética, desse ponto de vista, à solução total do problema, mas podemos usá-la como parte da solução. Em outras palavras, não auxiliará a questão da bondade de Sachchidananda, referindo-se a ela como retirar-se da dor e sofrimento experienciados pela egoística consciência humana. A consciência universal é muito maior que o despertar humano ordinário e o deleite universal é mais que emoção e sensação do ego ordinário.

"Quando o deleite do ser busca realizar a si próprio como deleite do vir-a-ser, move-se no movimento de forças e ele próprio toma diferentes formas de movimento dos quais prazer e dor são

correntes negativas e positivas. Subconsciente na matéria, superconsciente além da Mente, este deleite busca na Mente e Vida, realizar a si próprio por emergência no vir a ser, na crescente auto-consciência do movimento." (30)

Quando nossas mentes e egos tornarem-se harmônicos com outros seres e com as forças universais, então dor e sofrimento irão diminuir. Mas mesmo na vida ordinária é possível eliminar a dor; por exemplo, um sujeito hipnotizado pode, com sucesso, ser proibido de sentir dor enquanto sob hipnose, e retornar ao estado de sentir dor quando acordado:

"... o hipnotizador suspende a consciência desperta habitual que é a escrava dos hábitos nervosos e é capaz de apelar para o ser mental subliminal nas profundezas, o ser mental interior, que é o mestre, se ele quiser, dos nervos do corpo." (31)

A mesma liberdade pode ser alcançada pela vontade quando somos capazes de identificar-nos com a unidade divina tanto quanto com a separação dos objetos. O Si real em nós é o ser consciente indivisível que suporta com deleite todas nossas experiências. Como seres mentais, contudo, nos identificamos superficialmente com todas as variedades de experiências de bom e ruim, prazer e dor. Mas isso não é necessário; isto é apenas hábito e nós podemos, se quisermos, voltar à resposta oposta. Em vez de reações mecânicas de prazer e dor, podemos experimentar deleite, que é "o verdadeiro e vasto Si-de-Deleite em nós" (32). Este seria um domínio maior do que uma atitude desapegada ou de supressão, porque não haveria mais a aceitação de imperfeições - o imperfeito é convertido ao perfeito. O Deleite toma o lugar de todas as dualidades que se desenvolvem em nosso plano mental. A verdadeira natureza da dualidade é devida à nossa "auto-limitação pelo egoísmo" como consequência de nossa ignorância de Sachchidananda que é nosso verdadeiro si.

No universo físico, o deleite da existência está subconsciente, então emerge em um movimento de massa que se torna sensação, e então a mente e o ego emergem na "tripla vibração de dor, prazer e indiferença" (33). Por último, emerge a totalmente consciente Sachchidananda. Este, diz Sri Aurobindo, é o curso do mundo. Mas, diz ele, uma outra importante questão surge: Porque deveria a Existência Una deleitar-se em tal movimento? Foi experiência de Sri Aurobindo que a resposta repousa no fato de que "todas as possibilidades são inerentes em Sua infinitude e que o deleite da existência - em seu mutante vir a ser, não em seu ser imutável - repousa precisamente na variável realização de suas possibilidades" (34).

Nessa criação, onde o ser infinito perde a si próprio na aparência do não-ser e emerge na aparência da alma finita, onde a consciência infinita perde a si própria na aparente inconsciência e emerge na aparência de uma consciência limitada, onde a força infinita perde a si própria no aparente caos de átomos e emerge no aparente equilíbrio incerto do mundo, onde o deleite infinito perde a si próprio na aparente insensibilidade da matéria e emerge na aparência de discórdia, e onde a unidade toma a aparência da multiplicidade, a real Sachchidananda, diz Sri Aurobindo, tem que emergir. E:

"O Homem, o indivíduo, deve tornar-se e viver como um ser universal; sua limitação da consciência mental deve ampliar-se à unidade superconsciente na qual cada um abrange o todo; seu estreito coração deve aprender o abraço infinito e substituir sua luxúria e discórdia pelo amor universal e seu restrito ser vital deve tornar-se equânime a todo choque do universo sobre si e ser capaz de deleite universal; seu verdadeiro ser físico deve conhecer a si próprio não como uma entidade separada, mas una com, e sustentando em si própria, o total fluxo da força indivisível que é todas as coisas; sua total natureza deve reproduzir no indivíduo, a unidade, a harmonia, a unidade em tudo, da suprema Existência-Consciência-Deleite." (35)

A visão que Sri Aurobindo está apresentando é a de uma Realidade consciente manifestando a si própria em formas mutáveis de sua própria substância imutável. O mundo é um "nascimento

consciente" daquele princípio de conhecimento e vontade diretivos além da mente racional e não uma concepção parcial na mente universal. A "maya" divina é então caracterizada por descrições que melhor representam o luminoso "vir-a-ser" da Existência, Consciência-Força, Deleite, a tradicional Sachchidananda. A maya inferior consiste em mente, vida e matéria em nosso mundo familiar; ela é real, mas menos real que a maya divina, que é o aspecto de Sachchidananda da Verdade dinâmica e auto-ordenada.

"Uma Verdade de ser consciente suporta essas formas e expressa a si própria nelas, e o conhecimento correspondente à verdade assim expressada reina como uma Consciência-Verdade supramental (36) organizando idéias reais em uma harmonia perfeita antes que elas sejam lançadas para dentro do molde mental-vital-material. Mente, Vida e Corpo são uma consciência inferior e uma expressão parcial que se esforça para chegar, na forma de uma variada evolução, àquela superior expressão de si própria já existente para o Além-Mente. Aquilo que está no Além-Mente é o ideal que, em suas próprias condições, está laborando para realizar." (37)

Mente é o princípio de divisão e análise, que é necessário para desenvolver medições e formações. Mas por ser a mente mais uma faculdade que procura conhecimento que uma faculdade de conhecimento, ela não pode explicar a existência no universo. A mente interpreta a verdade da existência universal para seu uso prático, mas não pode conhecer ou identificar-se com essa existência.

Mente, de acordo com Sri Aurobindo, é a primeira em uma série de separações que, por necessidade, a vida deve seguir, pois ela é uma "forma de energia de consciência intermediária e apropriada para a ação da Mente sobre a Matéria" (38). Vida é "um aspecto de energia da Mente, não quando esta cria e refere-se a si própria à idéias mas à movimentos de força e à formas de substâncias" (39). A Vida, em essência, não é necessariamente como nós a percebemos em plantas e animais, ela é:

"Consciência-Força, força-consciente inerente de ser-consciente que manifesta a si própria como energia nervosa plena de sensação submental na planta, como sentido-desejo e vontade-desejo nas formas animais primárias, como sentido e força auto-consciente no animal em desenvolvimento, como vontade e conhecimento mental acima de todos os anteriores, no homem." (40)

Na vida atômica, a forma individual é a base. Ela "assegura por sua agregação com outras, uma existência mais ou menos prolongada de formas agregadas que devem ser a base de individualizações mentais e vitais" (41). Sendo o primeiro agregado, o átomo é a fundação de "unidades agregadas". A Força-Vida organiza energias vitais e quando dissolução, dispersão e reconstrução ocorrem, essas energias vitais misturam-se entre si e se unem a outros seres. "Intercâmbio, inter-mistura e fusão de ser com ser é o verdadeiro processo da vida" (42). Parece que existem dois princípios de vida; um protege a separatividade individual e o outro une a si próprio com outros. O mundo físico força a separatividade individual por que precisa ter formas separadas concretas. Então, tendo construído essas formas concretas, a natureza inverte o processo - a forma individual perece e a vida agregada progride com os elementos da forma que é dissolvida. No último estágio da vida, os dois princípios são harmonizados:

"... O indivíduo é capaz de persistir na consciência de sua individualidade e ainda fundir a si próprio com outros sem perturbação do equilíbrio preservativo e interrupção de sobrevivência." (43)

Se a unidade da multiplicidade deve ser realizada, a maya inferior tem que ser transformada na maya divina. Em sua explanação da matéria, Sri Aurobindo admite que em um certo sentido a matéria é "irreal e não existente, isto é, nosso presente conhecimento, idéia e experiência sobre a Matéria não é verdade" (44).

"Quando a Ciência descobre que Matéria resolve a si própria em formas de energia, ela encontrou uma verdade fundamental e universal; e quando a filosofia descobre que a Matéria existe apenas como aparência substancial à consciência e que a realidade una é Espírito ou Ser consciente puro, ela encontrou uma maior e mais completa, uma verdade ainda mais fundamental." (45)

Mas o problema do porquê a energia deveria tomar forma de matéria ou porquê o espírito deveria admitir o fenômeno da matéria afinal, confronta-nos. Se nos lembrarmos que a existência "apresenta as obras de sua força para sua consciência como formas de seu próprio ser" (46), o resultado é que "matéria é a forma da substância do ser que a existência de Sachchidananda assume quando se submete a essa ação fenomenal de sua própria consciência e força" (47).

"Mente, por sua separação de sua própria realidade mais alta na Supramente, dá à Vida a aparência de divisão e, por sua posterior involução em sua própria Força-Vida, torna-se subconsciente na Vida e então dá a aparência exterior de uma força inconsciente às suas obras materiais. Portanto, a inconsciência, a inércia, a desagregação atômica da matéria deve ter sua fonte nessa ação todo-divisora e auto-envolvente da Mente pela qual nosso universo veio a ser." (48)

Separação e divisão é a condição da consciência limitada e é por isso que a matéria aparece em nossa percepção como maciça, estável e sólida. Mesmo se a ciência vê a matéria como energia, nossa mente sensorial diz-nos que ela é uma massa sólida, isto é, um objeto no espaço.

Sri Aurobindo diz que a verdadeira realidade subjacente à matéria é uma não atômica extensão de substância que não é uma agregação. Sua coexistência não é pela distribuição no espaço e nossa percepção sensorial da matéria, separação e agregação são meramente formas através das quais as forças de maya representam o deleite da existência:

"Portanto, nós chegamos a essa verdade da Matéria de que existe uma auto-extensão formulada de ser que desenvolve a si própria no universo como substância ou objeto de consciência e cuja Mente e Vida cósmica, em sua ação criativa, representa através de divisão e agregação atômica como a coisa que nós denominamos matéria. Mas essa Matéria, como Mente e Vida, é ainda Ser, ou Brahman em sua ação auto-criativa. É uma forma da força de Ser-Consciente, uma forma dada pela Mente e realizada pela Vida. Ela contém em si como sua própria realidade, consciência oculta de si própria, envolvida e absorvida no resultado de sua própria auto-formação e portanto auto-esquecimento." (49)

O mundo, então, é o processo de uma unidade diferenciada, não uma batalha interminável entre opostos irreconciliáveis. Embora pareça à nossa consciência ordinária que a maya superior e a maya inferior estejam em pólos opostos, na realidade os dois são um movimento de Sachchidananda. O que é necessário no esquema de Sri Aurobindo é compreender toda a hierarquia dos níveis de consciência desde a mais inferior maya envolvida no mundo material passando pelos graus ascendentes, até a maya divina.

## Capítulo 4

### SUPRAMENTE

Sachchidananda é uma eterna e imutável unidade sem distinções separativas. Mente, vida e matéria são a consciência analítica ou divisora que a mente apenas pode conhecer por separação e divisão. Sem um princípio mediador entre eles, nós deveríamos, para alcançar a unidade transcendente de Sachchidananda, ter que abandonar o mundo de mente, vida e matéria. Ou, se limitássemos nossa consciência apenas ao mundo fenomenal, perderíamos parte da verdade. Se a realidade da unidade ou da multiplicidade é negada, a esperança de uma vida divina sobre a terra é impossível.

A única saída de tal solução é encontrar um elo intermediário que estabelece uma relação entre os dois. Sri Aurobindo descobriu essa ponte entre os dois mundos no princípio da Supramente:

"Esse termo intermediário é... o princípio e o fim de toda ordem e criação, o Alfa e o Ômega, o ponto de partida de toda diferenciação, o instrumento de toda unificação, originativa, executiva e consumativa de todas as harmonias realizadas ou realizáveis. Ele tem o conhecimento do Uno, mas é capaz de extrair do Uno suas multitudes escondidas; Ele manifesta o Múltiplo, mas não perde a si próprio em suas diferenciações." (1)

Supramente é o princípio de "Vontade e Conhecimento ativos" superiores à mente. A Supramente não pode ser a mente racional porque, de acordo com Sri Aurobindo, a consciência na mente racional não é suficiente para explicar a existência no universo. A mente é a faculdade que analisa idéias e objetos, portanto ignorando a unidade dentro da multiplicidade. Ela interpreta a verdade da existência em termos de relatividade para uso prático, mas não é uma faculdade de conhecimento ou vontade ativa que pode criar ou mesmo dirigir a existência. A Supramente é essa faculdade de conhecimento, pois ela retém a verdadeira natureza de Sachchidananda sem distorcê-la. Contudo, a mente é uma expressão saída da Supramente e idêntica a ela em essência, o que significa que a potencialidade da Supramente repousa encerrada e não manifestada na mente.

Sri Aurobindo chama a Supramente de "Real-Idéia", isto é, "um poder de Força Consciente expressiva do ser real, nascida do ser real e participante de sua natureza e nem um filho do vácuo nem uma trama de ficções" (2). Ela refere-se sempre à unidade acima de si e à multiplicidade abaixo de si, portanto atuando como uma ponte pela qual a maya inferior se desenvolve a partir da maya superior e pela qual a maya inferior retorna novamente em direção à sua fonte.

Do ponto de vista da Supramente (Consciência-Verdade), toda existência é um Ser tendo consciência como natureza essencial; é uma consciência cuja natureza ativa é vontade; é uma consciência-força que é deleite, quer esteja ativamente criativa, quer esteja em repouso. Isto, diz Sri Aurobindo, é Brahman - nós mesmos em nossa essência, nosso ser não fenomenal. O Ser Consciente concentrado em si próprio torna-se o jogo do universo e é a causa única da existência cósmica. Este é o nosso ser real, escondido de nós pela máscara do ego e é apenas transformando nossa presente consciência em uma consciência mais alta que podemos alcançar uma vida divina e experienciar unidade com a Consciência Divina "que algo super-consciente em nós sempre desfruta, - de outra maneira não poderíamos existir -, mas que nossa mentalidade consciente tem perdido" (3).

Sri Aurobindo argumenta que a Supramente é uma necessidade lógica; Sachchidananda em si própria é "um absoluto sem espaço e sem tempo de existência consciente que é deleite" (4), mas o mundo não é sem tempo e sem espaço, é uma extensão no Tempo e Espaço e um movimento, um realizar-se, um desenvolvimento de relações por causalidade no Tempo e no Espaço. Ele chama

essa causalidade "lei Divina, e a essência dessa lei é o efetuar-se da verdade a partir de possibilidades infinitas para o deleite da auto-manifestação". Toda manifestação do universo desenvolve-se dessa força-consciente de conhecimento e vontade que dirige a inter-relação de formas e é a natureza essencial da existência.

O princípio da Supramente tem três movimentos: 1) é a unidade compreensiva de todas as coisas; 2) suporta a manifestação do Uno no múltiplo e do múltiplo no Uno; 3) suporta a evolução da individualidade.

Primeiramente, a Supramente é uma extensão de Sachchidananda que compreende a diferenciação tanto como sujeito e objeto de si própria. Nessa fase nenhuma individualização ocorre:

"Tudo é desenvolvido em unidade e como um; tudo é mantido por essa Consciência Divina como formas de sua existência, e em nenhum grau como existências separadas. Algo como os pensamentos e imagens que ocorrem em nossas mentes que não são existências separadas de nós, mas formas tomadas por nossa consciência, assim são todos os nomes e formas para essa Supramente primária. Ela é a intenção e formação divina pura no Infinito, - apenas uma intenção e formação que é organizada não como um jogo real de pensamento mental, mas como uma atividade real de ser consciente." (5)

Em segundo lugar, Supramente é a consciência apreensiva universal, isto é, ela vê a si própria como um objeto de cognição e como o centro no qual o Ser concentra a si próprio. Aqui o sujeito simultaneamente vê o objeto como algo distinto de si próprio e realiza a unidade entre sujeito e objeto. Neste ponto não existe diferença essencial, mas sim uma diferença prática, isto é, a Supramente conhece todas as formas-alma como si própria e ainda estabelece uma relação individual com cada uma:

"Se nossa mente purificada refletisse essa forma secundária da Supramente, nossa alma poderia suportar e ocupar sua existência individual e ali mesmo realizar a si própria como o Uno que se tornou o todo, contém tudo, deleitando-se mesmo em sua modificação particular, sua unidade com Deus e com suas companheiras. Em nenhuma outra circunstância da existência supramental poderia haver qualquer mudança característica; a única mudança seria este jogo do Uno que tem manifestado sua multiplicidade, e do Múltiplo que é ainda o Uno, com tudo aquilo que é necessário para manter e conduzir o jogo." (6)

Em terceiro lugar, a Supramente projeta a si própria no movimento individual e torna-se envolvida nele. Ainda assim, a unidade fundamental predomina na variedade de dualismos. Sri Aurobindo descreve essa ação como "o campo prático de sua experiência consciente" (7) (da Supramente), sendo as variações individuais em evolução vistas pela Supramente "em seu separado ponto de vista vivendo como o Divino individual, cada uma com o Supremo e Uno habitando nela" (8).

"Este equilíbrio terciário poderia ser, portanto, aquele de uma espécie de dualismo deleitante fundamental em unidade - não mais unidade qualificada por um dualismo subordinado - entre o Divino individual e sua fonte universal, com todas as conseqüências que poderiam resultar da manutenção e operação de tal dualismo." (9)

Esses três movimentos da Supramente são análogos aos três aspectos de Brahman: transcendente, universal, individual. A Supramente funciona como o mediador consciente, reconhecendo o Uno em si própria e em todas as coisas e objetos como emanções de sua própria vontade e conhecimento.

A Supramente é a ligação entre o Uno absoluto e o múltiplo relativo, mas considerando a distância entre a mente como nós a conhecemos e a consciência-Verdade supramental, uma questão surge: existe uma transição da mente para a Supramente? Se a mente é meramente uma faculdade buscando por verdade, visto que a Supramente está em posse da verdade, existirá um poder intermediário pelo qual a transição involucionária da Supramente para a mente racional possa ocorrer? Sri Aurobindo nos assegura que existem gradações entre estes dois níveis de consciência - uma transição da Supramente para nossa mente racional. Involuindo (descendo) da Supramente estão a Sobremente, mente Intuitiva, mente Iluminada, mente Superior e então mente ordinária.

A Supramente sempre vê a verdade integral como si própria. A mente vê o mundo de seu próprio ponto de vista relativo de separatividade individual. A Sobremente, por outro lado, embora consciente da verdade integral da Supramente,

"procede por intermédio de uma ilimitável capacidade de separação e combinação de poderes e aspectos da todo-compreensora indivisível e integral Unidade. Ela toma cada aspecto do Poder e dá a ele uma ação independente na qual esta adquire uma importância separada total e é capaz de desenvolver, poderíamos dizer, seu próprio mundo de criação." (10)

A Sobremente vê o universo como integralmente uno e ainda composto de muitos aspectos e potenciais para os quais ele confere ação independente. "Na Sobremente nós temos a origem da diversificação" (11). A Realidade Divina, o Uno e o múltiplo, Alma Divina (Si), Personalidade Divina e impersonalidade são todos aspectos e poderes da realidade una, mas cada um é também pleno de poder para agir como uma entidade independente no todo, para chegar a completa extensão de possibilidades de sua separada expressão e então desenvolver as conseqüências da separatividade. Essa separatividade na Sobremente é baseada na unidade; na unidade são encontradas infinitas possibilidades:

"Se nos referirmos aos Poderes da Realidade como muitas Divindades, nós podemos dizer que a Sobremente lança milhões de Divindades em ação, cada uma com poderes para criar seu próprio mundo, cada mundo capaz de relação, comunicação e interação com os outros." (12)

Enquanto a mentalidade humana vê o pessoal e o impessoal como opostos, a Sobremente os vê como poderes separados da Realidade una que podem ser independentes e também unidos entre si como aspectos coexistentes da existência una.

Nesse desenvolvimento de numerosos potenciais não há conflito. O conflito ocorre na divisão da mente. Pois a Sobremente não é uma queda da verdade, é uma criadora de verdades, e não clama por status separados para qualquer desenvolvimento.

"Cada idéia admite todas outras idéias e seu direito de ser; cada força concede um lugar para todas outras forças e sua verdade e conseqüências; nenhum deleite de existência plena separada ou experiência separada nega ou condena o deleite de outra existência ou outra experiência. A Sobremente é um princípio de Verdade cósmica e uma vasta e interminável universalidade é seu verdadeiro espírito; sua energia é um todo-dinamismo tanto quanto um princípio de dinamismo separado." (13)

A ação da Sobremente, em sua descida, atinge uma linha que divide conhecimento (maya superior) de ignorância (maya inferior). É a partir dessa linha que é possível para o princípio independente de separação criado pela Sobremente dividir a mente em unidades separadas para auto-desenvolvimento. Quando tal concentração ocorre, nós temos o mental existindo no reino da ignorância. Mas a mente não é outra senão a Supramente, ela é meramente limitada a um

conhecimento parcial, não um conhecimento integral da verdade. Por causa do princípio da divisão, a mente não mais se identifica com o todo:

"Este caráter de uma organização de verdades parciais em uma base de conhecimento separativo persiste na Vida e na matéria sutil, pois a concentração exclusiva de Consciência-Força que as coloca em ação separativa não segrega ou vela a Mente da Vida, ou a Mente e Vida da Matéria." (14)

Apenas quando a Inconsciência tiver sido atingida poderá haver completa separação. Mente, vida e matéria são estágios de Consciência-Força; cada um segue suas próprias possibilidades e efetua a verdade de si próprio.

O próximo nível de involução (descida) é a Mente Intuitiva. Sri Aurobindo a vê como o original daquela transmissão de verdade para a mente provindo dos estados mais altos, que nós conhecemos como intuição em nossa experiência mental. Os sentidos e a mente sensorial-pensante não conhecem nada sobre o absoluto. A única informação que os sentidos fornecem a nós é sobre forma e movimento, sempre "misturados, combinados, agregados, relativos" (15), nunca da pura existência. Mas existe uma consciência mais alta que a mente sensorial-pensante e esta é a intuição:

"A Intuição traz ao homem aquelas brilhantes mensagens do Desconhecido que são o início de seu mais alto conhecimento... A Intuição nos dá aquela idéia de algo atrás e além daquilo que nós conhecemos e que parece ser." (16)

A Intuição é mais forte que a razão ou experiência sensorial porque, como nossas faculdades mais altas, ela alcança o conhecimento direto:

"Na mente humana, sua ação é amplamente escondida pelas intervenções de nossa inteligência normal; uma intuição pura é uma ocorrência rara em nossa atividade mental, pois o que nós chamamos por esse nome é usualmente um ponto de conhecimento direto que é imediatamente tomado e recoberto com matéria mental." (17)

A intuição é obstruída por sugestão mental que tanto pode ser verdadeira como falsa, mas em ambos os casos não é o movimento direto original que pode nos dar a experiência integral da verdade. "Uma intuição aprovada em revisão judicial pela razão deixa de ser uma intuição e pode apenas ter a autoridade da razão para a qual não há nenhuma fonte de certeza direta" (18). E isso reduz amplamente para nós a utilidade da intuição:

"A Intuição tem um poder quádruplo. Um poder de visão-da-verdade revelatório, um poder de inspiração ou audição-da-verdade, um poder de toque-da-verdade ou avaliação imediata de significância, que é análogo à natureza ordinária de sua intervenção em nossa inteligência mental, um poder de discriminação verdadeira e automática da ordenação e exata relação de verdade para verdade." (19)

Por seu próprio processo, a intuição pode efetuar ação de razão, mesmo a função de inteligência lógica que elabora corretas relações entre coisas e idéias. Ela pode transformar a mente, coração, vida e o sentido da consciência física em uma maior integralidade. "Ela pode então alterar toda a consciência na substância da intuição" (29), mas usualmente isto é impedido devido à inconsciência fundamental em nossa natureza que é muito espessa para ser completamente penetrada. Tão logo ela esteja sob a influência de nossa mente e outras obscuridades ignorantes, a intuição jamais pode ser a mesma da consciência supramental.

A percepção intuitiva é mais que visão e concepção; ela traz dentro de si, visão e concepção. Uma consciência que procede por visão é o estágio entre Intuição e Mente Superior. Ela é denominada por Sri Aurobindo a Mente-Iluminada - a mente da luz espiritual. Neste nível, uma "Verdade e poder espirituais entram na consciência acompanhados por uma compreensão espiritual-conceitual. Uma cascata de luz visível interior usualmente acompanha essa ação. O significado de "luz", como empregado aqui, é primariamente uma "manifestação espiritual da Realidade Divina, iluminativa e criativa" (21) seguida por um entusiasmo de poder interior que substitui os processos mais deliberados dos níveis mentais ordinários.

A mente iluminada opera tanto por visão quanto por pensamento; pensamento é apenas um movimento subordinado. O pensamento ordinário é considerado o processo de conhecimento principal, dando-nos clarificação e detalhes precisos, mas na Mente Iluminada ele não é um processo indispensável:

"... embora em si própria, em sua origem nos níveis de consciência mais elevados, é uma percepção, um avaliar cognitivo do objeto ou de alguma verdade das coisas que é uma poderosa, mas ainda um resultado menor e secundário, da visão espiritual, uma relação comparativamente externa e superficial do si sobre o si, do sujeito sobre si próprio como objeto: pois todos eles são uma diversidade e multiplicidade do Si. Na mente existe uma resposta superficial de percepção ao contato de um objeto, fato ou verdade observada ou descoberta e a conseqüente formulação conceitual desta; mas na luz espiritual existe uma resposta perceptiva mais profunda vinda da verdadeira substância do ser, - nada mais, nenhuma representação verbal é necessária para a precisão e compleitude desse conhecimento-de-pensamento." (22). O pensamento cria uma imagem representativa da verdade e a mente a torna um objeto de conhecimento, mas a verdade, em realidade, é retida na "visão espiritual" e a imagem criada pelo pensamento torna-se secundária. A Mente Iluminada traz uma maior consciência por intermédio dessa visão espiritual.

Sri Aurobindo descobriu que quando esses graus de "energia-substância" descem (involuem) em nós, nosso conhecimento, pensamento, consciência, atividades e tudo em nós é afetado. A pureza da graduação depende das vibrações e prontidão de nosso ser, isto é, quanto mais densos e fechados nós estamos para os níveis mais altos, tanto menos de substância mais pura pode entrar em nós e tanto mais reduzida ela deve tornar-se. Na medida em que ascendemos, contudo, encontramos uma mais poderosa luminosidade, um mais concreto deleite espiritual. É então que os estados mais elevados são capazes de descer para dentro de nosso ser. "Isso pode ocorrer porque tudo é fundamentalmente a mesma substância, a mesma consciência, a mesma força, mas em diferentes formas e poderes e graus de si própria" (23).

A Mente Superior é o nível mais próximo à mente mental e outro elo no processo de descida. De acordo com Sri Aurobindo, a Mente Superior é uma "clareza do espírito". Ela possui um sentido de unidade do ser e ainda uma "múltipla dinamização" que formula aspectos e modos de ação em todos que tem um conhecimento intrínseco. A Mente Superior é um poder que provém da Sobremente, com a Supramente como sua "origem última". O caráter especial da Mente Superior é pensamento: "Ela é uma luminosa mente-pensamento, uma mente de conhecimento conceitual nascido-do-espírito" (24).

Um aspecto desse conhecimento superior é que relações de idéia com idéia e verdade com verdade não são derivados por dedução lógica, porque ele é um conhecimento a priori (integral) e não um conhecimento adquirido. As relações entre idéias e verdades já existem e "emergem auto-vistas no todo integral" (25).

Existe, na Mente Superior, o atributo de vontade e o atributo de cognição:

"Aqui nós encontramos que esta mais brilhante mente maior atua sempre no restante do ser, a vontade mental, o coração e seus sentimentos, a vida, o corpo, através do poder do pensamento, através da força-idéia. Ela procura purificar através de conhecimento..."

A idéia é colocada no coração ou na vida como uma força a ser aceita e desenvolvida; o coração e a vida tornam-se conscientes da idéia e respondem a seus dinamismos e sua substância começa a modificar a si própria naquele sentido de modo que os sentimentos e ações tornam-se as vibrações dessa sabedoria mais alta... os impulsos da vontade e da vida são similarmente carregados com seu poder e sua ânsia de auto-efetuação; mesmo no corpo a idéia atua dessa maneira, por exemplo, o potente pensamento e vontade de saúde substitui sua fé na doença." (26)

A força da idéia gerada em nossa substância de mente, vida ou corpo pode ser o poder para acordar-nos, porque ela dá ao ser inteiro uma maior e mais alta consciência. Isso ainda é uma batalha, porque a maya inferior sempre resiste a qualquer conhecimento mais alto. Mas as forças da ignorância têm que ser superadas e a evolução em lutas deve ser substituída pela evolução em harmonia e deleite.

"O poder da Mente Superior espiritual e sua idéia-força, modificada e diminuída como deve ser, por sua entrada em nossa mentalidade, não é suficiente para varrer todos esses obstáculos e criar o ser gnóstico, mas pode efetuar uma primeira alteração, uma modificação que capacitará uma ascensão maior e uma descida mais poderosa e, além disso, preparar uma integração do ser em uma maior Força de consciência e conhecimento." (27)

Embora a mente mental ordinária seja uma expressão da Supramente, é sua função dividir, limitar e separar as formas de coisas da totalidade indivisível da existência. A mente Ordinária tem o impulso constante para ir além de suas partes e tentar compreender o todo, mas ela sempre falha por causa de suas limitações inerentes:

"A mente percebe apenas o particular e não o universal, ou concebe apenas o particular em um universal não possuído, mas nunca ambos, o particular e o universal como um fenômeno do infinito. Então nós temos a mente limitada que vê todo fenômeno como uma coisa-em-si-própria, uma parte separada de um todo que novamente existe separadamente em um todo maior e assim por diante, aumentando sempre seus agregados sem voltar ao sentido de uma verdadeira infinitude." (28)

A mente ordinária reparte o ser em totalidades, mesmo nas menores totalidades, em átomos, em átomos primais ad-infinitum, até que possa, se possível, analisar partículas da existência, mas ela não pode, porque todas as formas fenomenais não são divisões mas expressões da unidade infinita e do ser eterno. "Divisão é uma aparência subordinada do processo global necessária ao seu jogo espacial e temporal" (29).

"Por dividir à sua vontade, descer ao mais infinitesimal átomo ou forma, ao mais monstruoso possível agregado de mundos e sistemas, você não pode, por quaisquer processos, chegar à coisa em si; tudo são formas de uma Força que unicamente é real em si própria enquanto o restante é real somente como auto-imagens ou auto-formas manifestadas da eterna Força-Consciência." (30)

Além disso, Sri Aurobindo propôs sete princípios como o fundamento de toda existência cósmica. Para recapitular, a realidade última de tudo que está no universo é o triplo princípio do Transcendente - Existência-Consciência-Deleite - a natureza do Ser Divino. A Consciência tem dois aspectos: estático e dinâmico. A ação criativa do "todo-existente" tem seu "nodus" no quarto princípio, a Supramente ou Real-Idéia que media entre a unidade de Sachchidananda e a multiplicidade da mente, vida e matéria. Supramente, o princípio da vontade e conhecimento diretivos, abrange todas as coisas em si própria como si própria. Mente, vida e matéria são um

aspecto tríplice dos princípios superiores, mas subordinados à Divina Existência-Consciência-Deleite e Supramente:

"Mente é um poder subordinado da Supramente que se baseia no ponto de vista da divisão, atualmente esquecida da unidade subjacente, embora capaz de retornar a esta por re-iluminação pelo supramental; Vida é similarmente um poder subordinado do aspecto de energia de Sachchidananda, é uma força elaborando forma e o jogo de energia consciente a partir do ponto de vista da divisão criada pela Mente; Matéria é a forma de substância de ser que a existência de Sachchidananda toma quando se sujeita a essa ação fenomenal de sua própria consciência e força." (31)

O quarto princípio que vem à manifestação como o "nodus" de mente, vida e corpo é a alma. A alma é duplamente desenvolvida; é feita da "alma de desejo que anseia pelo deleite e a posse de coisas; e a verdadeira entidade psíquica que é o repositório real das experiências do espírito" (32). Os princípios, então, são realmente oito, em vez de sete. São eles (33):

"Existência (Sat):	torna-se Matéria
Consciência-Força (Chit):	torna-se Vida
Deleite(Ananda):	torna-se Psique (Alma)
Supramente :	torna-se Mente

A alma-de-desejo é uma distorção exterior do princípio psíquico que não é a vida ou a mente, muito menos o corpo, mas que mantém em si própria a abertura e florescimento da essência de todos eles para o próprio e peculiar deleite do si, iluminar, amar, deleite e beleza e para uma refinada pureza de ser." (34)

A alma tem sua origem em uma Alma Divina (Si) acima. A Alma Divina vive no deleite original da Existência (Ananda) auto-contida na consciência de Sachchidananda e na unidade de maya superior. Por distinção da Supramente Compreensiva, a Alma divina desfruta ao mesmo tempo unidade e diferenciação com Deus e unicidade com outras Almas Divinas. Ela é consciência pura e ilimitada em sua energia e capaz de relação livremente com formas de conhecimento.

A Alma Divina é consciente de três graus de existência supramental como auto-manifestações de Sachchidananda: 1) conceber, perceber e sentir como seu próprio Si-de-ser e Si-de-vir-a-ser todas existências; 2) conceber, perceber e sentir todas existências no Si como formas-alma do Uno; 3) conceber, perceber e sentir todas essas existências em sua individualidade divina.

A distorção exterior do ser psíquico (alma-de-desejo) "trabalha em nossos apetites vitais, nossas emoções, faculdades estéticas e busca mental por poder, conhecimento e felicidade" (35). A mesma divisão que separa mente ordinária de Supramente existe para a alma. Sri Aurobindo coloca que o mal do mundo é que o indivíduo é incapaz de encontrar a verdadeira alma dentro e uni-la com a Alma-Divina. Nós buscamos pela essência do ser, poder, existência-consciente, e deleite, mas, em lugar disso recebemos as dualidades de prazer e dor, afetos e desafetos, emoções e indiferença, coragem e medo, alcances e recuos. É, diz ele, a Alma Divina que compele nosso ser psíquico a continuar buscando a unidade mais alta a despeito de seus retrocessos através da alma-de-desejo, "e isto ela faz porque é impelida pelo universal a desenvolver a si própria por todas as espécies de experiências de modo a crescer em Natureza" (36). Se nós vivêssemos apenas pela alma-de-desejo, não poderíamos transformar a nós mesmos mais que a pedra pode transformar a si própria; de fato poderíamos circular sobre os mesmos rastros para sempre. Nós podemos, contudo, relacionar a alma-de-desejo a suas verdades interiores e a suas fontes divinas e esse é um movimento indispensável se nós quisermos progredir tanto individualmente quanto como humanidade.

"... é pelo poder da Supramente que isso pode ser feito com uma completude integral, uma intimidade que torna-se uma autêntica identidade; pois é a Supramente que interliga os hemisférios superior e inferior da Existência Una. Na Supramente está a Luz integradora, a Força consumadora, a entrada ampla na suprema Ananda; o ser psíquico (alma) elevado por aquela Luz e Força pode unir a si próprio com o deleite original da existência, do qual ele veio: superando as dualidades de dor e prazer, liberando-se de todo medo e recolhendo-se da mente, vida e corpo, ele pode retomar os contatos da existência no mundo em termos da Ananda Divina." (37)

O Divino involui ou desce da Existência Pura por intermédio da atividade da Força-Consciência e Deleite e da intermediação criativa da Supramente em ser Cósmico; "nós ascendemos da Matéria, por intermédio de uma vida, alma e mente em desenvolvimento e o meio iluminador da Supramente em direção ao ser divino" (38). O nó é onde a mente e a Supramente se encontram. O desatar do nó é a condição da vida divina na humanidade, isto é, pelo desatar do nó, pela descida das forças superiores no vir-a-ser inferior e pela ascensão do inferior ao superior, a mente será libertada de sua engenhosidade ignorante e irá compreender a si própria na Supramente. A alma irá realizar sua divindade no deleite de Ananda, a vida irá abrir-se à sua força divina na atividade da Consciência-Força, e a matéria irá incrementar sua liberdade como uma forma da existência divina. Supramente, como o poder de conhecimento e vontade, é a própria Sachchidananda e cria as leis do universo. Todo desenvolvimento é auto-desenvolvimento de dentro do infinito. Determinismo desenvolve auto-limitação e por essa razão nenhuma lei é absoluta; apenas o infinito é absoluto. Tudo contém em si próprio infinitas potencialidades muito além de nossa determinação de sua forma e curso. Sri Aurobindo sustenta que o poder de auto-limitação é:

"necessariamente inerente no Todo-Existente sem fronteiras. O infinito não poderia ser o infinito se não pudesse assumir uma finitude multi-desenvolvida; o Absoluto não poderia ser o Absoluto se fosse negado em conhecimento e poder e vontade e manifestação de ser uma ilimitada capacidade de auto-determinação." (39)

Mesmo se apenas um princípio parece estar manifesto no universo, os outros devem estar não apenas presentes, mas "secretamente" em ação. Sri Aurobindo vê a realização do poder sétuplo (ou óctuplo) do ser através da evolução como o destino do mundo "que parte aparentemente da involução do todo em um poder" (40).

## Capítulo 5

**INVOLUÇÃO E IGNORÂNCIA**

Por toda sua obra magna filosófica, A Vida Divina, Sri Aurobindo argüi pela necessidade da involução dos princípios de unidade superiores para causar a evolução do mundo inferior de multiplicidade. No primeiro capítulo ele diz:

"Nós falamos da evolução da Vida na Matéria, a evolução da Mente na Matéria; mas evolução é uma palavra que meramente refere-se ao fenômeno sem explicá-lo. Pois parece não haver nenhuma razão para a Vida evoluir de elementos materiais ou Mente de formas viventes, a menos que aceitemos a solução vedântica de que a Vida já está involuída na Matéria e a Mente na Vida porque, em essência, a Matéria é uma forma de Vida velada, e Vida uma forma de Consciência velada." (1)

Mais ainda, nós vimos que os princípios que constituem a existência são idênticos em seu ser, embora diversos em seu vir a ser. Isto significa que no real ponto de partida da evolução terrestre, o inconsciente, estão necessariamente involuídos todos os princípios da realidade última. Essa teoria de Sri Aurobindo reconcilia a realidade sem tempo de Ser com o mundo temporal de vir a ser e explica a evolução teleológica como um derradeiramente livre ato de criação. Sri Aurobindo sustenta que todas as várias gradações e tipos de ser vieram à existência pela Consciência-Força manifestada na matéria pelo poder da Supramente que constrói suas próprias formas na multiplicidade para a unidade interior. Isso ele chama a involução do Espírito. Evolução, então, é um auto-desenvolvimento do Espírito. Um exemplo que ele utiliza é o da vida involuída na matéria. A questão é, se a vida não está involuída na matéria, a partir de que ela evolui? Neste argumento, Sri Aurobindo mostra que vida é uma força universal que trabalha para criar, modificar, reconstruir, manter, dissolver e energizar formas substanciais com uma atividade e intercâmbio de uma energia consciente como sua base:

"No mundo material que nós habitamos, a Mente está involuída e subconsciente na Vida, como a Supramente está involuída e subconsciente na Mente, e esse instinto de Vida com uma Mente subconsciente involuída está novamente ela própria involuída na Matéria" (2).

A Matéria é então a fundação e o começo do Espírito em desenvolvimento. "O universo material principia com o átomo formal sobrecarregado com energia, instinto com a substância não formada de um subconsciente desejo, vontade e inteligência" (3). É para fora dessa matéria que a vida nasce.

Em seu argumento pela involução Sri Aurobindo diz que a natureza mostra muita ordem para ser um processo de mero acaso, e muito "jogo livre" de variação para ser controlada por qualquer espécie de necessidade mecânica. "Deve haver por detrás da Necessidade ou nela mesma uma lei de unidade associada à coexistente, mas dependente, lei de multiplicidade..." (4). E, se existe uma necessidade que compele a evolução, é necessário que exista potencialmente no inconsciente uma consciência já involuída que, no tempo certo, pode irromper de sua assim chamada prisão. Para Sri Aurobindo, esta consciência é o princípio supramental.

Concordantemente existe uma consciência involuída dentro de cada ação da evolução e mesmo a mais limitada prisão do inconsciente é uma condição indispensável para o início da evolução. Sri Aurobindo chama isso o "princípio de livre variação de possibilidades" (5) que significa que necessidade mecânica ou acaso existem somente em aparência, não em realidade. Ele relembra-nos que a Supramente é o poder que impele a potencialidade para atualidade, pois todos os estágios são expressões do conhecimento da Supramente e sua própria auto-percepção é trazida em cada átomo.

Exatamente como a Existência é inerente na Consciência-Força e Deleite, assim também cada estágio na evolução é inerente na substância e energia.

A involução de Sachchidananda dá à dividida existência de mente, vida e matéria sua divina origem. Nós precisamos lembrar que a unidade não é penalizada na aparente separação, porque o divino Brahman conduz sua força de consciência para dentro até mesmo do mais limitado inconsciente e a Alma Divina sempre vê a si própria em todas as formas:

"Em tudo está a mesma Alma, o mesmo Ser divino; a multiplicação de centros é apenas um ato prático de consciência com intenção de instituir um jogo de diferença... baseado na unidade essencial..." (6)

Sri Aurobindo havia mostrado que a involução existe, mas uma questão permanece. Como a criação nesse mundo familiar de nossa experiência cotidiana veio a ser tal consciência limitada, e por que nós usualmente vemos a matéria inconsciente como o início e o fim de tudo? Por que nossa alma parece não mais que um temporário acidente no tempo, e se ela é imortal, por que parece tão estranha a nós? A resposta a todas as questões é a mesma: ignorância.

Ignorância significa "ignorar" ou "não ver" e é associada por Sri Aurobindo à maya inferior. Mas a ignorância não é considerada por ele como desempenhando um papel negativo em nosso mundo e experiência. Ela parte da multiplicidade como a realidade básica "e de modo a retornar à real unidade deve principiar com a falsa unidade do ego" (37). O estágio da ignorância é positivo porque sem ela a evolução seria impossível. Para Sri Aurobindo a criação é uma involução do Espírito para dentro da Ignorância, que é o elemento necessário da evolução para dar a nosso mundo a promessa da perfeição. Através dos séculos, pensadores e pessoas criativas do mundo todo têm realizado a ignorância da natureza e a verdade de Deus interligados por uma realidade:

"...a perfectibilidade do homem, a perfectibilidade da sociedade, a visão de Alvar da descida de Vishnu e dos Deuses sobre a terra, o reino dos santos... a cidade de Deus, o milênio, o novo céu e terra do apocalipse..." (8)

Mas essas intuições nunca realmente tiveram fundamentos em "conhecimento seguro" e as pessoas continuam a oscilar entre a idéia de um brilhante futuro para a humanidade e uma cinzenta depressão do absurdo da vida. De acordo com Sri Aurobindo, a vida divina evoluindo na natureza terra não é apenas nossa imaginação esforçando-se por alcançar, em falsa esperança, um futuro brilhante; existe uma base racional para tal ponto de vista:

"...o termo inferior de ser no qual nós atualmente vivemos contém em si próprio o princípio e intenção daquilo que o excede e é por seu próprio auto-exceder e transformar que ele pode encontrar e desenvolver-se em uma completa forma de sua real essência." (9)

Mesmo uma realização de nossa ignorância, então, não deve ser uma depressão, pois ignorância é meramente o poder de Conhecimento reter a si próprio e limitar sua ação; ela não é uma Vontade separada existindo independentemente da Consciência Divina. Ela tem, de fato, a capacidade para evoluir em conhecimento porque o conhecimento é potencial nela.

Se ignorância é conhecimento limitado, e se conhecimento é potencial na ignorância, não pode haver, para Sri Aurobindo, um absoluto bem e um absoluto mal. "...Conhecimento e Ignorância são luz e sombra da mesma consciência..." (10). Após o conhecimento espiritual envolver para dentro da ignorância e então para dentro do inconsciente, ele emerge primeiro a partir do inconsciente e então para fora da ignorância para um mais alto estado de consciência:

"De fato, o que está acontecendo é que a ignorância está buscando e preparando para transformar a si própria por uma iluminação progressiva de sua escuridão no Conhecimento que está já encerrado dentro dela; a verdade cósmica manifestada em sua real essência e figura poderia, por essa transformação, revelar a si própria como essência e figura da suprema onipresente Realidade." (11)

Esse esforço em direção ao auto-conhecimento está profundamente inerente na consciência da humanidade, e esse esforço verdadeiro é nossa esperança para um futuro brilhante:

"O mundo vive em nós, pensa em nós, forma a si próprio em nós; mas nós imaginamos que somos nós quem vivemos, pensamos, tornamo-nos separados por nós mesmos e para nós mesmos. Como somos ignorantes de nosso si sem tempo, superconsciente, subliminal e subconsciente, também somos ignorantes de nosso si universal. Apenas isso nos poupa: que nossa ignorância é uma ignorância que está plena de impulso e se esforça irresistivelmente, eternamente, pela verdadeira lei de seu ser, em direção à realização de auto-posse e auto-conhecimento." (12)

Nós vimos que, de acordo com Sri Aurobindo, ignorância é conhecimento limitado e uma parte do processo evolucionário, mas como pode a ignorância "entrar em ação ou manter a si própria em ação em um Ser absoluto que deve ser consciência absoluta e portanto não pode ser sujeito a ignorância?" (13). Onde se origina a ignorância?

Primeiramente, para evitar distorcer a verdadeira Unidade integral de Brahman dizendo que ignorância é apenas individual ou apenas cósmica, Sri Aurobindo coloca que "Ignorância deve necessariamente ser parte do movimento do Uno (Brahman), um desenvolvimento de sua consciência sabidamente adotado, à qual não é forçosamente sujeita, mas que utiliza para seu propósito cósmico" (14). Se essa idéia parece paradoxal, a solução pode ser encontrada na ação da Força-Consciência (Chit) manifestando a si própria em Vontade e Conhecimento (Supramente) que manifesta o fenômeno da ignorância. Assim, dentro da ignorância repousam encerrados vontade e conhecimento conscientes. Apenas a vontade e conhecimento conscientes têm o poder dinâmico para manifestarem-se de modo a experienciar todas as formas, mesmo a que parece ser a mais limitada. Mesmo em nós próprios descobrimos que essa energia de Força-Consciência é a força mais dinâmica que temos. O dinamismo atua sobre dois objetos; nós mesmos ou mundo interno e os outros, "sejam criaturas ou coisas", no mundo externo em torno de nós. Mas em Sachchidananda, a distinção de interno e externo não se aplica como para nós, porque nós fazemos a divisão em nossa mente. Em nós, apenas uma parcela da força de nosso ser é "identificada com nossa ação voluntária" (15), o restante é identificado com nossas ações mentais ou outras ações involuntárias, subconscientes ou superconscientes. Mas em Sachchidananda essa separação e seu efeito não se aplicam, porque tudo é seu si indivisível, e efeitos são movimentos de sua Força-Consciente em operação.

Brahman tem tanto consciência ativa como passiva. A consciência ativa expressa a si própria na criação (involução), a consciência passiva é o reservatório do qual a energia ativa flui. O mesmo processo ocorre em seres humanos. Quando nós agimos, a totalidade de nossa personalidade permanece por detrás do ato, mas a totalidade da personalidade não expressa a si própria na ação. De fato, apenas uma pequena porção dela assim o faz; o restante é conservado como uma fonte de poder potencial que é capaz de projetar a si própria em um dado momento para a ação. A parte ativa de nós é apenas um diminuto fragmento da consciência passiva, o reservatório profundo de nosso ser. Em Brahman a consciência passiva e ativa são:

"a mesma consciência, a mesma energia, numa extremidade em um estado de auto-reserva, na outra lançada em um movimento de auto-doação e auto-desenvolvimento, como o repouso de um reservatório e o correr dos canais que fluem dele." (16)

Brahman, contudo, não passa alternadamente da passividade para atividade e novamente de volta à passividade. Se esse fosse o caso, desde que existe o universo apenas o Brahman ativo poderia estar na existência. Mas se o universo fosse dissolvido, o Brahman ativo e tudo mais deveriam cessar. Brahman possui atributos passivos e ativos simultaneamente e "não passa alternadamente de um para o outro como do sono para o despertar" (17).

Por outro lado, o Brahman Absoluto transcende toda atividade e passividade; é consciente de ambos, mas não perdido em nenhum, o que significa significativamente que ignorância não é um elemento do Brahman Absoluto e conseqüentemente não pode haver "nenhuma Ignorância original e primal" (18).

Na multiplicidade de almas, aí também não há divisão original, portanto nenhuma ignorância. Se ignorância fosse inerente na alma ninguém poderia aspirar a elevar-se acima da ignorância para dentro da presença do conhecimento. Em cada alma o Divino imanente é consciente de sua unidade com o Uno e o múltiplo. Mesmo "nossa consciência superficial, identificada com o corpo e com a vida dividida e mente dividida, é ignorante; mas estas também podem ser iluminadas e tornadas conscientes. Multiplicidade, então, não é necessariamente causa da ignorância" (19).

"A origem da Ignorância deve então ser buscada em alguma auto-absorvida concentração... de Força-Consciente em ação em um movimento separado da Força; para nós isso toma a aparência de mente identificando a si própria com o movimento separado e identificando a si própria também no movimento separadamente com cada uma das formas resultantes disso. Assim ela constrói uma parede de separação que impede a consciência em cada forma de conscientizar-se de seu próprio ser total, de outras consciências encarnadas e do ser universal." (20)

Agora, diz Sri Aurobindo, nós temos que nos perguntar qual é a natureza dessa auto-absorção, dessa auto-esquecida concentração? Se fosse a ação do ser inteiro ou da inteira força de ser, então ela deveria ter todo conhecimento. Deve então surgir como um fenômeno subordinado por alguma limitação de consciência. "Ignorância é o esquecimento do Si e do Todo com propósitos pela Natureza, deixando-os de lado... de modo a fazer somente aquilo que ela tem que fazer em algumas operações exteriores da existência" (21).

A natureza interior não é ignorante. Nós temos a capacidade e potencialidade de conhecimento total, mas como seres mentais nós vivemos de momento a momento e estamos, portanto, em uma espécie de ação superficial de consciência. Nós somos ignorantes de nosso futuro e nosso passado exceto por uma pequena parte que podemos relembrar pela memória. Sri Aurobindo sustenta que nossa existência no momento não é de maneira nenhuma a verdade total de nosso ser, é apenas uma verdade pragmática que nos serve de momento a momento desempenhando o ator, o soldado, o poeta, ou tudo o mais da vida superficial.

Por causa do ego, freqüentemente esquecemos a nós próprios como o ator e nos tornamos a parte que estamos desempenhando, por exemplo, "soldado esquece a si próprio no ato e se torna o ataque e a fúria e a matança" (22).

"A inconsciência é superficial como a ignorância da mente humana desperta ou a inconsciência ou subconsciência de sua mente adormecida, e dentro dela está o Todo-consciente; é inteiramente fenomenal, mas é o fenômeno completo.... Nesciência na Natureza é a completa auto-ignorância; o conhecimento parcial e a ignorância geral do homem é uma auto-ignorância parcial marcando em sua ordem evolucionária um retorno em direção ao auto-conhecimento.... A ignorância é efetiva dentro dos limites daquele movimento e é válida para seus propósitos, mas fenomenal, parcial, superficial, não essencialmente real, não integral... Naquela verdadeira verdade de si própria é uma

involuída Consciência e Conhecimento evoluindo de volta a si própria, mas é dinamicamente efetiva como uma Inconsciência e uma Ignorância" (23).

Quando Sri Aurobindo fala de um movimento parcial de Força-Consciência absorvida em um campo limitado de forças e ações, ele não está implicando em dualismo: é mais propriamente uma força integral e não algo que contradiz conhecimento:

"Essa Ignorância é, como temos visto, realmente um poder do Conhecimento para limitar a si próprio, para concentrar-se no trabalho em mãos, uma concentração exclusiva na prática que não impede a plena existência e atuação do ser consciente total por detrás, mas uma atuação nas condições escolhidas e auto impostas na natureza. Esse poder de auto-limitação para uma atuação particular, em vez de ser incompatível com a absoluta força-consciente daquele Ser, é precisamente um dos poderes que nós poderíamos esperar existir entre as múltiplas energias do Infinito" (24).

## Capítulo 6

**EVOLUÇÃO**

No capítulo anterior nós vimos que todo o processo de evolução é tornado possível pelos princípios mais altos envolvendo a si próprios via Supramente para dentro da mais limitada matéria inconsciente e, assim fazendo, fornecem o poder consciente necessário para impelir um movimento para mais altos estados de consciência. Como a semente que tem potencialmente em si própria a árvore, assim a matéria tem involuída potencialmente em si a vida; latente na vida está a mente, na mente repousa a Supramente e Sachchidananda. Por causa do conhecimento diretivo da Supramente, cada um dos estágios mais baixos tem involuído em si todos os estágios mais altos, que irão, em seu tempo, emergir para fazer um mundo perfeito.

Nós temos visto que embora a ignorância seja uma limitação e uma separação do conhecimento, pelo processo de evolução haverá um gradual desaparecimento da alienação por intermédio do retorno à unidade. Existe então divindade na ignorância e na maya inferior.

"O Ser Divino não é incapaz de tomar inúmeras formas porque Ele está além de todas as formas em Sua essência, nem por assumi-las Ele perde Sua divindade, mas infunde mesmo nelas o deleite de Seu ser e as glórias de Sua divindade; este ouro não cessa de ser ouro porque se molda em toda espécie de ornamentos e cunha a si próprio em muitas moedas e valores, nem o Poder-Terra, princípio de toda essa configurada existência material, perde sua divindade imutável porque forma a si própria em mundos habitáveis, lança a si própria em colinas e vales e permite ser moldada em tijolos de lareira e utensílios domésticos ou como um duro metal em artefatos e engenhos. Matéria, - substância propriamente, sutil ou densa, mental ou material, - é forma e corpo do Espírito e nunca poderia ter sido criada se não pudesse ser tornada uma base para a auto-expressão do Espírito. A aparente Inconsciência do universo material contém em si veladamente tudo que é eternamente auto-revelado no luminoso Superconsciente; revelar isso no Tempo é o lento e deliberado deleite da Natureza e a meta de seus ciclos." (1)

Para Sri Aurobindo a evolução é tanto espiritual como material ou biológica. Ele concorda que a ciência ocidental tem feito muito para explicar os fatos da evolução material, mas tem negligenciado a evolução de consciência às vezes referindo-se a ela como meramente um epifenômeno ou um acidente e não o significado fundamental do progresso. Sri Aurobindo mantém que a consciência é o eixo de todo o processo evolucionário expressando a si própria primeiramente em formas materiais, então pelo método de assunção elevando tudo ao próximo mais alto estágio da ignorância e no fim liberando a si própria em sua verdadeira consciência pelo evoluir em conhecimento.

O primeiro princípio na evolução, então, é matéria. Contido latentemente na matéria estão os princípios de mente e vida que eventualmente modificam a substância da matéria, primeiro em "substância viva" e então em "substância consciente". Mas esses princípios não mudam ou transformam a matéria inteiramente, porque eles não têm o poder para torná-la completamente viva e perfeitamente consciente. "Este é um sinal de que nem Mente nem Vida são o Poder criativo original..." (2). Enquanto involuídas na condição de matéria, elas não podem atingir sua atualidade total, elas devem ter ajuda de uma força superior e "apenas a Supramente pode assim descer sem perder seu pleno poder de ação..." (3). Se o princípio diretivo da Supramente limita a si própria na matéria, vida ou mente, é por escolha e não por acaso ou acidente.

Quando a organização da matéria chega ao ponto de suficiente complexidade, a vida emerge e começa a dominar a matéria. Vida, Mente e Supramente estão sempre presentes e em ação no

átomo, mas latentes em uma ação inconsciente de energia. O átomo, nessa visão, está adormecido, "dirigido por uma desconhecida e não sentida Existência interior, - aquele que está desperto no adormecido" (4). A vida, por outro lado, embora adormecida, está nas margens do despertar, mas nunca realmente desperta:

"A vida tem surgido; em outras palavras, a força de ser consciente oculto tem sido tão intensificada, tem elevado a si própria a tal alturas de poder para desenvolver ou tornar-se capaz de um novo princípio de ação, aquilo que nós vemos como vitalidade, força-vital. Ela tem se tornado vitalidade responsiva à existência, embora não mentalmente consciente, e lançou um novo grau de atividades de um mais alto e sutil valor que qualquer ação puramente física." (5)

A Consciência involuída na matéria primeiramente emerge como vibrações vitais subconscientes e movimenta-se em direção a auto-descoberta através de sucessivas formas daquela substância material. A Consciência na vida atua para manifestar deleite por intermédio de sensações, mas inicialmente pode apenas formular algum pequeno aspecto, por exemplo, prazer e dor, atração e repulsa. No animal, a vida consciente é novamente intensificada. Aqui a força torna-se mais consciente e desperta; ela é não mais apenas um objeto, mais um ser individual que participa em e interage conscientemente com o ambiente. A nova consciência animal, nova ao menos no reino da matéria, é mentalidade. O animal sente seu corpo, vida e também mente, pois ele tem não apenas instintos cegos, mas sensações conscientes, memórias, emoções, volição e associações mentais. Estes são o começo do sentimento, pensamento e vontade. Desde que ele é capaz de fazer associações e tem memória, nós podemos observar uma inteligência prática; alguns animais são capazes de fazer planos, usar estratégias e astúcia. Tudo isso, diz Sri Aurobindo, é uma preparação para a evolução de uma ainda mais consciente inteligência humana. Quando emerge o ser humano ocorre o primeiro sinal de uma vontade e escolha conscientes, mas, no total, a consciência humana é ainda limitada e superficial.

"[no ser humano] ...há uma transição da mente vital para a mente reflexiva e pensante, há desenvolvido um mais alto poder de observação e invenção, coletando e conectando dados; consciente do processo e resultado, uma força de imaginação e criação estética, uma sensibilidade mais plástica superior, a razão coordenadora e interpretadora, os valores de uma inteligência não mais de reflexos ou reações mas de domínio, compreensão e auto-desapego." (6)

Devido a essa complexa mente humana ter uma consciência superior, ela torna-se dominante na terra. Aqui é importante reiterar que nada na evolução é destruído ou deixado para trás. O ser humano carrega consigo a vida física e mental dos animais e transforma-as em valores mais altos. Se os estados de animal inferior lutam contra serem elevados, a mais complexa mente racional lida com eles desenvolvendo ética, disciplina, ascese e eventualmente integração.

Diferentemente do animal, o ser humano tem se tornado consciente de uma individual aspiração e busca por perfeição: "Está em sua natureza humana, em toda natureza humana, exceder a si próprio pela evolução consciente, escalar além daquilo que ele é" (7). Mesmo com o fardo da animalidade puxando para baixo em direção à inércia e a ignorante mentalidade humana lutando pelo conhecimento, o próximo produto da evolução será conhecimento. No presente, contudo, a maioria das pessoas usa o mais baixo plano da inteligência humana que Sri Aurobindo chama a mente-física:

"porque depende para sua evidência de fatos e senso de realidade, do cérebro físico, mente sensorial física, órgãos sensoriais físicos; ali nós somos o homem físico que atribui muita importância a coisas objetivas e a sua vida exterior, que tem pouca intensidade de existência subjetiva ou interior e subordina o que quer que tenha delas às exigências maiores da realidade exterior." (8)

Essa pessoa inclinada ao físico também possui uma parte vital de sensações, desejos, esperanças, sentimentos, etc., mas estas também são dependentes de coisas e eventos externos. A mente-mental está lá, mas baseia sua ação e pensamento no costume, tradição, utilidade, conforto e entretenimento da existência física e sensitiva. Qualquer coisa mais elevada que a sensação e o mundo material é usualmente considerada como supérflua.

"Acima da mente física e mais profundo interiormente que a sensação física, está o que nós podemos chamar uma inteligência de mente-de-vida, dinâmica, vital, nervosa, mais aberta, embora ainda obscuramente, ao psíquico, capaz de uma primeira formação-de-alma, embora apenas de uma mais obscura alma-vida, - não o ser psíquico..." (9)

Esse próximo plano, mente-vital existe como um campo para o preenchimento dos impulsos de vida como nossas ambições, poder, caráter forte, amor, paixão, aventura e toda espécie de experiências de vida. Nesse nível nossa vida interior torna-se real para nós e independente do corpo e dos símbolos do mundo físico. Uma pessoa com uma alta intensidade desse ímpeto de vida busca novos horizontes, é interessada no futuro. Existe uma vida mental também, freqüentemente uma escrava dos desejos vitais. Essas pessoas podem tornar-se os aventureiros mentais, lutadores por novas idéias, o tipo sensitivo de artista, o poeta dinâmico, o profeta ou campeão de uma causa. Essa mente-vital é uma força vigorosa no movimento da evolução.

Acima desse estágio de mente vital está a mente-mental de pensamento e inteligência puros para a qual as coisas do mundo mental são mais importantes:

"...aqueles que estão sob sua influência, o filósofo, pensador, cientista, criador intelectual, o homem de idéia, o homem do mundo da fala ou escrita, o idealista e o sonhador, são o ser mental presente no seu mais alto cume atingido." (10)

Aqui, as mentes vital e física estão usualmente controladas pela inteligência e vontade pensantes. Se nós permanecermos no plano mental, nunca poderemos transformar nossa natureza, mas podemos controlá-la e harmonizá-la. A mente de inteligência pura tem atrás de si uma mente subliminal que "sente diretamente todas as coisas do plano mental". Ela é aberta a poderes mentais e poderes ideativos que influenciam o mundo físico e experiências de vida, mas presentemente nós não experienciamos diretamente a mente subliminal, assim podemos apenas inferir essas influências.

Esses três graus de mentalidade são passos extremamente significativos na evolução de seres mentais em direção ao psíquico (alma), os planos da intuição, a Sobremente e finalmente a Supramente. Conforme nós nos desenvolvemos e nos tornamos mais conscientes de nossa individualidade, a intuição a priori da alma manifesta sua consciência oculta. Nós vemos que a evolução tem um processo duplo: 1) uma evolução externa física visível aos sentidos, e 2) um processo interno de evolução de alma que não é visível. Essa realização é um passo crucial no esquema de evolução de Sri Aurobindo porque significa que não somos mais apenas uma operação automática da natureza, nós obtivemos mais conhecimento e temos a vontade para aprofundar nossas próprias capacidades interiores:

"O homem tem visto que pode haver um status mais alto de consciência que seu próprio; o *oestrus* (impulso) evolucionário está em suas partes de mente e vida, a aspiração para exceder a si próprio está liberada e articulada dentro dele: ele se tornou cômico de uma alma, descobriu o si e espírito. Nele, então, a substituição de uma evolução subconsciente por uma evolução consciente se tornou concebível e praticável, e pode muito bem ser concluído que a aspiração, o impulso, o empenho persistente nele é um sinal seguro da vontade da Natureza por um caminho mais alto para a plenitude, a emergência de um mais alto status." (11)

A cada passo na evolução pode-se receber um indício de o que será o próximo passo. Os sinais de sensação no aparente inconsciente são visíveis; "... na vida que se move e respira, a emergência da mente sensitiva é aparente e a preparação da mente pensante não é inteiramente oculta..." (12). Na mente-pensante surge a busca de uma consciência espiritual. Como a planta que contém dentro de sua vida a possibilidade do animal, assim o animal contém dentro de si os primeiros movimentos do pensador, e no pensador está contido o ser espiritual que será plenamente consciente de seu verdadeiro si e natureza.

Este próximo passo é indicado pelas profundas aspirações que estão despertando na raça humana. Por exemplo, a importância da espiritualidade nas pessoas pode muito bem ser tomada como um sinal de que nós temos a capacidade e que é a intenção da natureza para a transição a ser feita. A evolução não é sempre um processo invariavelmente lento, ela inclui saltos emergentes quando o tempo é correto:

"...a ação da Natureza evolucionária em um tipo de ser e consciência é primeiro desenvolver o tipo até suas extremas capacidades por uma sutilização e crescente complexidade até que este esteja pronto para a ruptura da concha, a madura emergência decisiva, revogativa, voltando a consciência sobre si própria, que constitui um novo estágio na evolução." (13)

Se é verdade que o aparecimento do animal tipo-macaco sendo dotado com elementos de humanidade foi a emergência do humano, então o aparecimento agora no ser humano de um tipo espiritual "semelhante à humanidade mental-animal, mas já com o cunho da aspiração espiritual em si, poderia ser o método óbvio da Natureza para a produção evolucionária do ser espiritual e supramental" (14). Isso significa que não toda humanidade será elevada em bloco à natureza supramental; primeiramente haverá apenas uns poucos seres humanos altamente desenvolvidos que irão formar o novo tipo e mover-se primeiramente para a nova vida.

A maior necessidade no próximo passo e transformação evolucionárias é a mudança de consciência. Nos estágios prévios de evolução houve primeiro uma mudança na organização física de modo que uma mudança na consciência pudesse se seguir. Mas na humanidade uma reversão é possível, pois é por intermédio tanto de nossa consciência quanto de nosso corpo físico que essa mudança deve ocorrer. Um exemplo é que a mente humana tem já mostrado uma capacidade para ajudar a natureza na evolução de novos tipos de plantas e animais e nós temos a mesma insistência em modificar a nós mesmos.

Embora essas conclusões sejam algo óbvias no mundo fenomenal, existe o fator da alma que certamente não é óbvio por observação de fenômenos. Por "alma" ou "entidade psíquica" Sri Aurobindo significa um "princípio psíquico que não é a vida ou a mente, muito menos o corpo, mas que sustenta em si próprio a abertura e florescimento da essência de todos esses" (15). Como já exposto anteriormente, nós temos uma dupla entidade psíquica em nós:

"a alma-de-desejo superficial que atua em nossas ânsias vitais, nossas emoções, faculdades estéticas e busca mental por poder, conhecimento e felicidade; e uma entidade psíquica subliminal, um poder puro de luz, amor, alegria e refinada essência de ser que é nossa verdadeira alma por detrás da forma exterior da existência psíquica." (16)

A enfermidade do mundo é nossa falha em encontrar e viver pela nossa real alma (Alma Divina). Ela é subliminal em nós, ela:

"queima no templo do mais profundo coração por detrás de... uma mente, vida e corpo ignorantes... essa entidade psíquica velada é a chama da Divindade dentro de nós... Ela é... o Guia oculto, o Daemon de Sócrates, a luz interior ou voz interior do místico." (17)

É isso, diz Sri Aurobindo, que é imortal em nós de nascimento a nascimento. A morte não pode tocá-la, nem a queda ou corrupção; a verdadeira alma é "uma indestrutível centelha do Divino" (18). A alma, contudo não é o Si que, presidindo a existência do individual é sempre cômico de sua universalidade e transcendência; o que a alma faz é suportar nossa mente, vida e corpo e produzir uma "personalidade psíquica" que cresce e muda e se desenvolve de um nascimento ao próximo. Inicialmente o ser psíquico tem apenas uma ação limitada através da mente, vida e corpo, porque essas partes devem ser desenvolvidas para se tornarem os instrumentos da alma para sua expressão, "e é confinado longamente pela evolução delas" (19). É função da alma levar-nos da ignorância em direção à Consciência Divina, e na sua jornada recebe a essência de toda experiência. A verdadeira alma sempre aponta em direção à "Verdade e Correção e Beleza, em direção ao Amor e Harmonia e tudo o que é uma possibilidade divina em nós, e persiste até que essas coisas se tornem a necessidade maior de nossa natureza" (20). A alma divina conhece a unidade de todas as coisas, mas onde a personalidade psíquica é menos desenvolvida, o deleite de algumas das partes mais refinadas é freqüentemente perdido, mesmo se tivermos um vital muito poderoso e uma mente brilhante. Aí é onde a alma-de-desejo reina (21).

Da mesma maneira que a Supramente "usa para efetuação seu próprio termo subordinado, a Mente" (22) e a Força-Consciente divina expressa a si própria na vida e Existência usa a matéria para sua expressão, assim também o princípio original de Deleite manifesta-se em nós por intermédio da alma (princípio psíquico). Em nossa ignorância a resposta da alma-de-desejo é aquela de egoísmo. Quando quebrarmos as cadeias do egoísmo nós seremos capazes de modificar os valores de ignorância naqueles de conhecimento e movimentar-nos mais livremente em direção à vida supramental.

"No cumprimento de nosso ser psíquico como na consumação de nossas partes de mente e vida, é o relacionar de si à sua fonte divina, à sua verdade correspondente na Realidade Suprema que é o movimento indispensável; e, tanto aqui como lá, é pelo poder da Supramente que isso pode ser feito com uma totalidade integral, uma intimidade que se torna uma autêntica identidade; pois é a Supramente que interliga os hemisférios superior e inferior da Existência Una. Na Supramente está a Luz integradora, a Força consumadora, a ampla entrada para dentro da Ananda suprema: o ser psíquico elevado por aquela Luz e Força pode unir-se com o Deleite original da existência do qual ele veio; superando as dualidades de dor e prazer, libertando de todo medo e recolhimento da mente, vida e corpo, ele pode refazer os contatos da existência no mundo em termos da Divina Ananda." (23)

A Alma Divina individual, no desenvolver suas relações cósmicas com a Realidade suprema deve assumir um corpo para seu ponto de partida; é por intermédio do corpo que ela é capaz de expressar a si própria neste mundo. Apenas por intermédio do nascimento é possível ter um desenvolvimento progressivo em direção à Supramente habitando dentro de cada um de nós. Nossa descoberta da Alma Divina é uma condição essencial para o conhecimento e verdade. Mas, nesse ponto particular da evolução, a razão pura é a faculdade mais alta mais perfeitamente desenvolvida e tem alcançado seu cume apenas em uma minoria de indivíduos.

A razão funciona na maya inferior porque, sendo tanto um instrumento de conhecimento como uma faculdade de conhecimento, ela constrói sistemas com dados limitados e freqüentemente os dados são contraditórios e devem ser modificados por outros dados. Por causa de seu princípio de divisão, a razão é capaz de servir-nos de um modo benéfico e ao mesmo tempo tem fornecido artefatos para destruição:

"ela (a razão) tem tornado possível uma gigantesca eficiência de organização que tem sido usada, de um lado, para o melhoramento econômico e social das nações e, de outro, para lançar cada uma em

agressão, ruína e matança. Ela tem feito surgir, de um lado, um humanitarismo racionalista e altruísta e, de outro, tem justificado um ateu egoísmo, vitalismo e vulgar desejo de poder e sucesso. Ela tem reunido a humanidade e dado nova esperança e ao mesmo tempo esmagado com a carga de um monstruoso comercialismo." (24)

Nossa razão pode justificar qualquer número de combinações e refutar um número igual delas, mas desde que ela opera com o finito, ela não pode alcançar a verdade total - a verdade infinita. Não está dentro da habilidade da razão encontrar uma vida perfeita para a humanidade; em uma vida totalmente racional o poder dinâmico poderia ser perdido e a vida poderia terminar em uma esterilização. As causas íntimas da vida humana são não-rationais e supra-rationais. A razão, com sua praticabilidade lógica, possui apenas um modo de atingir o melhor dos complexos e ambíguos movimentos da natureza e este é pela regulação e mecanização do mental, vital e físico. Se isso for efetuado, diz Sri Aurobindo, a humanidade terá que:

"recuperar sua liberdade e crescimento por uma revolta e uma destruição da máquina em cujas garras foi lançada ou escapar por um recolhimento em si própria e uma rejeição da vida. O verdadeiro caminho do homem é descobrir sua alma e sua instrumentação e força-de-si e repor isso no lugar da mecanização da mente e da ignorância e desordem da natureza-vida." (25)

Pelo descobrimento da alma, uma total direção espiritual será dada à vida e natureza; isso pode elevar a humanidade muito além de seu presente status. O que nós devemos desenvolver está em nossa própria natureza e não em algum lugar alienado a ela; é um despertar para o conhecimento de nossa Alma Divina. Sri Aurobindo diz que este é o "passo pelo qual o todo da evolução tem sido uma preparação" (26). É imperativo que algumas pessoas se voltem em direção à visão dessa mudança.

"Essa tendência não está ausente e deve aumentar com a tensão da crise no destino-de-mundo humano; a necessidade de um escape ou uma solução, o sentimento de que não há outra solução além do espiritual pode apenas crescer e tornar-se mais imperativo sob a urgência de circunstâncias críticas. A esse clamor no ser deve sempre haver alguma resposta na Realidade Divina e na Natureza." (27)

## Capítulo 7

**RENASCIMENTO E KARMA**

O nascimento e a morte são hoje talvez os maiores mistérios em nossas vidas. A solução de Sri Aurobindo para esses mistérios baseia-se em sua experiência de que "o universo é um processo auto-criativo de uma Realidade suprema cuja presença faz do espírito a substância das coisas" (1). Dessa premissa ele extrai conclusões sobre nascimento, vida e morte, o antes e o depois.

Primeiramente recapitulemos brevemente suas descobertas. A realidade "atrás" da aparência do universo é Sachchidananda - uma infinita Existência, uma infinita Vontade e Força-Consciente, um infinito Deleite. Sua Supramente tem arranjado a ordem cósmica indiretamente por intermédio dos três termos limitantes, mente vida e matéria. O universo material é o mais baixo ou o mais concreto estágio da manifestação, isto é, uma involução dessa realidade triuna para dentro do inconsciente. A evolução daquele ser manifestado para uma recuperação da consciência-do-si é inevitável, isto é, é sua natureza encontrar seu si que foi perdido no inconsciente. É através do indivíduo consciente que este recuperar o si é possível:

"A imensa importância do ser individual, que cresce na medida em que ele ascende na escala, é o mais marcante e significativo ato de um universo que começou sem consciência e sem individualidade em uma indiferenciada Nesciência." (2)

O crescimento do indivíduo é necessário para a descoberta de si próprio, do Si universal e do transcendente. Se esta solução de Sri Aurobindo é aceita, então o renascimento não é mais apenas uma possibilidade, ele se torna uma necessidade, "uma consequência inevitável da natureza raiz de nossa existência" (3).

O nascimento individual, então, é uma necessidade da manifestação da Alma Divina no plano físico e não é meramente uma experiência isolada sem ter sido preparada no passado para seu futuro.

"Em um mundo de involução e evolução, não de formas físicas apenas, mas de seres conscientes através de vida e mente até o espírito, tal suposição isolada de vida no corpo humano não poderia ser a regra da existência da alma individual; este seria um arranjo inconseqüente e sem sentido, um capricho para o qual a natureza e sistema de coisas aqui não tem lugar, uma violência contrária que poderia quebrar o ritmo da auto-manifestação do Espírito." (4)

A intrusão repentina de uma alma individual para dentro de uma progressão evolucionária poderia fazer disso uma causa sem um efeito ou um efeito sem uma causa; poderia apenas ser parte do presente sem um passado ou futuro. A vida individual deve ter o mesmo ritmo da vida cósmica, porque a vida humana é um termo em uma série através da qual Brahman no universo gradualmente desenvolve e elabora seu propósito por intermédio do indivíduo. A ascensão da consciência-de-alma no corpo, que é renascida na ordem ascendente das coisas, é o sistema dessa evolução. Um errante indivíduo experienciando-a uma vez e ascendendo a algum outro lugar é, no sistema de Sri Aurobindo, ilógico desde que a evolução progressiva do Espírito no cosmos tem sua contraparte na progressiva evolução da alma através de nascimentos individuais.

Neste mundo, os seres humanos têm dois elementos, o livre ser espiritual e a persistente alma em desenvolvimento:

"Como a pessoa espiritual impessoal ele é uno em sua natureza e ser com a liberdade de Sachchidananda, que aqui consentiu ou desejou sua evolução na Nesciência para uma certa fase de

experiência-de-alma... Como a alma de personalidade, Ele próprio é parte daquele longo desenvolvimento da experiência-de-alma nas formas da Natureza." (5)

O Espírito é uno com o Transcendente e a alma é una com Sachchidananda expressa no mundo. O Espírito por intermédio da Supramente reveste-se das formas de mente, vida e corpo unicamente pela manifestação de sua alma na evolução. Desde que o Espírito tem um passado pré-humano e um futuro super-humano, é lógico supor que nem ele nem a alma irão tomar exatamente as mesmas formas repetidamente.

A razão para mais de um nascimento humano é que a alma tem ainda que terminar aquilo que ela veio fazer pelo desenvolvimento da humanidade; ela tem ainda que evoluir a humanidade em algo mais alto que esta presentemente é:

"Obviamente, a alma que habita em um antigo habitante das Antilhas (Caribe) ou em um primitivo não instruído ou em um Apache de Paris ou em um gangster americano, ainda não esgotou a necessidade de nascimento humano, não desenvolveu todas suas possibilidades ou o completo significado de humanidade, ainda não desenvolveu o senso de Sachchidananda no Homem universal; nem a alma que reside em um Europeu vitalístico ocupado com produção dinâmica e prazer vital; ou em um camponês asiático envolvido no círculo ignorante da vida doméstica e econômica. Nós podemos razoavelmente duvidar se mesmo um Platão ou um Shankara atingiram o coroamento e, portanto, o final do florescer do espírito no homem." (6)

Evolução-de-Alma, então, é um contínuo crescimento em direção a mais altos níveis de consciência, transformando, mas não abandonando, os planos inferiores na medida que se torna mais consciente. De fato, o progresso da alma inclui dualidades; sofrimento e felicidade, infortúnio e prosperidade, são experiências de nosso treinamento-de-alma interior. As dualidades são esteios, meios, disciplinas, testes e provações freqüentemente mal compreendidas. Prosperidade pode ser um caminho mais difícil para uma alma individual que a pobreza, e ainda um teste necessário para disciplina e crescimento. De outro lado, adversidade pode ser considerada como uma recompensa para a virtude, não uma punição; pode ser o fator purificador da alma lutando para conhecer a si própria. Julgar estas experiências estritamente do ponto de vista mental dá a elas um valor superficial.

Na explanação do renascimento não é suficiente dizer que a alma é reencarnada em um novo corpo; tal afirmação carece de clarificação sobre o que exatamente "deixa" um corpo e "entra" em outro. A pessoa ordinária acredita ser a alma e a personalidade uma única e mesma coisa, mas a Alma Divina não é a personalidade. Um dos engodos da teoria da reencarnação é identificar a nós próprios nesta vida como uma reencarnação de nossa mesma personalidade em vidas passadas, apenas com outro nome e em outro ambiente. Isto, diz Sri Aurobindo, é meramente identificação do ego (composto mental, vital e físico) e, quando nos identificamos com o ego, a personalidade parece ser a verdadeira alma. Mas a personalidade está em constante estado de mudança, portanto não pode logicamente ser a unidade imutável da Alma Divina.

A Alma Divina é o mestre dessa sempre-mutante personalidade e sanciona a mutação sem ser afetada por esta. A personalidade é o instrumento da Alma Divina e freqüentemente chamada por Sri Aurobindo de alma-de-desejo na maya inferior. Como um instrumento, a personalidade é capaz de ter a concepção de contínua identidade no tempo, mas não pode, como ela é, formar uma identidade com a atemporal Alma Divina.

A todo-conhecedora Alma Divina percebe o que muda, ambientes e experiências da alma-de-desejo em desenvolvimento que necessita gradualmente realizar sua própria realidade. Impressões essenciais de vidas passadas não são descartadas, elas ajudam a formar a personalidade da vida

presente e futura. Nós não podemos dizer, então, que há uma única personalidade psicológica entrando em um novo corpo de carne; é mais o nascimento de uma nova personalidade psicológica concomitante ao nascimento de um novo corpo quando a Alma Divina molda este complexo material em um novo ser humano. O corpo é um instrumento necessário para a alma em evolução nessa terra, a personalidade é uma constante formação de ação e experiência; a Alma Divina, algumas vezes referida como o Si transcendente, é aquilo que deseja tudo isso, e não pode ser chamada de corpo ou de personalidade.

Uma intransformável e imutável Alma Divina pode ser a resposta para a identidade individual, mas o problema filosófico que permanece é o problema da humanidade - por que ela está aqui, o que é ela, o que está em torno dela e o que tem ela a ver com ela própria? A idéia de renascimento evolucionário nos dá uma pista suficiente para uma resposta a todos esses aspectos relacionados à mesma perpétua questão. Ainda, a mera idéia de nascimentos repetidos como o processo da alma não nos leva muito além em relação a outras idéias científicas ou filosóficas a menos que haja um significado progressivo na pré-existência da alma e sua perseverante continuidade.

Em frente a todo mundo está a morte - a jornada na terra chega a um fim. O peso da morte não é tanto a perda do corpo, mas o final psicológico que sugere à parte de nós mesmos que pensa, quer e sente. A morte espreita como o amargo final de nossa vontade e pensamento e aspiração e lutas. Ela rompe a conexão com nossos entes queridos e com a existência na vida. Assim, em revolta contra a morte, nós tentamos não pensar sobre isso. Nós aspiramos imortalidade com nossa mente, vida e psique, e ainda o corpo nega isso consentindo inertemente à morte. Isto é uma parte da dualidade, uma aparente contradição na humanidade.

O renascimento soluciona a dificuldade da contradição no sentido de continuação da alma que toma novos corpos para revestir a si própria. Isso reforça a experiência de Sri Aurobindo de que a evolução é espiritual, não apenas material. O renascimento espiritual torna a vida uma significativa ascensão e não uma recorrência mecânica; ela permite à alma crescer, expandir, procurar o mais alto com a promessa de maiores descobertas agora ou futuramente, pois isso significa teleologicamente que há uma intenção divina no universo e na existência humana.

Sob essa luz, a existência terrestre tem um propósito positivo; ela representa um preenchimento daquilo que nós somos pela afirmação de um progressivo auto-encontrar-se. O mundo não é um lugar de pecados e escuridão abomináveis de onde se deve escapar, ele é um lugar nobre onde acrescentamos mais significado a nossa existência individual. "Conhecer isso e possuí-lo, encontrar e preencher conscientemente os significados ocultos do ser universal é a tarefa dada ao espírito humano" (7).

Renascimento é uma escada de ascensão e oportunidades espirituais da alma. Realidade espiritual é a energia consciente dos processos universais, e como um resultado, a alma em crescimento ascende da matéria inerte através da vida da planta e animais para o grau humano de poder de vida, onde ela luta com a ignorância e limites para possuir sua verdadeira natureza, a Alma Divina. A vida então torna-se uma série ascendente progressiva para o desenvolvimento do "Si" espiritual, sua vontade e sabedoria.

O corpo físico é uma forma que corresponde em sua evolução aos graus ascendentes da alma. Através de renascimento constante a humanidade tem desenvolvido aquilo que ela é, e está ainda desenvolvendo o que ela será. O que está ao redor de todo mundo é o constante processo do desenvolver em seu aspecto universal: o passado está contido em tudo e o presente é algo de uma gestação ativa prenhe daquilo que está para vir no futuro. O amanhã irá conter maiores potencialidades, etapas ainda a ser conquistadas, mais altas e mais poderosas manifestações. O que as pessoas devem fazer, diz Sri Aurobindo, é crescer e abrir a si próprias a uma maior presença de

consciência, poder e deleite divinos. O ambiente está aqui para ser utilizado para o progresso; quanto mais a humanidade progride, mais o ambiente progride, pois todo nascimento é este progressivo auto-encontrar-se.

Mas, se é verdade que a alma está buscando realização de si própria, por que os contínuos tropeços, por que cometemos tantos enganos, e por que nações guerreiam contra outras? Porque, diz Sri Aurobindo, a alma também está em ignorância e a maioria de nós é ainda criança no universo em crescimento e nós precisamos continuar a tropeçar até crescermos para além da ignorância no conhecimento. Antes que possamos atingir a próxima etapa, a etapa presente deve ser corrigida e a lição dela deve ser aprendida. Esta é a lei (karma).

Fundamentalmente, karma significa que toda existência é o trabalho de uma energia universal, um processo e ação - que tudo é uma cadeia contínua em que cada elo está ligado à infinidade de elos passados, e o todo governado por relações fixadas, por uma fixada associação de causa e efeito, a ação presente o resultado de ação passada, como a ação futura será o resultado de ação presente.

O significado moral de karma é que qualquer modo de energia que nós colocamos como causa determina o modo de energia que retorna para nós como efeito. Karma é a lei universal de causa e efeito, de balanço e equilíbrio. O que quer que seja que alguém semeie, isto ele irá colher.

Enganos surgiram na tentativa de explicar o karma. Primeiramente, é impossível explicar coisas suprafísicas por fórmulas físicas, e segundo, a noção de acaso não pode estar misturada na lei universal. Embora a lei possa ser única, isto não implica em que haja unicamente um tipo de fenômeno com uma vontade predeterminada para deduzir dela todas as espécies de fenômenos que são diferentes em sua natureza. Sri Aurobindo argumenta que existem diferentes planos de existência cósmica, portanto diferentes planos de existência individual. Em cada plano os mesmos poderes, energias ou leis devem agir em um diferente modo em vista de sua eficácia. Por exemplo, a energia mental que uma pessoa emite determina o efeito mental, mas este está sujeito às circunstâncias das energias mentais passadas, presentes e futuras, porque ninguém é um poder isolado no mundo. A consequência moral está da mesma maneira sujeita às circunstâncias contextuais passadas, presentes e futuras. O mesmo é verdadeiro para a energia física. Existem, então, diferentes tipos e movimentos variadamente formulados da lei universal una, e não será válido dizer que nossa qualidade mental é o resultado de uma causa física. Um fígado doente dificilmente é a causa de um motivo ser ou não moral. Isto não quer dizer que um não afeta o outro, mas que cada plano tem sua própria lei.

Se nós aceitarmos a idéia universal fundamental de karma, o acaso não pode existir, ele torna-se meramente uma palavra que usamos para ocultar e desculpar nossa ignorância. A ciência exclui o acaso da explicação de leis físicas sob as quais tudo é determinado por causa e efeito. Mas quando questionada sobre porque essas relações existem e não outras ou porque um particular efeito é o resultado de uma causa particular, o acaso é frequentemente pressuposto. Mas a idéia de que o acaso poderia criar uma lei universal física é superficial.

A teoria do acaso ou probabilidade não pode contribuir para nossa compreensão do ser mental e moral, nem a lei física pode. A previsão de terremotos, tempo ou eclipses não pode explicar a mentalidade ou moralidade, embora este tipo de método de estímulo e resposta possa ser utilizado para predizer comportamentos psico-físicos. Esta espécie de observação, contudo, apenas pode significar como as pessoas "comportam-se" em ação exterior, não podem predizer ação interior. A questão dos trabalhos interiores existe sob um diferente conjunto de leis.

Acaso, caos, probabilidade não denotam nenhum significado na teoria do karma. Existem leis da matéria, leis da vida, leis da mente, cada uma tendo uma energia ordenada em operação que

assegura o processo do equilíbrio. Nesse sentido, karma e renascimento podem ser chamadas de doutrinas gêmeas, isto é, uma é necessária à completude da outra. Renascimento não tem sentido sem karma e karma não tem nenhuma justificação racional se não for uma instrumentalidade para a seqüência da contínua experiência da alma.

Se aceitarmos que a alma é repetidamente renascida no corpo, segue-se que existe alguma ligação entre as vidas que precederam e as vidas que se seguirão e que o passado da alma tem algum efeito sobre seu futuro. Karma é ação e a força diretriz de sua ação é a vontade e a idéia; este é um complexo momentum e uma única vida é incapaz de efetuar ou exaurir todas suas potencialidades.

Através da lei do karma o indivíduo, a família, a nação e a humanidade como um todo são afetados. Efetuar o resultado da ação de nossa vida afeta outras vidas e as ações de outros afeta o indivíduo. Aquilo que semeamos agora é colhido pela posteridade por diversas gerações na família. Aquilo que pessoas como uma comunidade decidem e executam retorna "como uma benção ou uma espada" sobre o futuro de sua raça e quando eles próprios tiverem passado, isso se torna o karma de uma nação. E o que a humanidade como um todo tem feito no passado irá formar seu destino futuro.

Este relacionamento do indivíduo para com o todo significa que o universo encontra a si próprio no indivíduo assim como o indivíduo está no universo; ambos são faces da realidade eterna una. O ser individual é tão necessário quanto o ser universal. Uma das maravilhas da existência é a unicidade do ser individual. Esta unicidade, diz Sri Aurobindo, está em toda parte surgindo nas regiões mais baixas da existência e tornando-se mais e mais pronunciada na medida em que nos elevamos na escala e expandimos nossas mentes em direção à Supramente.

Basicamente as leis do ser são as mesmas para todos, porque a existência é uma existência, uma unidade, uma energia de processo múltiplo em operação. Nessa unidade, contudo, existe variedade persistente que evolui como "energia-grupal, vida-grupal, mente-grupal e karma-grupal". Nós entramos no nascimento, então, não como um ser separado, mas na vida do todo. Portanto nós herdamos a vida do todo. Cada um de nós nasce fisicamente por uma geração que está conduzindo sua contínua história. O corpo, vida, mentalidade do passado pertencem a cada um e esta é a lei da hereditariedade. Mas tão logo a criança comece a se desenvolver, um novo e independente fator surge, o qual não é seus pais nem seus ancestrais, nem a humanidade passada, mas seu próprio si. E este é o fator central mais importante. O que mais importa na vida não é nossa hereditariedade; esta apenas dá oportunidades ou obstáculos, conforme o caso. O que importa é o que fazemos dessa hereditariedade e não o que ela faz de nós. A história passada está ainda aí dentro, mas é o indivíduo que se torna o artista de sua vida. O ambiente também penetra em nós, oferece seus materiais e molda-nos por suas influências. Embora o ambiente invada, re-crie, transforme cada um de nós, aqui novamente, é o indivíduo, não o ambiente, que tem o poder decisivo. O importante para Sri Aurobindo é mais aquilo que cada pessoa faz do presente ambiente que o que o ambiente faz da pessoa. E na interação do karma individual e geral o uno vive para o múltiplo ("quer consideremos assim ou não") e o múltiplo vive para o uno.

A alma, como Sri Aurobindo tem colocado, é o contínuo ser persistente que procura sua evolução dentro do ser persistente do mundo. Ela evolui seu nascimento humano e auxilia constantemente na evolução. A alma tem criado por seu karma passado suas próprias condições, relações com a vida de outros e o karma geral. Isto forma sua hereditariedade, ambiente, afinidades, conexões, oportunidades e obstáculos - tudo predeterminado por seu próprio estágio de desenvolvimento e ação passada. Nessas bases a alma constrói novo karma e muito fortalece seu poder e experiência. O processo todo, como uma tapeçaria, é tecido com a evolução universal.

Se seguirmos a visão de Sri Aurobindo sobre karma e renascimento veremos a humanidade como muito mais que uma criação de uma força onde todos os atos são determinados e sobre a qual os

indivíduos não têm nenhum controle. Nós não somos bonecos predestinados ou escravos porque temos dentro de nós a Supramente que cria todas as relações. De fato, tudo é a expressão da Supramente, o princípio diretivo de Vontade e Conhecimento, e cada um de nós pode, pelo uso da Vontade, desenvolver a forma daquilo que somos e chegar a um conhecimento de uma Idéia ainda maior que aquela que está sendo expressa no presente momento.

A liberdade é necessariamente limitada ao nosso grau de conscientização. Nós não somos livres de nossas ações passadas até que essas ações tenham sido esgotadas e compreendidas. Ignorância é a única prisão e mesmo a ignorância tem um impulso interior em direção ao conhecimento e liberdade. A matéria, contudo, parece não saber nada sobre liberdade; tudo existe como se escrito em leis sibilantes sobre tábuas de pedra, governado por necessidade mecânica. Mas a vida parece mostrar uma ansiosa, mais flexível, e mesmo uma pressionadora necessidade subconsciente para expressão. Esta ação é seguramente mais instintiva que livre, mas aí parece existir um movimento em direção à liberdade. Conforme a mente evolui, aí aparece uma necessidade de escolha. É uma lei da mente fazer escolhas. A mente está consciente das potencialidades e idéias que são outras além das leis do físico e da vida. Ela está consciente dos inumeráveis "pode-ser" ou "deveria-ter-sido". Ela pode conceber infinitas possibilidades e alcançar a idéia de uma livre vontade que determina seu próprio vir-a-ser no espaço e tempo. Isto significa, diz Sri Aurobindo, que existe a liberdade de um Espírito e Poder supramental que não é determinada pelo karma, mas que determina o karma. O que afeta a humanidade como necessidade é uma Vontade que trabalha em seqüência e não uma força mecânica cega.

A mente racional não está livre da lei do karma, mas tem a habilidade de pensar (não saber) sobre liberdade. Nem vida e matéria estão livres do karma. Não sujeita ao karma é a Alma Divina; karma é seu instrumento como mente, vida e matéria são instrumentos da Supramente que desenvolve este material de vida em vida para a formação de um indivíduo que poderá ser um dia uma cósmica e divina personalidade.

O ser mental é um aprendiz na escola da liberdade, mas não perfeitamente livre ainda. A liberdade real chega quando vamos além da mente para dentro da Supramente, da personalidade para a Alma Divina (do si inferior para o Si espiritual superior). Quando nos tornarmos um com a Realidade suprema e o universal na essência da consciência e verdade espiritual e na expressão daquela essência em nossas vidas, "o próprio karma torna-se um ritmo de liberdade e o nascimento uma corrente de imortalidade" (38).

## Capítulo 8

**TRANSFORMAÇÃO**

Se devemos ser libertados do karma da ignorância e despertados para a Realidade Suprema; se nossa existência terrestre (material, vital, mental) é ascender a um mais alto princípio, devemos mover-nos em direção a uma radical e integral transformação de nossa presente natureza. Mas, diz Sri Aurobindo, antes de nos afirmarmos no conhecimento em lugar da ignorância, a Supramente deve ser estabelecida e isto envolve uma perplexadora dificuldade. A mente racional ainda não se elevou até a Supramente, assim somos deixados com um gigantesco golfo entre os dois. A tarefa em nossas mãos, diz ele, é interligar este golfo e abrir passagens de ascensão e descida onde presentemente não há nenhuma. O método que ele utiliza é "Yoga Integral" e o processo é chamado a "tripla transformação".

"Deve primeiro haver a mudança psíquica, a conversão de nossa total presente natureza em uma instrumentação-de-alma; sobre esta, ou juntamente com esta deve haver a mudança espiritual, a descida de uma mais alta Luz, Conhecimento, Poder, Força, Bem-Aventura, Pureza, para dentro de todo o ser, mesmo nos mais baixos recessos da vida e corpo, mesmo na escuridão de nosso subconsciente; por último, deve sobrevir a transmutação supramental, - deve ocorrer como o movimento de coroação a ascensão à Supramente e a descida transformadora da Consciência supramental para dentro de nossa inteira natureza e ser". (1)

A transformação psíquica é o primeiro passo na transformação, isto é, a entidade psíquica pela qual nós existimos como indivíduos deve emergir e assumir a direção de nosso inteiro ser, pois ela contém os fatores essenciais de nossa manifestação sem ser limitada por eles. Enquanto as outras partes de nosso ser mudam e perecem, a entidade psíquica é imutável e imperecível. "Ela é uma sempre-pura chama da divindade nas coisas e nada que vem a ela, nada que entra em nossa experiência pode poluir sua pureza ou extinguir a chama" (2). A alma é o ser permanente em nós que usa a mente, vida e corpo como seus instrumentos, e ainda é não afetada por suas operações. Parte do trabalho da alma é influenciar a mente e vida e corpo na direção do divino, mas isto é inicialmente feito vagarosamente e imperfeitamente porque o ser psíquico em nós não emerge totalmente desenvolvido; ele evolui por um lento desenvolvimento e formação de nascimento para nascimento. A obscuridade de nosso particular nível de consciência obstrui a habilidade da alma em elevar nossos instrumentos à perfeição. Mas, na medida em que a alma-de-desejo torna-se mais sutil, torna-se capaz de intensificar sua comunhão com a Alma Divina e assim nosso nível de consciência se eleva:

"É somente quando o homem desperta para o conhecimento da alma e sente uma necessidade de trazê-la para frente e fazê-la o mestre de sua vida e ação que um método de evolução consciente mais rápido intervém e uma transformação psíquica torna-se possível." (3)

Existem várias abordagens de yoga que podem ser utilizadas, de acordo com nossas próprias afinidades, para alcançar este contato. A mente pensante pode ser o instrumento que uma alma irá usar. Isto irá conduzir a uma realização impessoal da Verdade, Bem, Beleza, Deleite e Pureza supremos. A mente desenvolve primeiramente o pensador mental superior, então a mente do sábio espiritual e o início de uma experiência direta além do pensamento abstrato. Aqui a mente está acima de qualquer apego pessoal a seres particulares e torna-se consciente do Si imutável, "o Infinito sem forma e o Absoluto sem nome" (4), excedendo todas as dualidades.

Uma segunda abordagem da alma ao contato direto é por intermédio do coração, "quando a mente vai além da impessoalidade para a consciência de um Ser Pessoal supremo" (5) e atinge "o amor de Deus e homem e todas as criaturas" (6).

O terceiro método de yoga é pelo uso da vontade pragmática, cujo processo é eliminar o ego e seus motivos de desejo pela condução de uma "Força ou Presença agindo dentro e movendo ou governando todas as ações e a vontade pessoal está inteiramente entregue ou identificada com aquela Vontade-Verdade maior" (7).

"A combinação de todas essas três abordagens, a abordagem da mente, a abordagem da vontade, a abordagem do coração, cria uma condição espiritual ou psíquica na natureza e ser superficiais na qual existe uma mais larga e mais complexa abertura à luz psíquica dentro de nós e ao Ser espiritual." (8)

Finalmente, se a mudança psíquica deve ser completa, a consciência tem que voltar seu centro do mundo externo para o mundo interno, isto é, nós cessamos de ser nosso ego individual e entramos em contato com a Alma Divina em nós. Quando a Alma Divina torna-se o mestre de todo pensamento e ação, então o ser consciente está pronto para a experiência espiritual mais alta, porque a verdade de pensamento, sentimento, sensação e ação manifesta-se dentro e a alma começa a ascender da ignorância para o conhecimento. Este é o resultado do primeiro passo na transformação tripla de Sri Aurobindo.

Sri Aurobindo sustenta que a transformação psíquica deveria ser acompanhada por um segundo passo: a transformação espiritual. "O ser psíquico, o Si ou Divindade em nós, deve ser completado por uma abertura para cima para um status espiritual supremo ou existência mais alta" (9). A mudança psíquica torna possível ascender à consciência cósmica para dentro dos níveis da Sobremente e Natureza supramental:

"O que acontece é uma abertura de visão a algo acima de nós ou uma elevação em direção a isto ou uma descida de seus poderes para dentro de nosso ser. O que nós vemos é uma Infinitude sobre nós, uma eterna Presença ou uma Existência Infinita, uma infinitude de consciência, uma infinitude de bem-aventurança, - um Si sem limites, uma Luz sem limites, um Poder sem limites, um Êxtase sem limites... quando a mente se torna gradualmente consciente naquilo que era para ela super-consciente, então começa um conhecimento e experiência de planos superiores de existência." (10)

Mas mesmo esses dois poderosos e iluminadores contatos com o Superconsciente não são suficientes para a transformação espiritual completa:

"É necessário mais, uma permanente ascensão da consciência inferior para a mais alta e uma efetiva descida permanente da natureza superior para dentro da natureza inferior." (11)

No ser espiritual há um aumento no "influxo vindo de cima, uma experiência de recepção e retenção do espírito ou de seus poderes e elementos de consciência que descem" (12). Com esta descida, uma nova consciência começa a se formar, uma consciência de maior visão, verdade, sabedoria, que vai além das distorções da ignorância. Nesse estágio, imortalidade não é mais apenas uma crença, é uma percepção consciente da Alma Divina.

Mas, para Sri Aurobindo, o psíquico perfeito e o perfeito conhecimento espiritual não são ainda todo o conhecimento integral necessário para atingir permanentemente a Consciência-Verdade supramental. Assim como a "transformação psíquica tem que chamar o espiritual para completá-la, também a primeira transformação espiritual tem que chamar a transformação supramental para

completá-la" (13). O terceiro passo na transformação é então esta descida necessária para a permanente ascensão:

A natureza da terceira transformação completa o movimento da alma através da ignorância e dá a ela uma base em conhecimento. Mas a natureza evolucionária em si própria não está pronta para a emersão da Supramente. Primeiramente ela necessita um ser espiritual para sua base de maneira que o princípio supramental seja capaz de emergir.

A transformação psíquica e os primeiros estágios na transformação espiritual estão dentro do reino de nossas concepções, mas Sri Aurobindo mantém que a consciência supramental repousa além de nossa linguagem que expressa apenas o que é acessível a nossa mente:

"Assim como os cumes da mente humana estão além da percepção animal, também os movimentos da Supramente estão além da concepção mental humana ordinária: é apenas quando já houvermos tido a experiência de uma mais alta consciência intermediária que quaisquer termos que procurem descrever o ser supramental poderiam comunicar um verdadeiro significado a nossa inteligência." (15)

Sri Aurobindo nos assegura, contudo, que a lógica do processo da natureza evolucionária, embora grandemente modificada, trabalha essencialmente da mesma maneira na maya superior e na maya inferior. Desde que tivermos visto algo da natureza e lei da transição da mente intelectual para a mente espiritual, poderemos seguir, embora imperfeitamente, a próxima transição da mente espiritual para a Supramente.

Sri Aurobindo fala da transição para a Supramente como uma passagem da "Natureza para a Supranatureza", uma transição que nossa mente não é capaz de produzir:

"Nossa aspiração pessoal e empenho unicamente não podem alcançar isto: nossos esforços pertencem aos poderes inferiores da Natureza; um poder da Ignorância não pode alcançar por sua própria força ou características ou métodos disponíveis aquilo que está além de seus próprios domínios de natureza." (15)

Todos os estágios prévios de evolução têm sido efetuados pelo movimento da Consciência-Força na inconsciência e ignorância, mas a consciência da Supramente é um estágio que ocorre no conhecimento. Embora a Sobremente e a Supramente estejam involuídas na natureza-terra, não há nenhum ser supramental ou natureza supramental organizada atuando no mundo externo, porque tais poderes são supraconscientes ao nosso nível de ignorância. Portanto, a emersão da Supramente é apenas possível se ocorre uma direta descida em nós:

"Para uma real transformação é necessário haver uma direta e clara intervenção de cima; seria necessária também uma total submissão e entrega da consciência inferior, uma cessação de sua insistência... Se essas duas condições puderem ser alcançadas agora por uma vontade e súplica conscientes do espírito... a evolução, a transformação pode ocorrer por uma... mudança consciente." (17)

Para preparar-nos, nós, como seres mentais, devemos primeiramente tornar-nos conscientes de nossos processos interiores e da lei de nosso ser. Em lugar de escravo do ambiente exterior, devemos tornar-nos o mestre de nossas energias. A ação na maya inferior da mente, vida e corpo é operação de uma Força-Consciência universal. Nós temos um conhecimento limitado disso por intermédio de nossa intuição, mas é possível ter uma intuição direta penetrante dos trabalhos da natureza. Nesse primeiro estágio, então, um direcionamento consciente de nossas mentes para a Verdade mais alta é imperativo.

Uma segunda condição para a transformação supramental é uma obediência consciente à Verdade espiritual, "a entrega de todo o ser para a luz e poder que vem da Supranatureza" (18). Este é um estado de "total confiança consciente" nos estados mais altos de consciência para auxiliar nosso empenho pessoal. A totalidade desse abandono de nós mesmos em cada momento para a Verdade mais alta pode apenas vir "se a mudança psíquica tiver sido completada ou a transformação espiritual tiver alcançado um estado de realização muito alto" (19). A unificação de todo o ser em torno da Alma Divina ou Si e sua abertura plena à consciência cósmica é a terceira condição na transformação supramental e está completamente além de nosso presente estado de mente. Foi experiência de Sri Aurobindo que, para isso ocorrer, mesmo o subconsciente e o inconsciente em nós devem tornar-se conscientes e abertos à verdade mais alta. Isto significa a transformação de cada um de nossos estimados hábitos. Nós devemos deixar de lado nosso apego a idéias, opiniões e julgamentos. O vital deve converter suas sensações ao movimento da vida universal. Todos os instintos cegos, dúvidas, necessidades, descrenças do físico devem entregar-se às forças da natureza universal.

"A evolução espiritual obedece a lógica de um desenvolvimento sucessivo; ela pode dar um novo passo decisivo importante apenas quando o passo importante anterior tiver sido suficientemente conquistado" (20). Pode haver uma maior rapidez tornada possível pela participação consciente do ser interior e pelo fato de que o poder da Supernatureza está já trabalhando na natureza inferior, mas não pode haver passos eliminados porque cada passo é necessário no processo evolucionário:

"Este procedimento da lei da Natureza traz a necessidade de uma graduação no último processo transicional, um escalar de graus, um desenvolvimento de estados mais e mais altos que nos leva da mente espiritualizada para a Supramente." (21)

A ascensão da consciência de nossa própria mente mental por uma série de graduações é resolvido por Sri Aurobindo em uma "escada de quatro subidas principais, cada uma com seu mais alto nível de preenchimento" (22). Essas graduações foram discutidas previamente (capítulo quatro) em seu processo evolucionário. Agora vamos considerar apenas sua importância na evolução.

O primeiro importante passo para além de nossa mentalidade humana é uma ascensão para a Mente Superior que não é mais obscurecida pela ignorância, isto é, ela tem como sua base um senso unitário das coisas. É o pensamento de um conhecimento 'a priori' espontâneo; "Ela é uma luminosa mente-pensamento, uma mente de conhecimento conceitual nascido-do-espírito" (23). A Mente Superior é o primeiro passo além do conhecimento separativo que está na ignorância, para o conceito de unidade e identidade espiritual. Sri Aurobindo chama isto "a fonte espiritual de nossa ideação mental conceitual" (24). Esse conhecimento superior é uma consciência formulando a si própria em uma base de consciência e manifestando partes de sua integração na expressão de idéias. A Mente Superior vê que as relações de idéia com idéia são "não estabelecidas pela lógica", mas já existem na unidade. Em lugar de um sistema de conclusões a partir de premissas e conhecimento adquirido por intermédio de experiência sensorial, ela contém um conhecer 'a priori' de uma eterna sabedoria no universo, baseada em ideais superiores.

Ao lado do aspecto da cognição, há na Mente Superior a capacidade de Vontade. Por intermédio do poder do pensamento, a Mente Superior atua na vontade mental, no coração, mente e corpo buscando purificar e criar através de um conhecimento 'a priori'. "A idéia é colocada no coração ou na vida como uma força a ser aceita e desenvolvida" (25). Dessa maneira é possível para o ser inteiro tornar-se consciente dessa sabedoria superior que por sua vez irá gradualmente prepará-lo para a mudança para a próxima ascensão da existência, a Mente Iluminada.

Isso, diz Sri Aurobindo, é "uma Mente não mais de Pensamento superior, mas de luz espiritual" (26). Contrariamente às nossas noções ordinárias, luz não é primariamente uma coisa material nem é a sensação de luz que acompanha a Mente Iluminada meramente uma imagem subjetiva ou um fenômeno simbólico:

"Luz é primariamente uma manifestação espiritual da Realidade Divina iluminativa e criativa; luz material é uma subsequente representação... dela na Matéria... pela Energia material." (27)

A Mente Iluminada, então, funciona primariamente por visão onde a mente superior atua por pensamento. Pensamento aqui é uma expressão subordinada da visão iluminada:

"Uma consciência que procede por visão, a consciência do vidente, é um maior poder para o conhecimento que a consciência do pensador... É um sentido espiritual que avalia algo da substância da Verdade e não apenas sua figura." (28)

A Mente Iluminada dá à Mente Superior uma inspiração direta; traz visão espiritual ao coração, energia espiritual aos sentimentos e emoções, dá à vida uma ânsia espiritual e ao físico, uma sensação espiritual. Nesse estágio é o místico "no qual a alma vive em visão e em um direto sentido e experiência" (29).

Os dois estágios de Mente Superior e Mente Iluminada podem apenas ser completos com referência a uma terceira ascensão em direção à Supramente, que é a Mente Intuitiva. Na realidade, pensamento e visão são ambos derivados da intuição:

"Intuição é um poder de consciência mais próximo e mais íntimo ao conhecimento original por identidade; pois esta é sempre algo que surge diretamente de uma identidade oculta." (30)

A percepção intuitiva é mais que visão e pensamento, mas na mente humana, como vimos, ela está sujeita a uma interceptação pela razão que é essencialmente relacionada com a busca intelectual:

"Uma intuição aprovada em revisão judicial pela razão cessa de ser intuição e pode apenas ter a autoridade da razão para a qual não há nenhuma fonte interior de certeza direta." (31)

Mas quando a intuição é pura e a razão não interfere para separar suas mensagens e quando essa intuição pura começa a descer em nós e nós ascendemos para ela, o resultado é no final uma clara comunicação. Na experiência de Sri Aurobindo, o poder da intuição é quádruplo:

"Um poder revelatório de visão-da-verdade, um poder de inspiração ou audição-da-verdade, um poder de toque-da-verdade ou avaliação imediata da significação, que é análogo à natureza ordinária de sua intervenção em nossa inteligência mental, um poder de verdadeira discriminação automática da ordenada e exata relação de verdade para verdade, - estas são as potências quádruplas da Intuição. A Intuição pode, portanto, executar todas as ações da razão - incluindo a função de inteligência lógica, que desenvolve a correta relação das coisas e a correta relação de idéia com idéia, - mas por seus próprios processos superiores e com passos que não falham ou enganam-se." (32)

A Intuição pode transformar a consciência mental, do coração, vital e física na integralidade de si própria e mudar a consciência toda para a "substância da intuição". Se essa integração é total em nós depende do quanto permitirmos que a intuição penetre nosso subconsciente e inconsciente.

Uma vez que a intuição esteja estabilizada, a Sobremente começa a emergir. Sobremente é um poder de consciência universal e um princípio de "conhecimento global que traz em si uma luz delegada da gnose supramental" (33).

"Quando a Sobremente desce, a predominância do sentido-de-ego centralizador é inteiramente subordinada, perdida na vastidão de ser e finalmente abolida; uma ampla percepção cósmica e sentido de um movimento e um si universal sem limites o substitui." (34)

Nessa consciência, o pensamento parece mais manifestar-se de cima do que individualmente no corpo; nossa visão ou inteligência é agora uma iluminada revelação de tudo o que é visto. A origem da revelação não está no indivíduo separado, está no conhecimento universal. Sentimentos, emoções e sensações são experienciados como a ação de "uma vasta instrumentação cósmica" (35). O ego e todo sentido de separação desaparece deixando a consciência cósmica e o deleite da existência cósmica, que permeiam tudo.

Tomando o lugar da ordinária difusão não centrada, o universo é experienciado no si ou como o próprio si. O si aqui não é o ego, é uma extensão de uma identificação livre e auto-consciente com a Unidade.

"Na transição para a Supramente, esta ação centralizadora tende à descoberta de uma verdade individual substituindo o ego morto, um ser que é em essência um com o supremo Si, um com o universo em extensão e ainda um centro e circunferência cósmicos da ação especializada do infinito." (36)

A mudança para a Sobremente é o último movimento consumativo da transformação espiritual; é o mais alto status no "plano da mente-espiritual". A Sobremente toma a Mente Intuitiva, a Mente Iluminada, e a Mente Superior e eleva suas ações ao mais alto plano e acrescenta a elas uma consciência e força universais, um harmonioso conhecimento e deleite de ser. Este não é, se relembrarmos, o último estágio da evolução espiritual:

"É um poder, embora o mais alto poder, do hemisfério inferior; embora sua base seja a unidade cósmica, sua ação é uma ação de divisão e interação, uma ação que se baseia no jogo da multiplicidade. Seu jogo é, como aquele de toda a Mente, um jogo de possibilidades: embora não aja na verdade dessas possibilidades, ainda desenvolve-as por intermédio da própria evolução independente de seus poderes. Ele atua em cada fórmula cósmica de acordo com o significado fundamental daquela fórmula e não é um poder para uma transcendência dinâmica." (37)

Apenas a Supramente é o poder direto de manifestação daquela transcendência. A Sobremente pode levar a consciência ao ponto de uma vasta universalidade e consciência cósmica abrindo as portas do Espírito e desejando o emergir da alma desde a consciência cósmica para a transcendência.

Na evolução terrestre a Sobremente em descida não pode inteiramente transformar a inconsciência, pode transformar o ser consciente em nós "em sua própria substância e impor esta à Ignorância iluminando-a em conhecimento e verdade cósmica. Mas uma base de Nesciência poderia permanecer" (38). A libertação das amarras da inconsciência pode apenas ser realizada por uma descida da Supramente para dentro do mundo. "Uma última transição da Sobremente para a Supramente e uma descida da Supramente deve, portanto, ocorrer nesse estágio da Natureza evolucionária" (39).

É apenas quando estivermos "embebedos do princípio espiritual" e todos os nossos movimentos forem espontâneos e harmoniosos que uma verdadeira transformação pode ser alcançada. Mas mesmo quando os poderes superiores entram no inconsciente, eles encontram uma "cega

Necessidade oponente" e são submetidos à lei da substância nesciente. A Vida é confrontada com o clamor da morte, a Luz com a sombra, o Espírito com a limitação, demarcação por incapacidade e a Energia com a inércia. Ainda existe uma verdade por detrás dessas negações e somente a Supramente pode solucioná-las com sua habilidade de reunificar todos os opostos:

"Somente a força Supramental pode inteiramente superar essa dificuldade da Nesciência fundamental; pois com ela entra uma oposta e luminosa Necessidade imperativa que repousa em todas as coisas e é a original e final força-verdade auto-determinante do Infinito auto-existente. Apenas essa luminosa Necessidade espiritual maior e seu soberano imperativo podem deslocar ou penetrar inteiramente, transformar em si próprio e assim substituir o cego Ananke (destino) da Inconsciência." (40)

Quando o estágio final na descida da Supramente acontecer, ocorrerá uma transformação dos seres humanos em Seres Gnósticos e da natureza em Supernatureza. A evolução não cessa com a emergência da Supramente, nos assegura Sri Aurobindo, pois os princípios de Sachchidananda estão além ou atrás dela, mas com a descida da Supramente ocorre uma mudança radical no caráter da evolução, isto é, ela prossegue então por intermédio do conhecimento e não mais da ignorância.

## Capítulo 9

**O SER GNÓSTICO**

Novamente Sri Aurobindo lembra-nos que na transformação gnóstica, como nas outras transformações, "a evolução cruza uma linha além da qual existe uma suprema e radical reversão de consciência" (1) e a compreensão mental ordinária não é mais suficiente. Enquanto a mente baseia sua consciência no finito, a consciência da Supramente está no infinito:

"A Natureza Supramental vê tudo do ponto de vista da unidade e considera todas as coisas, mesmo a maior multiplicidade e diversidade, mesmo o que é para a mente a mais forte contradição, na luz daquela unidade; sua vontade, idéias, sentimentos, sentidos, são feitos da substância da unidade, sua ação ocorre sobre essas bases." (2)

Não é difícil acreditar que a mente, em sua ignorância, possa muito facilmente transformar uma descrição da Natureza supramental em algo muito diferente de sua verdadeira realidade. Ao mesmo tempo é possível que a descrição mental possa vagamente construir para nós uma idéia de pelo menos o primeiro status da Natureza supramental.

Existirá - para começar - uns poucos indivíduos que irão realizar a transição evolucionária da Sobremente para a Supramente. Sri Aurobindo chama esses pioneiros os "Seres Gnósticos". Seguindo estes, existirá um maior número, atuando por conhecimento, que um dia irão tornar-se tão dominantes no mundo quanto são hoje os seres mentais:

"Assim como foi estabelecida na terra uma consciência e Poder mentais que moldam uma raça de seres mentais e trazem para dentro de si tudo da natureza terrestre que está pronto para a transformação, assim agora serão estabelecidas na terra uma Consciência e Poder gnósticos que irão moldar uma raça de seres espirituais gnósticos e trarão para dentro de si tudo da natureza terrestre que está pronto para essa nova transformação." (3)

Nada será deixado para trás; a consciência gnóstica afeta cada estágio no mundo que está pronto para ser afetado e o eleva para um plano mais alto. Esta consciência supramental irá, no futuro, transformar a natureza da terra:

"A discórdia, a busca cega, o esforço da luta, as vicissitudes anormais de exagero e depressão e equilíbrio instável das forças invisíveis em ação em sua mescla e conflito, poderia sentir a influência e dar lugar a uma mais ordenada caminhada e passos harmônicos do desenvolvimento do ser." (4)

Em nossas vidas, uma clara intuição poderia tomar lugar da constantemente confusa batalha entre nossa mente e corpo. Para levar isso um passo adiante, uma transformação da força do corpo e da vida poderia ser uma outra consequência do poder supramental no mundo. Gradualmente ocorrerá um emergir de dentro do ponto de vista de ignorância da maya inferior para o conhecimento da maya superior. E onde usualmente nos consideramos objetivos e independentes tentando conhecer objetos como separados de nós mesmos, o ser gnóstico poderia conhecer por identificação que toda individualidade está em unidade com o cósmico e o transcendente. Nesse estado de consciência a pessoa gnóstica irá continuamente viver e agir em liberdade e alegria.

Um pensamento que parece amedrontar alguns é a perda da identidade individual se tudo se funde em uma unidade. Mas Sri Aurobindo nos assegura que esse medo é infundado; a raça de seres gnósticos não poderia, por causa da unidade da Supramente, ser moldada em uniformidade, "pois a

lei da Supramente é unidade preenchida em diversidade" (5); e é possível para uma diversidade infinita existir sem tornar-se limitada por uma separada individualidade. Um dos propósitos do ser gnóstico, diz Sri Aurobindo, é individualizar o universo.

Desde que o indivíduo gnóstico irá agir em total consciência e harmonia com o Si verdadeiro, nenhuma dificuldade como agora as sentimos poderia surgir. Seres Gnósticos terão transformado o ego que levanta barreiras entre nós próprios e os outros. No indivíduo gnóstico, "a Supramente poderia ver a correta relação a cada passo e encontrar a correta expressão daquela relação". De fato Sri Aurobindo vê o universo e o indivíduo como "expressões simultâneas e interrelacionadas do mesmo Ser transcendente" (7); mas nossos egos erigem falsos padrões de realidade e de conhecimento, então confiam em nossa mente ordinária para julgar tudo. Seres Gnósticos terão sempre uma alegria cósmica e irão trazer alegria para outros. Não há lugar na consciência supramental para julgamentos e ego que pertencem à ignorância:

"A existência e deleite da existência gnóstica é um universal e total ser e deleite, e existirá a presença daquela totalidade e universalidade em cada movimento separado: em cada um existirá não uma experiência parcial do Si ou uma parcela fracional de sua alegria, mas o sentido de todo movimento de um ser integral e a presença de sua inteira e integral bem-aventurança de ser, Ananda." (8)

Necessário na liberdade gnóstica é o aspecto transcendente que irá harmonizar com a existência manifestada e construir uma sólida fundação para o ser supramental agir no mundo. Liberdade capacita o ser superior a abraçar o mundo da maya inferior sem efetivamente entrar na ignorância. Na consciência cósmica o ser gnóstico livre terá um contato interno e externo com sujeitos e objetos sempre conscientes de suas reações mentais, vitais e físicas enquanto respondendo com um conhecimento de identidade intuitiva com tudo.

Nós descobrimos que a alegria da mente pensante é a busca pelo desconhecido, mas a maior alegria da Supramente, desde que o desconhecido é conhecido, será o encontrar "do si pelo si no si". Ela descobrirá que a verdade subjacente a todas as coisas será "o Idêntico descobrindo identidade e verdade idêntica em todo lugar" (9). A Busca intelectual será transformada em uma supramental posse-da-verdade, e a intuição será o caráter de cada ação gnóstica de conhecimento. O ser supramental, tendo transformado o ego, não terá nenhum desejo de colocar verdade contra verdade para ver qual irá sobreviver; em lugar disso, uma verdade será completada por outra verdade na luz da Verdade Absoluta uma da qual todas as verdades são aspectos.

A mente, sendo um instrumento que busca conhecimento e verdade, luta para elevar-se da ignorância para mais altos deleites de visão. A vida também prossegue em direção ao desenvolvimento de si própria. A vida inclui poder, criação, beleza e a necessidade de dominar pela força para seu próprio deleite da conquista. Na maya inferior, a vida é preenchida com a força do ego vital, enquanto a evolução gnóstica elevará a vida a existir para o divino em si própria em lugar de existir para o poder de satisfação do auto-interesse do ego. "A crescente posse do ser individual e do mundo pela presença Divina, Luz, Poder, Amor, Deleite, Beleza irá ser o sentido da vida para o ser gnóstico" (10). Essa alegria de interação com a vontade divina dará à vida um sentido de perfeição. A transformação de consciência em mente e vida movendo-se da maya inferior para a maya superior trará uma inteiramente nova relação de mente e vida com o Divino ou Espírito. Essa perfeição causará uma reversão de consciência nos mais limitados estágios de seu ser, o corpo.

Na pessoa ordinária o corpo é, em parte, o instrumento da alma e desde que o corpo é físico, mesmo se ele obedece a alma, sua ação é limitada. O corpo tem também uma lei de sua própria ação física que a alma não pode inteiramente controlar. Mas no ser gnóstico a lei do corpo e os movimentos do corpo são diretamente determinados pela Vontade e Espírito da Consciência-Verdade superior. É

precisamente por essa consciência espiritual que o corpo será tornado um "verdadeiro e pronto e perfeitamente responsivo instrumento do Espírito" (11).

O que é importante sobre a nova relação entre Espírito e corpo é "uma livre aceitação do todo da Natureza material em lugar de uma rejeição" (12). Uma liberação da identificação do ego com o corpo é um estágio necessário rumo a perfeição, mas se, ao invés, existe uma comunhão de espírito com matéria, uma reversão da presente interação da natureza corporal que permite à natureza física "velar" o Espírito de afirmar sua própria natureza, então pode existir uma união entre o poder gnóstico e a matéria. Desse ponto de vista a matéria pode ser vista como uma "forma e substância de Brahman" (13).

"O ser gnóstico utilizando a Matéria, mas utilizando-a sem desejo ou apego material ou vital, sentirá que ele está utilizando o Espírito nesta forma de si próprio com seu consentimento e sanção para seus próprios propósitos. Existirá nele um certo respeito por coisas físicas, um sentido de presença de... consciência nelas, de sua vontade cega de utilidade e serviço, ... um cuidado por um perfeito e não faltoso uso desse material divino, por um verdadeiro ritmo, ordenada harmonia, beleza na vida da Matéria, na utilização da Matéria." (14)

Como um resultado, mesmo a forma e a substância serão tornadas perfeitas, o corpo será preenchido com uma "suprema energia de Consciência-Força" que poderia expulsar a dor e o sofrimento e trazer o poder de Deleite (Ananda). Ananda é a matriz espiritual da qual desce a Supramente e será inerente na consciência gnóstica. Na medida em que o ser gnóstico evolui, o deleite universal cresce:

"Uma manifestação supramental em sua ascensão poderia ter como uma próxima seqüência e culminação de auto-resultado uma manifestação da Bem-aventurança de Brahman: a evolução do ser de gnose poderia ser seguida por uma evolução do ser de bem-aventurança; uma encarnação da existência gnóstica poderia ter como conseqüência uma encarnação da existência beatífica." (15)

A ascensão espiritual, então, traz consigo um deleite e uma força em ver com equanimidade todo prazer e dor. Essa força vai da mente para o vital e pode formar a si própria também no corpo. Sri Aurobindo denomina essa transformação supramental uma completa reversão de consciência, porque o princípio divino Ananda é capaz de transformar toda dor e prazer em uma integral expressão de bem-aventurança. A Supramente reconcilia essas dualidades de modo que uma unidade pode ser experienciada.

Duas questões que são importantes para nossa presente concepção de vida ainda precisam ser respondidas. Primeiramente, qual é o lugar da personalidade no ser gnóstico? Ordinariamente nós pensamos que o ego é nossa realidade pessoal e se esse ego desaparece na consciência transcendental ou universal, então nossa vida pessoal poderia parecer ser muito desinteressante e impessoal. Mas foi experiência de Sri Aurobindo que personalidade e impessoalidade não são princípios opostos afinal na consciência gnóstica; de fato, eles são aspectos inseparáveis da mesma realidade.

"Essa realidade não é o ego, mas o ser, que é impessoal e universal em sua substância de natureza, mas forma de si uma expressiva personalidade que é sua forma do si nas transformações da Natureza." (16)

Impessoalidade é a "original indiferenciada verdade das coisas, a pura substância da natureza do Ser, a Pessoa" (17). Diferenciando dinamicamente suas forças, a impessoalidade manifesta as variações da personalidade, por exemplo, a natureza de um guerreiro é coragem enquanto a natureza

de um amante é o amor; em si próprios, coragem e amor são poderes impessoais o que significa que dentro do guerreiro e amante pessoal está o impessoal e a pessoalidade é expressão daquela.

"O Divino, o Eterno, expressa a si próprio como existência, consciência, bem-aventurança, sabedoria, conhecimento, amor, beleza, e nós podemos imaginá-Lo como esses poderes universais e impessoais de si próprio, considerá-los como a natureza do Divino e Eterno; nós podemos dizer que Deus é Amor, Deus é Sabedoria, Deus é Verdade, ou Retidão: mas ele próprio não é um estado impessoal ou abstração de estados ou qualidades; ele é o Ser, ao mesmo tempo absoluto, universal e individual." (18)

Nessa luz parece não haver contradição na unidade da existência entre o Impessoal e o Pessoal. A Pessoa gnóstica é mais ampla que a personalidade individual e a amplidão flui para dentro da existência temporal resultando em uma expressão de auto-determinação.

A segunda questão que permanece é, se existe uma personalidade gnóstica que de alguma maneira é responsável por suas ações, qual é o papel da ética em relação a esse ser superior?

Para a pessoa ordinária a lei ou padrões de ética tem que ser impostos porque na maioria de nós existe uma força de separação, antagonismo, discórdia e contenda. Ética é meramente "uma construção do bem na Natureza que tem sido golpeada com o mal pelos poderes da escuridão nascidos da Ignorância" (19). Mas no ser gnóstico, onde a expressão é determinada pela verdade supramental, o problema da ética não existe. Esses problemas são criações de nossa ignorância mental enquanto nós buscamos por conhecimento. A vida e ações do ser gnóstico poderiam existir em conhecimento onde nenhum conflito de bem e mal se levanta:

"O poder de amor, de verdade, de correção, estarão lá, não como uma lei mentalmente construída, mas como a verdadeira substância e constituição da natureza e, pela integração do ser, necessariamente também a verdadeira substância e natureza constitutiva da ação. Para elevar-se a essa natureza de nosso verdadeiro ser, uma natureza de verdade e unidade espiritual, é a liberação atingida por uma evolução do ser espiritual; a evolução gnóstica nos dá o completo dinamismo desse retorno a nós mesmos." (20)

No ser supramental, onde a necessidade de padrões morais não mais existe, nenhuma lei de conduta pode ser imposta. Aqui os princípios de liberdade e ordem são basicamente unos; eles são dois aspectos da verdade espiritual e inerentes um ao outro. Embora esses princípios pareçam, em nossa vida ordinária, contraditórios, para o ser gnóstico ordem é espontânea e liberdade é a habilidade em seguir o conhecimento. Agir em ignorância seria estranho e uma pesada servidão desde que a consciência supramental é uma direta identidade da verdade das coisas:

"Toda gnose supramental é uma dupla consciência-Verdade, uma consciência de auto-conhecimento inerente e, por identidade de si e mundo, de íntimo conhecimento-de-mundo... Mas... ser, não conhecer, é o objeto da manifestação; conhecimento é a única instrumentação de uma operativa consciência do ser." (21)

E nisto repousa a liberdade do ser gnóstico. A libertação da lei moral é fundamentada inteiramente na unidade da vontade gnóstica com a vontade eterna. Nessa base, diz Sri Aurobindo, a necessidade de padrões morais não tem mais função. Não poderia haver nenhuma questão de egoísmo ou separação, porque tudo é visto e sentido como a unidade una e apenas o que o supremo bem e verdade decidir poderia ser feito. Em todos os atos gnósticos, a sabedoria do amor e compaixão universais poderia influenciar todos os humanos e tudo porventura vivendo na ignorância.

"Na parte não transformada da humanidade poderia muito bem surgir uma nova e maior ordem de seres humanos mentais; para o ser mental diretamente intuitivo ou parcialmente tornado intuitivo, mas não ainda gnóstico, para o ser mental diretamente ou parcialmente iluminado, poderia surgir o ser mental em direta ou parcial comunhão com o plano de pensamento superior: esses poderiam tornar-se mais e mais numerosos, mais e mais evoluídos e seguros em seu tipo e poderiam mesmo existir como uma raça formada de humanidade superior conduzindo para cima os menos evoluídos em uma verdadeira fraternidade nascida do sentido da manifestação do Divino Uno em todos os seres." (22)

"A criação ou reprodução revelatória do hemisfério superior de ser consciente na triplicidade inferior, a evolução aqui, embora permanecendo a mesma em seus graus e estágios, poderia ser submetida à lei de harmonia, a lei de unidade na diversidade e de diversidade elaborando unidade: poderia ser não mais uma evolução por luta; poderia tornar-se um desenvolvimento harmonioso de estágio para estágio, de menor para maior luz, de tipo para tipo superior do poder e beleza da auto-desenvolvedora existência." (23)

O sofrimento poderia não mais ser uma necessidade, uma vez que a força supramental tiver emergido da inconsciência. Esta mudança, diz Sri Aurobindo, poderia ser consumada quando a evolução supramental alcançasse a manifestação de Sachchidananda, a unidade superior de toda Existência-Consciência-Deleite.

## Capítulo 10

**A VIDA DIVINA NA TERRA**

Sri Aurobindo argumenta que se um Criador consciente deu significado à nossa existência, então este deve ser descoberto por uma revelação de Sua vontade; se contudo, "existe um Ser que é vir-a-ser, uma Realidade de existência que está desdobrando a si própria no Tempo, o que aquele ser, aquela realidade secretamente é, é o que temos que nos tornar, e assim nos tornarmos é o significado de nossa vida" (1). Se concordarmos com Sri Aurobindo na validade do segundo argumento, então podemos ver que nosso destino não é ser confinado eternamente à nossa presente vida, que é não finalizada e ainda em processo. E, se consciência é o "segredo central", vida é a indicação exterior do ser na matéria, pois é a vida que dá à consciência material sua forma, força e efeito. Mas a vida é ainda imperfeita e em evolução; "ela evolui por intermédio de crescimento de consciência assim como consciência evolui por maior organização e perfeição da vida: uma maior consciência significa uma maior vida" (2). Nós, como seres mentais temos uma vida imperfeita, porque nossa mente não é o mais alto poder de consciência. Para Sri Aurobindo, a essência da consciência é o poder de estar completamente alerta sobre si próprio e sobre seus objetos. A mente também está evoluindo para sua própria perfeição, que é para nós uma super-consciência e um estado tão alto que, se nossa mente fosse repentinamente transferida para ele, ela não poderia funcionar no início. Mas é em direção a essa super-consciência que nosso ser consciente está evoluindo; o que está para ser, na realidade está já envolvido em nós e irá emergir como um crescimento para um viver divino.

Sri Aurobindo considera toda vida espiritual um crescimento para um viver divino. É, portanto, difícil nesse processo distinguir exatamente onde a vida mental termina e a vida divina começa:

"Pois as duas projetam-se uma na outra e existe um longo espaço de suas existências conjuntas. Uma grande parte desse interespaço, - quando o impulso espiritual não se desliga inteiramente da terra ou mundo, - pode ser visto como o processo de uma vida mais alta em elaboração." (3)

Na medida em que a mente e a vida tornam-se mais e mais iluminadas, elas tomam para si e refletem a divindade e esta aumenta até que o "interespaço" é ultrapassado e toda a existência é unificada na consciência supramental. Essa iluminação re-cria e transforma todo o ser, mente, vida e corpo internamente e externamente, até que ele toma forma em uma vida coletiva de seres gnósticos assim como na vida de um indivíduo.

Sri Aurobindo vê o modo de vida gnóstico como a vida perfeita na terra; é um modo de vida que desenvolve instrumentos de conhecimento e ação no mundo para uma mais alta consciência na natureza física e assim fazendo, transforma os valores do mundo inteiro. Embora a vida externa mude radicalmente, a vida gnóstica deve ser "por sua verdadeira natureza voltada para dentro e não voltada para fora". É esta realidade interior que desenvolve a capacidade de usar a mente, vital e corpo como seus instrumentos; embora sentimento e ação sejam os meios para expressar a realidade. Se nossa consciência está muito exteriorizada nenhuma vida divina é possível.

"Em nossa presente vida de Natureza, em nossa exteriorizada existência de superfície, é o mundo que parece nos criar, mas na mudança para a vida espiritual somos nós que devemos criar a nós mesmos e nosso mundo." (4)

Mas somos puxados em direções opostas - de um lado para a perfeição interior e de outro para o mundo exterior. Mas Sri Aurobindo nos lembra outra e outra vez:

"Uma vida divina deve ser primeira e principalmente uma vida interior; pois desde que o exterior deve ser uma expressão daquilo que está dentro, não pode haver nenhuma divindade na existência exterior se não há a divinização do ser interior." (5)

Se a vida divina tornar-se nossa maior preocupação, uma mais feliz relação entre os mundos interior e exterior pode ser estabelecida. De qualquer maneira, como pode um mundo perfeito ser criado por seres imperfeitos? Não pode; o que é necessário é a emergência de uma vida divina na terra e esta é a aspiração da alma em nós. Ser e ser plenamente é a meta; mas ser plenamente é ser totalmente consciente de nosso ser. Nossa inconsciência e ignorância não são estados de total consciência alerta, portanto não ainda perfeitos.

"Todo ser é um e ser plenamente é ser tudo que é. Ser no ser do todo e incluir o todo no próprio ser, ser consciente da consciência do todo, ser integrado na força com a força universal, trazer toda ação e experiência em si próprio e sentir esta como ação e experiência de si próprio, sentir todos os sis como o próprio si, sentir todo deleite de ser como o próprio deleite de ser é uma condição necessária no viver divino integral." (6)

Nós devemos ser conscientes transcendentemente e universalmente, isto é, conscientes do "eterno ser sem tempo" de modo a não ser dependente de nosso corpo, vida ou do mundo. Para realizar essa identidade do si individual com o transcendente (Realidade Suprema), um voltar da consciência para dentro é necessário. Nossa consciência ordinária é voltada para fora e vê apenas a superfície das coisas. Ir para dentro é um movimento difícil que requer muita força de vontade, mas é o único modo de encontrar o próprio si e o si de outros. Pelo voltar-se para dentro nós podemos contatar a real vida universal e o transcendente, não contentar-se com apenas uma construção mental que nós temos a tendência de construir.

A vida divina, de acordo com Sri Aurobindo, tem três condições: 1) o preenchimento espiritual do impulso interior para a perfeição espiritual; 2) a perfeição da relação espiritual e pragmática do indivíduo com tudo; 3) uma mudança de toda vida da humanidade - um novo mundo. Esta última condição pede por mais que alguns poucos indivíduos agindo na massa não evoluída, ela pede por muitos indivíduos gnósticos formando a base para uma nova vida comum muito superior à nossa presente vida.

Para a pessoa mental ordinária, mecanização e padronização de tudo possível de modo a alcançar harmonia é o método empregado, mas nas comunidades gnósticas não haverá nenhuma tentativa feita para obter uma uniformidade artificial; em vez disso, haverá uma vida integral de diversidade livre entre comunidades. Mas essa liberdade será uma cooperação, não uma discórdia de oposição:

"O ser gnóstico poderia sentir uma única Força consoante da super-natureza agindo em tudo: ... ele poderia não estar sob nenhum impulso ou compulsão para colocar o poder e conhecimento nele contra o poder e conhecimento em outros ou afirmar a si próprio como um ego lutando contra outros egos. Pois o si espiritual tem sua própria inalienável alegria e plenitude inviolável em todas as condições, sua própria infinitude de verdade de ser que ele sente sempre em plenitude qualquer que seja a formulação externa." (7)

A vida divina é uma vida de super-razão e super-natureza. Aqui a harmonia é atingida por espiritualidade consciente e um intercâmbio espiritual da natureza. Essa harmonia é espontânea e mais duradoura que qualquer outra que possa ser alcançada por meios mentais. A mente moderna, sustenta Sri Aurobindo, não considera admissível uma evolução de poderes de consciência inatos e latentes ainda não desenvolvidos porque esses vão além de nossas pré-concepções da natureza e parecem pertencer a algum reino supernatural, isto é, eles excedem a ação que nós conhecemos da energia material que é aceita como a causa das coisas no mundo. Mais que super-natureza fora do

reino da natureza, contudo, essa evolução "poderia ser uma super-natureza ou natureza superior para a nossa assim como a natureza humana é uma super-natureza ou uma natureza superior a aquelas dos animais ou plantas ou objetos materiais" (8). Nosso uso da fala, razão, filosofia, ciências e outras descobertas são uma evolução que ocorreu, ainda que se estivéssemos dentro das limitações da consciência animal estas poderiam parecer impossíveis. É realmente irracional, pergunta Sri Aurobindo, supor que esses começos rudimentares poderiam conduzir a um mais alto desenvolvimento na evolução?

Freqüentemente na experiência mística se desenvolvem novos poderes de consciência que não são encontrados em nossa vida mental ordinária. Tais poderes são freqüentemente desaconselhados de serem buscados, pois sua posse pode criar um ego inflado e isso poderia impedir qualquer progresso espiritual verdadeiro. Mas Sri Aurobindo diz que quando novas faculdades e poderes vêm como um transbordamento de uma maior consciência que é parte do verdadeiro ser em nós, então nós não devemos rejeitá-los porque eles são um natural e espontâneo produto da nova consciência que está evoluindo.

"O ser gnóstico aceitando a vida gnóstica poderia desenvolver e usar os poderes dessa maior consciência, assim como o homem desenvolve e usa os poderes de sua natureza mental." (9)

O conhecimento da Supramente que está incompleto em nós agora é inerente na natureza gnóstica e poderia ser completamente natural para uma comunidade de seres gnósticos.

Se esse é o destino evolucionário, nós ainda necessitamos ver onde estamos nesse passo particular no processo evolucionário. Existe, como vimos, Uma aspiração humana em direção a uma perfeição pessoal e uma perfeição de toda humanidade, mas nós progredimos em um confuso "conhecimento semi-iluminado". Por isso experienciamos desarmonia entre três princípios de nossos ideais: 1) a perfectibilidade do indivíduo; 2) a perfectibilidade da sociedade; e 3) as melhores relações entre indivíduo e sociedade e de sociedade com sociedade. Algumas vezes colocamos predominância no indivíduo, outras vezes na sociedade, e algumas vezes enfatizamos a relação do indivíduo para com a humanidade como um todo.

O passo evolucionário onde estamos agora parece ser a divisão em dois campos mutuamente hostis - individualismo e socialismo. De um lado somos encorajados a descobrir e perseguir nosso próprio desenvolvimento e, de outro, somos encorajados a subordinarmos-nos à sociedade. "O princípio do si e seu interesse é confrontado e oposto pelo princípio do altruísmo" (10). O estado demanda obediência a si próprio como uma divindade; como indivíduos temos que manter nossos direitos, ideais e consciência:

"É evidente que todo esse conflito de padrões é um tatear da Ignorância mental buscando encontrar seu caminho e alcançando diferentes lados da verdade, mas incapaz, por seu desejo de integralidade em conhecimento, de harmonizá-los conjuntamente." (11)

O conhecimento da unidade que pode mostrar-nos o verdadeiro caminho é um princípio dentro de nós mesmos e, quando o encontrarmos, o conflito será solucionado. Cada um de nós é um ser em transição; temos sido menos que humanos e podemos nos tornar mais que humanos. O universo encontra a si próprio por intermédio de nós assim como encontramos a nós mesmos no universo. Sri Aurobindo considera o indivíduo a "chave do movimento evolucionário; pois é o indivíduo quem encontra a si próprio, quem se torna consciente da Realidade" (12). A coletividade é principalmente um "movimento de massa subconsciente" que deve expressar a si próprio por intermédio de indivíduos se tiver que se tornar consciente. A massa na sociedade é sempre menos evoluída que alguns dos indivíduos mais desenvolvidos. A sociedade pode progredir somente na medida em que

aceita a impressão de certas pessoas avançadas. Segue-se que o indivíduo deve lealdade não à sociedade de massas, mas apenas à verdade.

"Para o indivíduo desperto a realização dessa verdade do ser e sua liberação e perfeição interior deve ser sua busca primária, - primeiro, porque este é o chamado do Espírito dentro dele, mas também porque é apenas por liberação e perfeição e realização da verdade do ser que o homem pode chegar à verdade da vida." (13)

O único modo, então, para que uma perfeita sociedade possa existir é por seus indivíduos aperfeiçoados. Sri Aurobindo insiste que essa perfeição pode vir apenas pela descoberta em cada um de nós de nosso próprio ser espiritual juntamente com a afirmação da unidade espiritual em todos. Mas nossa natureza é tão complexa que é difícil encontrar unidade perfeita.

A vida material é a primeira base evolucionária para ambos, natureza e nós mesmos, e se recusarmos a procurar além da existência material e vital, não pode haver nenhuma evolução para nós. Precisamos encontrar nossa individualidade e aperfeiçoar a nós mesmos tanto individualmente quanto socialmente como seres mentais em uma vida material:

"Além e acima dessa preocupação, tão logo a mente esteja suficientemente desenvolvida, desperta no homem a preocupação espiritual, a descoberta de um si e da verdade interior do ser e a liberação da mente e vida do homem para a verdade do Espírito." (14)

De fato, diz Sri Aurobindo, a insistência na vida material e econômica é uma reversão ao nosso estado e preocupação bárbaros com apenas a vida e a matéria. O desenvolvimento espiritual é deixado para trás e é por isso que a evolução está cheia de perigos; esse ressurgir do velho barbarismo material em uma forma civilizada significa que a ciência colocou à nossa disposição uma vida material que poderia cristalizar-se em uma "vida social estável, confortável e mecanizada sem ideal ou cuidado" (15). Embora a faculdade da razão seja um passo necessário na evolução, ela não pode por si própria manter a humanidade em progresso; "pois é a necessidade espiritual interior, o impulso daquilo que está lá ainda não realizado dentro dele, que mantém nele, uma vez que tenha chegado à mente, a pressão evolucionária, o esforço espiritual" (16). Se a força espiritual é rejeitada, nós podemos apenas retroceder e começar tudo outra vez ou, diz Sri Aurobindo, podemos desaparecer como outras formas evolucionárias. No melhor dos casos nós "permaneceremos confinados em alguma espécie de perfeição mediana, como outras espécies animais" (77) enquanto a evolução prossegue além de nós.

"No presente, a humanidade está passando por uma crise evolucionária na qual está oculta uma escolha de seu destino; pois um estágio foi atingido no qual a mente humana alcançou em certas direções um enorme desenvolvimento enquanto em outras permanece presa e confusa e não pode mais encontrar seu caminho." (18)

A civilização que nós criamos é muito complexa para nossas presentes limitações mentais e espirituais, e é perigosa porque é serva de nosso ego:

"Tudo que está aí é um caos de idéias mentais conflitantes, impulsos de necessidades e desejos físicos individuais e coletivos, clamores e desejos vitais, impulsos de uma ignorante atração pela vida, desejos ardentes e chamados para satisfação da vida de indivíduos, classes, nações, um rico fungo de noções e remédios políticos e sociais e econômicos, uma confusa mistura de slogans e panacéias para as quais os homens estão prontos para oprimir e serem oprimidos, para matar e serem mortos, para impô-las de alguma maneira ou pelos imensos e tão formidáveis meios postos a sua disposição, na crença de que este é o seu caminho para algo ideal." (19)

Desde que razão e ciência são limitadas à padronização das coisas em um mecanizado modo de vida, parece óbvio que uma mudança é necessária. Se temos que encarar nossos egos e superá-los, poderíamos tentar ver a Alma Divina e Supramente dentro de nosso ser e além do conflito da competição.

Sri Aurobindo afirma a possibilidade de a sociedade retornar à idéia religiosa, mas ele diz que a religião organizada não pode realmente mudar a vida e a sociedade porque ela tem que comprometer-se com as massas da humanidade e não pode se concentrar na transformação do ser total. Usualmente as religiões organizadas baseiam sua estrutura em padrões éticos; isto significa que seus membros devem conformar-se à instituição, suas cerimônias e rituais e isto não pode criar um novo princípio de existência humana nem outra vez transformar o todo. "Apenas uma total direção espiritual conferida a toda vida e toda natureza pode elevar a humanidade além de si própria" (20). Mesmo se a sociedade tiver que ser guiada por pessoas de aptidão espiritual, ela provavelmente não seria bem sucedida, pois nossos egos são muito fortes para uma idéia religiosa trabalhando na mente e a mente é muito fraca para superar o ego.

"É apenas a plena emergência da alma, ... a transformação e elevação de nossa insuficiente natureza mental e vital por uma super-natureza espiritual e supramental que pode efetuar esse milagre evolucionário." (21)

Essa mudança não está fora de nosso alcance, diz Sri Aurobindo, ela está dentro de nosso próprio ser. A evolução pressiona em direção a um despertar para a Supramente e Alma Divina, pois esse é um passo que tem sido preparado e é trazido mais perto em tempos de crise. Nesse ponto crítico alguns irão sentir a tensão e voltar-se para a mudança espiritual.

Existe então uma necessidade por uma vida divina integral onde será dado maior valor à unidade espiritual do que a análises mentais, ação vital ou materialismo físico. O mundo que é ordinariamente visto do ponto de vista do ego e desejo será substituído na vida divina pela visão do verdadeiro indivíduo e comunidade gnóstica. Todos os nossos conflitos irão desaparecer, "mas aquilo que é verdade por detrás deles irá permanecer na vida da Super-natureza" (22).

"O ser gnóstico não aceitará os padrões e ideais da mente; ele não será conduzido a viver para si próprio, para seu ego, ou para a humanidade ou para outros ou para a comunidade ou para o Estado; pois ele estará consciente de algo maior que essas meias-verdades, a Realidade Divina, e será para ela que ele irá viver, para Sua vontade em si próprio e em todos, em um espírito de ampla universalidade, na luz da vontade da Transcendência." (23)

O ser gnóstico é um com todos. Individualismo e coletivismo podem ter valor apenas na medida em que a Realidade Divina é expressada; essa Realidade não pode ser substituída pelo estado, humanidade, comunidades ou indivíduos. Agindo como uma força livre com respeito para a verdade, o ser gnóstico poderia viver em paz; música, artes e habilidades poderiam ser expressões de beleza e verdade, a vida e o corpo poderiam conhecer a alegria da pureza e auto-domínio. A vida divina, insiste Sri Aurobindo, não é o que usualmente é imaginado como ascética, estéril e enfadonha:

"... auto-expressão poderia manifestar-se por intermédio de extrema simplicidade ou extrema complexidade e opulência ou em seu equilíbrio natural, - pois beleza e plenitude, uma oculta doçura e sorriso nas coisas, um resplandecer e contentamento da vida são também poderes e expressões do Espírito." (24)

No ser gnóstico tanto o espírito interior como o mundo exterior determinam a vida e permitem várias diversidades através de harmonia e ordem. A vida supramental não deve ser confundida com

a idéia mental do "super-homem" que é meramente um ápice da vida ordinária, "não em espécie, mas em grau da mesma espécie, por uma ampliada personalidade... exagerado ego... aumentado poder de mente" (25) e força dinâmica. Esse é o jogo de ignorância e dominação, que Sri Aurobindo chama uma espécie de "loira" ou "besta escura", uma reversão em lugar de evolução. Isso poderia ser uma exibição do mesmo poder que nosso mundo teve tão freqüentemente no passado. A vida divina será algo muito mais simples e, contudo, mais difícil:

"... não uma super-humanidade egoística prendendo a humanidade por um domínio mental e vital, mas a soberania do Espírito sobre seus próprios instrumentos, sua posse de si próprio e sua posse da vida no poder do espírito, uma nova consciência na qual a própria humanidade irá encontrar seu próprio auto-exceder e auto-preenchimento pela revelação da divindade que está buscando nascer dentro dela. Esta é a única verdadeira super-humanidade e a única real possibilidade de um passo à frente na Natureza evolucionária." (26)

A alma involuiu na ignorância para a aventura e deleite da descoberta e conquista do desconhecido. Por causa de nossa ignorância nós pensamos que a existência sem prazer e dor, sucesso e frustração, felicidade e tristeza e lutas poderia ser vazia de variações, desagradável e desinteressante.

"Este é um engano; pois uma entrada na consciência gnóstica seria uma entrada no infinito. Seria uma auto-criação trazendo o Infinito infinitamente em formas de ser, e o interesse do Infinito é muito maior e múltiplo tanto quanto mais imperecivelmente deleitoso que o interesse do finito. A evolução em Conhecimento seria uma manifestação mais gloriosa e bela com mais vistas sempre desenvolvendo a si próprias e mais intensas em todas as maneiras que qualquer evolução poderia ser na ignorância... A manifestação gnóstica da vida poderia ser mais plena e frutífera e seus interesses mais vívidos que o interesse criativo da Ignorância." (27)

Os dois termos chaves na evolução do ser são consciência e vida, e somente se a meta da evolução é a vida divina onde nós experienciamos o transcendente, universal e individual, pode esta ser inteligível. A Realidade, diz Sri Aurobindo, retorna a Si própria e para auxiliar este retorno não apenas a natureza interior, mas a natureza exterior tanto individual como universal, devem ser transformadas. É esta transição - da ignorância para o conhecimento da divindade das coisas - que nossa humanidade torna possível.

## REFERÊNCIAS

As referências aos trabalhos de Sri Aurobindo são dos seguintes volumes do "Sri Aurobindo's Birth Centenary Library":

Vol. 1: Bande Mataram

Vol. 2: Karmayogin

Vol. 13: Essays on the Gita

Vol. 15: Social and Political Thought

Vol. 18-19: The Life Divine

Vol. 22: Letters on Yoga

Vol. 25: The Mother

Vol. 28-29: Savitri

### Introdução

1. A.B. Purani, *The Life of Sri Aurobindo*, a source book (Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram, 1964), p. 5.

2. Vol 22, p. 121.

3. Satprem, *Sri Aurobindo or The Adventure of Consciousness* (New York: India Library Society, 1964), p. 33.

4. *Ibid.*, p. 139.

5. Vol. 26, p. 83.

6. *Adwaita Vedanta: Vedantic Monists*. O sistema de filosofia é baseado nas escrituras Védicas, que se baseiam inteiramente na intuição e experiência espiritual da sabedoria.

7. Vol. 26, pp. 83-84.

8. Vol. 26, p. 101.

9. Keshavmurti, *Sri Aurobindo: The Hope of Man*, pp. 137-8.

10. Purani, p. 132.

11. *Ibid.*

12. Vol. 13, p. 41.

13. Purani, p. 134.

14. Beatrice Bruteau, *The Reality and Value of the World in the Philosophy of Sri Aurobindo* (dissertação não publicada, Ford Ham University 1969), p. 10.

15. Vol. 28, p. 42.

16. Vol. 29, p. 541.

17. Keshavmurti, pp. 211-12.

18. Satprem, p. 259.

19. Purani, p. 181.

20. Vol. 26, p. 455.

21. Vol. 18, p. 378.

22. Bruteau, p. 25.

23. Satprem, pp. 280-81.

24. Vol. 26, pp. 143-44.

25. *Ibid.*, pp. 153-54.

26. Keshavmurti, p. 283.

27. *Ibid.*, pp. 319-22.

28. *Ibid.*, p. 331.

29. Divulgação escrita do Ashram, 24 de Abril de 1956.

### Capítulo 2: A Realidade Onipresente

1. Vol. 18, p. 7.

2. *Ibid.*, p. 12.

3. *Ibid.*, p. 20.

4. *Ibid.*,

5. *Ibid.*, p. 40.

6. *Ibid.*,

7. Ishwara: "O Divino como Senhor e Legislador Onipotente; Senhor; Deus, como Senhor da Natureza; o Si cósmico; a Realidade eterna manifestando a si própria em relação ao mundo fenomenal. Ishwara é Brahman, a Realidade, revelado como o possuidor, o usufruidor de sua própria auto-existência, criador do universo e um com ele".

Sri Aurobindo, *Glossary of Sanskrit terms in The Life Divine*, p. 15.

8. Vol. 18, p. 324.

9. Sachchidananda: Quando a palavra está separada para mostrar seus aspectos, é pronunciada Sat-Chit-Ananda. Sri Aurobindo usualmente a pronuncia Sachchidananda.

10. Vol. 18, p. 21.

11. *Ibid.*, p. 27 f.n.

12. *Ibid.*, p. 29.

13. *Ibid.*, p. 362.

14. *Ibid.*, p. 363.

15. Vol. 25, p. 20.

16. Tantra: um sistema de Yoga que sustenta um princípio feminino como executivo no universo.

17. Vol. 25, p. 21.

18. Vol. 18, p. 36.

19. Ibid., p. 95.

20. Ibid., p. 96.

21. Ibid., p. 99.

22. Ibid., p. 112.

23. Ibid., p. 112.

24. Ibid., p. 112.

25. Ibid., pp. 113-14.

### Capítulo 3: Maya Superior e Maya Inferior

1. Vol. 18, p. 114.

2. "Maya significa para eles o poder da consciência infinita em compreender, conter em si própria e abarcar... formar... Nomear e Moldar a vasta e ilimitável Verdade da existência infinita. é por Maya que a verdade estática do ser essencial torna-se verdade ordenada do ser ativo..." (Ibid., p. 115.).

3. Ibid., p. 28.

4. Ibid., p. 75.

5. Ibid., p. 76.

6. Ibid., pp. 77-78.

7. Ibid., p. 78.

8. Ibid., p. 84.

9. Ibid., p. 85.

10. 11. 12. 13. Ibid., p. 82.

14. Ibid., p. 84.

15. 16. 17. Ibid., p. 85.

18. Ibid., p. 86.

19. Ibid., pp. 86-67.

20. 21. Ibid., p. 89.

22. Vol. 25, pp. 19-20.

23. Vol. 18, p. 91.

24. Ibid., p. 92.

25. Ibid., p. 93.

26. Ibid., p. 94.

27. Ibid., p. 95.

28. 29. Ibid., p. 96.

30. Ibid., p. 99.

31. Ibid., p. 107.

32. Ibid., p. 105.

33. 34. Ibid., p. 110.

35. Ibid., pp. 110-11.

37. Ibid., p. 117.

38. Ibid., p. 189.

39. Ibid., p. 190.

40. Ibid., p. 184.

42. Ibid., p. 201.

43. Ibid., p. 202.

44. 45. Ibid., p.234.

46. Ibid., p. 235.

47. Ibid., p. 263.

48. Ibid., pp. 235-36.

49. Ibid., p. 239.

### Capítulo 4: Supramente

1. Vol. 18, p. 126.

2. Ibid., p. 117.

3. 4. Ibid., p. 143.

5. Ibid., p. 146.

6. 7. Ibid., p. 147.

8. Ibid., p. 154.

9. Ibid., pp. 147-48.

10. 11. Ibid., p. 279.

12. Ibid., p. 280.

13. Ibid., p. 283.

14. Ibid., pp. 286-87.

15. Ibid., p. 66.

16. Ibid., p. 67.

17. Ibid., p. 274.

18. Vol. 19, p. 948.

19. 20. Ibid., p. 949.

21. Ibid., p. 944.

22. Ibid., p. 945.

23. 24. Ibid., p. 939.

25. Ibid., p. 940.

26. Ibid., p. 941.

27. Ibid., p. 944.

28. Vol. 18, p. 166.

29. 30. Ibid., p. 167.

31. Ibid., p. 263.

32. Ibid., pp. 263-64.

33. Ibid., p. 264.

34. Ibid., p. 220.

35. Ibid., p. 220.

36. Ibid., p. 223.

37. Ibid., p. 230.

38. Ibid., p. 264.

39. Ibid., p. 267.

40. Ibid., p. 269.

## Capítulo 5: Involução e Ignorância

1. Vol. 18, p. 3.
2. 3. Ibid., p. 188.
4. Ibid., p. 301.
5. Ibid., p. 304.
6. Ibid., pp. 140-41.
7. Ibid., p. 141.
8. Ibid., pp. 485-86.
9. Ibid., p. 486.
10. Ibid., p. 499.
11. Ibid., pp. 499-500.
12. Ibid., pp. 564-65.
13. Ibid., p. 566.

14. Ibid., p. 567.
15. Ibid., p. 571.
16. Ibid., p. 573.
17. Ibid., p. 576.
18. Ibid., p. 578.
19. Ibid., p. 579.
20. Ibid., p. 580.
21. Ibid., p. 582.
22. Ibid., p. 587.
23. Ibid., p. 589.
24. Ibid., pp. 594-95.

## Capítulo 6: Evolução

1. Vol. 19, pp. 641-42.
2. Ibid., p. 705.
3. Ibid., p. 917.
4. Ibid., p. 711.
5. Ibid., p. 712.
6. Ibid., p. 713.
7. Ibid., p. 717.
8. Ibid., p. 717.
9. Ibid., p. 718.
10. Ibid., p. 719.
11. Ibid., p. 843.
12. Ibid., p. 851.
13. Ibid., pp. 841-42.
14. Ibid., p. 842.
15. 16. Vol. 18, p. 220.
17. 18. Ibid., p. 225.
19. 20. Ibid., p. 226.
21. "O termo 'psíquico' em nossa fala ordinária é mais freqüentemente empregado em referência a essa alma-de-desejo do que em referência ao verdadeiro psíquico. É ainda empregada mais diversamente em

referência a fenômenos psicológicos e outros de caráter anormal ou super-normal, que são realmente conectados à mente interior, vital interior, ser físico sutil em nós e que, contudo, não são operações diretas do psíquico. Mesmo fenômenos como materialização e desmaterialização são incluídos, embora, se estabelecidos, eles evidentemente não seriam ação da alma e não poderiam lançar qualquer luz sobre a natureza ou existência da entidade psíquica, mas poderiam ser uma ação anormal de uma energia física sutil oculta intervindo no estado ordinário do corpo grosseiro das coisas, reduzindo à sua própria condição sutil e novamente reconstituindo em termos de matéria grosseira." Ibid., p. 226.

22. Ibid., p. 219.
23. Ibid., p. 230.
24. Vol. 15, p. 111.
25. Vol. 19, p. 1058.
26. Ibid., p. 1059.

## Capítulo 7: Renascimento e Karma

1. 2. Vol. 19, p. 755.
3. Ibid., p. 756.
4. Ibid., p. 758.
5. Ibid., p. 759.

6. Ibid., pp. 762-63.
7. Vol. 16, p. 119.
8. Ibid., p. 145.

## Capítulo 8: Transformação

- |   |  |
|---|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. 2. Vol. 19, p. 891.</li> <li>3. Ibid., p. 895.</li> <li>4. Ibid., p. 902.</li> <li>5. Ibid., pp. 902-3.</li> <li>6. 7. Ibid., p. 903.</li> <li>8. Ibid., pp. 903-4.</li> <li>9. Ibid., p. 910.</li> <li>10. Ibid., p. 911.</li> <li>11. 12. Ibid., p. 912.</li> <li>13. Ibid., pp. 917-18.</li> <li>14. Ibid., p. 918.</li> <li>15. Ibid., p. 920.</li> <li>16. Ibid., p. 921.</li> <li>17. Ibid., p. 922.</li> <li>18. 19. Ibid., p. 929.</li> <li>20. Ibid., p. 931.</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>21. Ibid., p. 932.</li> <li>22. Ibid., p. 938.</li> <li>23. Ibid., p. 939.</li> <li>24. Ibid., p. 940.</li> <li>25. Ibid., p. 941.</li> <li>26. 27. Ibid., p. 944.</li> <li>28. Ibid., p. 945.</li> <li>29. 30. Ibid., p. 946.</li> <li>31. Ibid., p. 948.</li> <li>32. Ibid., p. 949.</li> <li>33. 34. 35. Ibid., p. 950.</li> <li>36. Ibid., pp. 951-52.</li> <li>37. Ibid., pp. 952-53.</li> <li>38. Ibid., p. 953.</li> <li>39. Ibid., p. 954.</li> <li>40. Ibid., p. 962.</li> </ol> |
|---|--|

## Capítulo 9: O Ser Gnóstico

- |   |   |
|---|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. 2. Vol. 19, p. 965.</li> <li>3. Ibid., p. 967.</li> <li>4. Ibid., p. 969.</li> <li>5. Ibid., p. 971.</li> <li>6. 7. Ibid., p. 974.</li> <li>8. Ibid., p. 977.</li> <li>9. Ibid., p. 982.</li> <li>10. Ibid., p. 984.</li> <li>11. 12. 13. Ibid., p. 986.</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>14. Ibid., p. 987.</li> <li>15. Ibid., p. 990.</li> <li>16. Ibid., pp. 992-93.</li> <li>17. 18. Ibid., p. 993.</li> <li>19. 20. Ibid., p. 997.</li> <li>21. Ibid., p. 1008.</li> <li>22. Ibid., pp. 1012-13.</li> <li>23. Ibid., p. 1013.</li> </ol> |
|---|---|

## Capítulo 10: A Vida Divina Na Terra

- |   |   |
|---|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Vol. 19, p. 1016.</li> <li>2. 3. Ibid., p. 1018.</li> <li>4. Ibid., p. 1020.</li> <li>5. Ibid., p. 1023.</li> <li>6. Ibid., p. 1025.</li> <li>7. Ibid., pp. 1032-33.</li> <li>8. Ibid., p. 1042.</li> <li>9. Ibid., p. 1043.</li> <li>10. 11. Ibid., p. 1048.</li> <li>12. Ibid., p. 1050.</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>13. Ibid., pp. 1050-51.</li> <li>14. Ibid., p. 1051.</li> <li>15. 16. 17. 18. Ibid., p.1053.</li> <li>19. Ibid., p. 1054.</li> <li>20. 21. Ibid., p. 1059.</li> <li>22. Ibid., p. 1064.</li> <li>23. Ibid., p. 1065.</li> <li>24. 25. Ibid., p. 1067.</li> <li>26. Ibid., p. 1068.</li> <li>27. Ibid., p. 1060.</li> </ol> |
|---|---|



